

300

O MONARCA DAS COXILHAS

Pernambuco—Typ. do Jornal do Recife—1867.

MONARCHA DAS COXILHAS

DRAMA EM TRES ACTOS

DE COSTUMES DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL
NO IMPERIO DO BRASIL

ORIGINAL DE

CESAR DE LACERDA

RECIFE

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO RECIFE

Rua do Imperador n. 77

1867

AO RESPETTAVEL

CORPO DO COMMERCIO

DA CIDADE

DE

PERNAMBUCO

D. e O.

O autor

Senhores.

Tenho uma qualidade, nativa — creio eu, desenvolvida e fortificada por meu honrado pai, que certamente aos pés de Deus, ouve-me agora com prazer, e exulta, vendo-me pagar uma divida de affecto. Esta qualidade é — a gratidão.

Costumado a ver o artista por outro prisma, muito differente d'esse por onde geralmente o vêem, não é só dos applausos, com que me honraes, que nasce a minha gratidão; não é da vossa concorrencia ao meu espectáculo n'essa noite de *festa artistica*, a que, desgraçadamente, ainda se chama em thechnologia theatral — *beneficio*: é da maneira cavalheirosa, da urbanidade com que fui por vós recebido. Portador de algumas cartas de *apresentação*, que, por acaso ou providencia, eram de homens de commercio para seus collegas, recebestes-me como amigo e não unicamente como *apresentado*. E' que o illustre commercio d'esta cidade, não só a nobilita com seu *credito*, mas até com a exemplificação constante de que a hospitalidade é a pedra de toque da civilisação em qualquer paiz. Se como actor tenho obtido a ventura de vossos applausos; se como escriptor já, antes de aqui chegar, me hayeis honrado com vossas palmas, como homem tendes-me dado provas tão inequivocas de

bondade e sympathia, que serão uma saudosa recordação toda a minha vida. Na classe que os preconceitos sociaes ainda hoje, desgraçadamente, verbera com o que quer que seja de menos consideração, entendestes que podiam haver homens de bem, como sois: honra a vós, que assim comprehendes o seculo e honraes os artistas! E' disto que vos sou grato: da consideração que tendes dado, vós — *homens do commercio*, ao actor estrangeiro, n'esses pequenos offercimentos, n'esses pequenos *nadas*, que para mim teem muito valor. O chapéo do oppulento negociante que sahe delicadamente da cabeça para retribuir o cumprimento do artista; a mão do honrado homem do commercio que aperta affectuosamente a do actor, são outros tantos alvarás de honestidade que me passaes; são os meus diplomas de homem de bem. Venho hoje pagar os meus *direitos de mercê*; é a dedicatória do meu drama, o primeiro que escrevo em terras do Brasil, e que ficará para ahi como padrão, embora mesquinho, do reconhecimento que vos protesta o vosso

AMIGO E CRIADO AFFECTUOSO.

C. de Lacerda.

Pernambuco, 13 de Julho de 1867.

O MONARCA DAS COXILHAS

PERSONAGENS

O CORONEL ESTANISLAU rico estancieiro e xarqueador 60 annos.	
JABUTA' seu feitor	37 »
DR. CLAUDINO filho do coronel	30 »
ABILIO MARUGIPE proprietario e xarqueador	39 »
JOSÉ CRAVEL engenheiro civil	28 »
LEÃO, negro, pagem do coronel	28 »
JOÃO capataz dos tropeiros	40 »
SILVINA filha do coronel	24 »
D. ELPIDIA viuva, rica estancieira	40 »
D. THERESA MARUGIPE mãe de Abilio	65 »
BRAULIA parda, mocamba de Silvina	23 »
UM GAUXO guerrilheiro do estado-oriental	30 »
Tropeiros da estancia do coronel Estanislau.	
Guerrilheiros do Estado Oriental. (Blancos)	

A acção passa-se no Rio Grande do Sul (provincia do Brazil) proximo da cidade de Jaguarão: começa em 1864 e acaba em 1865.

N. B. -- Todas as indicações são tomadas do lado do espectador. -- Para a technologia e giria do tropeiro e xarqueador, recorrer ás notas, que vão no fim do drama: -- da mesma fórma os vestuários nos differentes actos.

O autor recorrerá inexoravelmente á protecção das leis contra, seja quem quer que fôr, que representar este drama, sem sua autorisação.

Pernambuco, Julho de 1867.

Vale — C. DE LACERDA.

O MONARCHA DAS COXILHAS

ACTO PRIMEIRO

O claro do principio de uma grande matta, que figura prolongar-se para a direita. Ao fundo, muito longe, vêem-se algumas casas de construcção rustica. Alguns troncos de arvores caídos pela scena. A vegetação é sombria e grandiosa. Corre á esquerda-fundo uma fonte natural, cujas aguas, formando riacho, vão-se prolongando e sumindo-se na esquerda-meio. Grossos cipós pendem á direita-baixa, difficultando a entrada por esse lado. Plantas parasytas e algumas bananeiras bravas, mais engrossam toda a direita da scena. Tapete figurando terra calcada, e alguns brôtos de erva. -- E' dia claro, ás 11 meia.

SCENA I.

Ao levantar o panno a scena está deserta. Ouve-se ao longe, para a esquerda-fundo, a toada melancolica dos xarqueadores e negros do trabalho, cantando em côro. As vozes somein-se a pouco e pouco na distancia.

BRAULIA, entrando apressadamente e observando a scena com certo susto.

Ainda não veio! Se *nhôr* [1] Coronel dá por minha falta na *estancia*, [2] póde desconfiar. . . . Almas bemditas permittam que acabe de uma vez esta *teimação* de *nhô* Marugipe. E se *sinhá* [3] Silvina vai mostrar as cartas a *papai*? . . . Senhor sim, que estou *vexada*! [4] Pobre captiva, que te mata o Coronel! (Depois de silencio, percorrendo a scena) Elle sem vir!

SCENA II

BRAULIA e ABILIO

ABILIO, afastando os cipós da direita, e entrando em scena sem Braulia ver, chega-se pé-ante-pé e dá-lhe um beijo no pescoço.

BRAULIA, dando um grito.

Ai!!

ABILIO, segurando-a pela mão.

Foi *cobra-coral* [5] que te mordeu minha linda *mocamba?* [6]

BRAULIA, retirando a mão.

Nhó-nhó [7] me deixe, e arreceba o que trago que tenho pressa.

ABILIO.

O que trazes!? (ancioso) Respondeu? E' uma carta?

BRAULIA.

Nhêr sim; (procurando no scio) é um papel *escrivido*.

ABILIO.

Depressa! avia-te! da-m'o!

BRAULIA, dando-lhe um papel pequeno e amarrado.

Aqui está.

ABILIO, tomando-o.

Que papel ordinario. . . . e escripto a lapis!
O' rapariga, tua senhora não tem de outro papel, nem tinteiro, na *estancia?*

BRAULIA.

Nhór tem; mas ella escreveu mesmo assim para desprezo de vossê, *nhó-nhó*.

ABILIO.

Que dizes, *mocamba*? Atrevida!

BRAULIA, altivamente.

Digo a verdade môço! *Sinhá* despreza vossê.

ABILIO, lendo com difficuldade.

« Desprezo tanto as suas ameaças, como des-
 « prezo isso a qué chama amor. Podia tolerar a
 « sua insistencia, podia deplorar-lh'a, em quanto
 « não passasse as raias do decoro: desde, porém,
 « que ousa ameaçar-me, prohibo-lhe expressamente
 « que me derija uma só palavra, e, muito menos,
 « uma letra. Do contrario, como *não quero ser in-*
 « *commodada* por mais tempo, direi tudo a *papai*,
 « que lhe tomará estrictas contas das suas pala-
 « vas de ameaça. Para evitar um conflicto ine-
 « vitavel com *papai* é que me tenho callado até
 « hoje. D'ora avante sou eu que o ameaço, ao se-
 « nhór! Cuidado! Todos sabem quem é o Coronel
 « Estanislau. » (Guardando o papel e depois de silencio)
 Muito bem! Para uma primeira resposta a carta
 de amores, é de fortuna! Escreve bem, a môça.

BRAULIA, com simplicidade.

Sinhá foi educada no Rio de Janeiro.

ABILIO, deixando apparecer um vislumbre de colera.

Cala-te, rapariga! (depois de silencio) Vae embora!

BRAULIA.

Nhôr sim. (Vae para sahir)

ABILIO, quando ella vai quasi a desaparecer, voltando-se.

Mocamba!

BRAULIA, parando.

Nhôr môço?

ABILIO, depois de silencio, pegando-lhe na mão e trazendo-a docemente á bocca da scena.

Vamos lá, Braulia!. desculpa os meus arrebatamentos; mas tu bem vêes que... Dize lá, Braulia: tua senhora tem mesmo muita raiva de mim?

BRAULIA.

Nhó-nhó não vê isso ahi no papel?

ABILIO.

Vejo... isto é, não vejo, não. Já desesperado do seu silencio, na ultima carta que lhe entregaste dizia-lhe eu... sei lá! — dizia-lhe que a desesperação podia levar-me a commetter alguma violencia...

BRAULIA.

Ameaçou-a, vio! Não andou direito, *nhôr* Maru-gipe. Môça bonita, rica e casadoira não quer amea-

cas de quem pôde ostentar menos que ella. Ameaçou-a!. ora ahí está! *Gentes*, [8] que môço tão pouco sabido! [9] Por isso *Sinhá* ficou tam brava! Quasi que mette chicote [10] na pobre mocamba!

ABILIO.

E que te disse ella?

BRAULIA.

Disse que se eu levasse-lhe mais carta, ou ramo, ou palavras de vossê, que dizia a *nhôr* môço, para me dar uma duzia de *bolos*. [11]

ABILIO.

A qual senhor môço! ao irmão?

BRAULIA.

Nhôr sim; a *nhó-nhó* Claudino.

ABILIO.

Pois... vamos a ver, Braulia: Já uma vez te prometti, que no dia que me cazasse com tua senhora, te comprava, para dar-te tua carta d'alforria.

BRAULIA, simplesmente

P'ra que? Eu tenho amor cá de dentro a *Sinhá*, e não deixava ella nem por nada.

ABILIO.

Pois... está direito; mas, melhor te fôra ser livre.

BRAULIA.

P'ra mim é o mesmo.

ABILIO.

Vamos ao que importa. *Sinhásinha* também te quer muito, que eu bem sei.

BRAULIA, com amor.

Lá isso quer, a santinha!

ABILIO.

Trata-te muito bem; veste-te d'essa fôrma, deixa-te andar calçada [12] e. (accentuando) e conversa muito contigo. Não é assim?

BRAULIA.

Nhór sim.

ABILIO.

E no meio d'essas conversas, (a meu respeito, talvez, algumas) ella diz sempre. o que me diz n'este papel?

BRAULIA.

Sempre; que vossê *lhe* aborrece. (13)

ABILIO, contendo-se a custo.

Bem, Braulia; muito bem. Mas tu, que não és estúpida, nem rude; que és uma rapariga *sabida*.

BRAULIA, sorrindo.

Nhó-nhó se engana: *Sinhá* diz que eu sou uma *bôba*. [14]

ABILIO.

Não és, não. Escuta: Não te parece que essa raiva que ella diz ter de mim, provém de alguma coisa, que te não explica?

BRAULIA.

Não entendo o *nhôr* môço.

ABILIO!

Vamos a ver: Não ha môça que aborreça um homem só por lhe dizer que quer-lhe bem, que a ama. Eu sou rapaz, muito rapaz. . . .

BRAULIA.

Sinhá ainda é mais que vossê. [15]

ABILIO, sorrindo.

Não sou. . . feio-feio; *ein?*

BRAULIA.

Sinhá é formosa! E' uma flôrzinha de *Jabuticaba!* [16]

ABILIO.

Sou rico!

BRAULIA.

Mas minha senhora, quando *nhôr* Coronel morrer, é muito mais; duas vezes! tres vezes!

ABILIO, consigo.

Isso sei eu! (alto) Sou valente! Não ha por ahi *pião* [17] que seja capaz de *laçar* [18] um animal na carreira, como eu o *laço*, nem que espere uma *onça* [19] a pé-firme, para lhe cravar a lança nos peitos.

BRAULIA, com fogo.

Sinhá monta a cavallo como qualquer *gaúxo* [20] e põe tuma bala a duzentos passos de *lonjura*!

ABILIO.

Tudo isso é verdade; conheço-a. Pois bem; não parece natural que uma môça como essa, goste de um homem, como este?

BRAULIA.

Não sei.

ABILIO.

Braulia, aqui anda historia!. Ella que não me quer, é porque a alguém quer. (Depois de curto silencio) Diz-me cá, rapariga, e... verdade—verdade! — que te não has de arrepender.

BRAULIA.

Nunca fallo mentiras, môço!

ABILIO.

Quem sabe se D. Silvina tem lá dentro d'aquelle
coração algum amorzinho escondido!.. *ein?*

BRAULIA.

Quem sabe?

ABILIO.

Nunca t'ó disse?

BRAULIA.

Nunca, não senhor.

ABILIO.

Esse moço portuguez... o tal engenheiro, ou o
que é.

BRAULIA.

Nhó-nhó Juquinha? [21]

ABILIO.

Sim. Quem sabe se elle... se ella.

BRAULIA, duvidosa.

Umm! Não se atrevia o môço. Se meu senhor
Coronel percebesse, matava elle. [22] *Nhó nhó*
Coronel não gosta dos *bahianos-de-Portugal*. [23]

ABILIO.

Oh! então como traz elle nas palminhas o enge-
nheiro?

BRAULIA.

Não sei, não; creio que porque é muito *camarada* [24] de *Nhó-nhó* Claudino. Pelos modos são amigos lá das *Europias*.

ABILIO.

Bem. Uma só pergunta, e podes-te ir com Deus.

BRAULIA.

Diga, *nhó-nhó*.

ABILIO.

Tens visto entrar para a *estancia* alguma *polyora*, armamento, ou emfim, alguma coisa de guerra?

BRAULIA.

Não vi nada, não senhor.

ABILIO.

Bem. Lembras-te, ao certo, quantos *escravos* tem teu senhor na *xarqueada*? [25]

BRAULIA.

Hade rastejar por uns oito centos d'elles.

ABILIO.

Tudo negros?

BRAULIA.

Negros e pardos, sim senhor.

ABILIO.

E *piões*, da *tropa*? [26]

BRAULIA.

Serão, talvez, uns dois centos; fóra os quatro *capatazes*, [27] e o *monarcha* [28] *nhó-nhó* Jabutá.

ABILIO.

E esses estão auzentes todos; não?

BRAULIA.

Nhór sim: mas esperam elles a cada passo. A feira de Sorocaba já tem tempo que acabou; a *mulhada* e *cavalhada* está vendida, que já cá se soube; e é de crer que elles por ahi venham já de volta a gente toda, e que hoje cheguem.

ABILIO, como se fallasse comsigo, e sorrindo ironicamente.

Se não tiverem algum máo encontro no caminho.

BRAULIA, espantada.

Máo encontro?. Oh! *gentes!* que se lhe dava a elle, o Feitor Jabutá, encontrar malquerentes pelo caminho! Aquillo, vossê bem sabe, é o *monarcha-das-cozilhas* mais animoso que ha em todo o Rio Grande!

ABILIO, olhando para a direita.

Gente na matta!... Vai embora, rapariga.

BRAULIA.

E vou mesmo, que se me vêem com vossê desconfiarão da conversa. (Sobe a scena)

ABILIO.

Dize a *Sinhá*.

BRAULLA.

Nadã, que não quero apanhar de chicote. (Sabe pela esquerda apressadamente)

ABILIO, só.

Os tropeiros [29] não chegam cá tão depressa, que na estrada não podia enganar-se a minha gente; e a estas horas, talvez, vai por lá o diabo! Os negros da *xarqueada* não tem armas, além das facas da *carneação*. [30] Portanto, hoje mesmo. .

SCENA III

ABILIO E UM GAÚXO.

GAÚXO, espreitando por entre os cipós da direita.

D. Marugipe, está usted solo?

ABILIO, correndo a elle.

Estou! O que ha?

GAÚXO, dando-lhe um papel.

Lêa usted.

ABILIO, lendo.

« A las quatro! Todos nos quedamos en la ma-
ta. » (Alto para o Gauxo) Veio toda a gente?

GAUXO.

Si.

ABILIO.

Quantos?

GAUXO:

Unos dos cientos.

ABILIO.

Só?!

GAUXO

Los otros se fueron para Jaguarone.

ABILIO.

Bem. A's quatro horas, logo que eu dê o signal
que se combinou. . .

GAUXO, rindo.

E'ta! [31] que los *macaquitos* [32] llamaran
por Dios!

ABILIO.

Silencio! Vem gente d'ahi!

GAUXO.

Hasta las quatro, camarada! (desapparece na direita-
baixa)

ABILIO, só.

Veremos depois, minha bella esquiva, quem dobrará o joelho; se eu, diante do teu dinheiro, se tu, diante da minha faca! (Vai sentar-se n'um tronco, proximo da fonte, um pouco escondido).

SCENA IV

ABILIO, e CLAUDINO com JOSE' CRAVEL, pela direita—alta; ambos com frages e petrechos de caça.

CRAVEL, rindo.

Decididamente não nasci para caçar na tua terra, meu Doutor! Estou morto!

CLAUDINO, rindo.

E' justo que alguém morresse, visto que a ninguém mataste.

CRAVEL.

Fui de uma infelicidade estúpida! Mas . . . desde que aquelle maldito Leão me contou as taes historias das onças.

CLAUDINO.

Que te contou elle?

CRAVEL.

Eu sei lá! Atordoou-me os ouvidos com trinta *epysodios locaes*, que me encheram d'espanto e . . . com franqueza!—de medo! Eu, o pacifico caçador das inoffensivas perdizes europêas, achar-me quasi face a face com onças de garras de navalha! . . . Safa!

CLAUDINO.

E viste alguma, quando nosseparámos, na matta?

CRÁVEL.

Vi milhares dellas . . . na imaginação! Nada! não me serveim mais caçadas de matta virgem! (Sentando-se n'um tronco cahido) Estou com uma sêde!

CLAUDINO.

Tens alli excellente agua.

CRÁVEL.

Para agarrar alguma constipação, ou algumas sezões! Obrigado: bebe-a tu.

CLAUDINO, rindo.

Meu amigo, vaes mal com os teus cuidadôs de hygiene. Se *papai* te pilha em algum desses escrupulos . . . (indo á fonte como para beber, dá de cara com Abilio) Oh! por aqui, Sr. Marugipe!

ABILIO, levantando-sc e descendo.

Sr. Doutor . . . Tomo fresco, que o faz aqui bem de agradece-lo á natureza. (Descendo mais e comprimentando Cravel). Senhor môço . .

CRÁVEL, corteja-o ligeiraunte, levando apenas a mão ao chapéo.

Senhor.

ABILIO, consigo.

Tem amor ao chapéo, o *gallego*!

CLAUDINO, descendo, depois de beber agua no arroio.

Meus senhores, permittam-me a apresentação . . . alguma coisa *bucolica*, mas feita com a melhor boa-vontade. (A Abilio, apresentando-lhe Cravel) E' o meu amigo intimo, companheiro de estudos e de . . . da *estroinice* em Lisboa: um distincto engenheiro e um optimo rapaz! (Para Cravel, mostrando Abilio) O Sr. Abilio Marugipe, nosso excellente visinho; proprietario rico e *xarqueador* [34] de nomeada.

ABILIO, tirando o chapéo.

Oh! senhor! . . .

CLAUDINO.

Vamos! apertem-se as mãos e sejam desde já amigos, que bem o merecem ambos.

ABILIO, apertando a mão de Cravel.

Com muito gosto, Sr. môço.

CRAVEL, curvando-se.

Oh!.. (consigo, soprando ligeiramente e dorido nos dedos)
Safa, que bruto!

ABILIO, com simplicidade.

Machuquei-o? [35]

CRAVEL, não entendendo.

Como?

ABILIO.

Se o molestei?

CRAVEL, sorrindo.

Ah! não senhor.

CLAUDINO, rindo.

Côr local, meu velho! Os meus patricios Rio-grandenses, quando apertam a mão, deixam impressões.

CRAVEL, baixo para elle.

Bem dolorosas! Safa!

ABILIO, consigo.

Foi para lhe pagar a dificuldade de tirar o chapéo!

CRAVEL, tornando a sentar-se.

Permittam-me que. Estou, realmente, moído!

ABILIO.

Caçaram?

CLAUDINO, olhando maliciosamente para o amigo.

Muito!... isto é, alguma coisa. Leão traz, não tarda, a nossa caçada.

ABILIO.

Alli o senhor môço atira bem?

CRAVEL.

Não senhor.

CLAUDINO.

Qual! atira bem, sim; estava hoje alguma coisa *caipóra*; mas...

CRAVEL.

Ein? *caipóra*! O que vem a ser isso?

CLAUDINO, rindo.

Côr local. Isto quer dizer — infeliz. E' uma lenda popular, que depois te contarei. [36]

ABILIO.

O Sr. môço não é da provincia?

CRAVEL.

Nem do paiz; sou portuguez.

ABILIO.

Ah!

CLAUDINO, para Abilio.

O Sr. José Cravel é filho de uma distincta familia de Lisboa, com quem tenho as mais apertadas relações de amizade. Creio até que em breve seremos cunhados.

ABILIO, estremeccendo.

Como?

CLAUDINO.

Espero obter o consentimento de *papai* para que eu me case com uma formosíssima irmã d'este meu amigo. Foi para me ajudar, com as suas affaveis maneiras, a convencer o Sr. Coronel, que resolveo a acompanhar-me ao Rio Grande. Já vê o meu querido visinho, que é dever seu estimar e apreciar o Sr. José Cravel como meu parente. . . se Deus quizer.

ABILIO, com malicia rude, mas custando-lhe a occultar a commoção e ansiedade.

Sim senhor, sim; percebo. E . . . quem sabe?— talvez que o parentesco . . . (sorrindo) sim, uma troca de. Como aquellas danças lá da *estancia* do Sr. Coronel, que tem uma figura que . . . a dama passa para um, e a outra para outro. . . *Ém?*

CLAUDINO.

Não entendo...

ABILIO.

Uma troca de *maninhas*. [37]

CLAUDINO, olhando para Cravel com intenção.

Quem sabe?

CRAVEL, sorri-se encolhendo os hombros.

ABILIO, consigo, levando a mão ao revolver.

Dá-me vontade de lhe metter uma bala nos miolos! (alto para Cravel). Pois escolheu mal a occasião

para vir á nossa provincia, Sr. môço. Isto por cá não anda nada bom!

CRAVEL.

Pois o que ha?

ABILIO.

Os malditos *Blancos* na fronteira...

CRAVEL.

Blancos! o que são *blancos*?

CLAUDINO.

São uns indemoninhados, quasi selvagens! Vem-lhes o nome de um partido politico que ha no Estado Oriental, [38] que fica nas nossas fronteiras. A pretexto de despeitas, exproprieções de terrenos, e não sei que mais, recebido da nossa gente, essa horda de castelhanos aventureiros teem commettido toda a qualidade de atrocidades nas fronteiras do Brazil; e com a maior impunidade, graças á natureza bondosa e pacifica dos meus patricios da raia. Teem assassinado e saqueado nas *estancias* (fazendas, propriedades) que lhes ficam mais proximas... Ah! mas se chegam a entrar pela terra dentro!

ABILIO.

Diz-se por ahi, que veem *mesmo*. [40]

CLAUDINO.

Pois que venham! O diabo os impilla para a *estancia* do Coronel Estanislau.

CRAVEL, levantando-se.

São homens? vamos a elles! Com isso me entendendo eu!

CLAUDINO, rindo.

Mas com onças?

CRAVEL.

Só as de ouro.

SCENA V.

Os MESMOS E LEÃO, Que entra da matta: traz preso n'um cipó a tira-collo alguns passaros do paiz, e uma grande cotia.

CLAUDINO, vendo-o.

Ah! ahi vem Leão com a nossa caçada. Chega aqui, moleque; [41] mostra ao Sr. Marugipe essa bonita cotia. [42]

LEÃO, aproxima-se.

ABILIO, examinando-a como entendedor.

Senhor sim, que bonito bixinho! Foi ali o môço (designando Cravel) que matou?

CRAVEL.

Eu via cá esse diabo côr do chão!

CLAUDINO.

Que é do tatu [43] que eu matei, Leão?

LEÃO, visivelmente assustado.

Perdi elle, *nhó-nhó*.

CLAUDINO.

Perdeste?!

LEÃO.

Nhór sim, que perdi mesmo. *Nhó-nhó* me não bata, não! Foi de susto.

CLAUDINO.

De susto? de que?

CRAVEL, espantando os olhos e mirando de revéz a matta.

Alguma onça, *ein?*

LEÃO.

Não foi onça, não; onça não mette-me medo. Eu mato ella com o *facão*. [44]

CLAUDINO.

Então o que foi que te assustou, rapaz?

LEÃO.

Foi homem.

CLAUDINO.

Homem? qual homem?

LEÃO.

Muito homem [45] que estão na matta, parece que escondidos; eu sei!

ABILIO, comisigo.

Moleque damnado, [46] que me vai deitar tudo a perder!

CLAUDINO.

Mas que homens são esses, moleque?

LEÃO.

Não sei, não senhor: mas estão armados.

ABILIO.

Que negre medroso me sahe agora o Leão! Por fim das contas, Sr. Doutor, são os *piões* da *cavalhada* que mandei a Bagé, e que estão fazendo *ranchos* [47] na matta os mandriões!

LEÃO, insistindo.

Não é *pionada* aquella, não senhor. Eu conheço todos os *tropeiro* e *camarada* [48] de vossê. Nem tambem é gentes de aqui de ao pé, aquella que lá está escondida.

CLAUDINO.

Oh! serão, na verdade, os *blancos*?

ABILIO.

Quaes *blancos*, nem quaes historias! Contos de moleque espantadiço e medroso,

LEÃO.

Eu não sou medroso, não senhor. (com intenção) *Nhó-nhó* não tem medo porque creio que conhece elles.

ABILÍO.

Calla a bocca, calla, meu *pagem* [49] de má-marte! (Para Claudino) Vou ver o que é; sempre é bom a cautella!. Eu voltarei a dizer-lhes... Ha de ser a minha gente, não tem que ver. Até já, senhores. (comsigo, sahindo) Preveni-los que mudem de *rancho*, aliáz está tudo perdido. (Sabe para a direita alta)

SCENA VI

CRAVEL, CLAUDINO E LEÃO.

CRAVEL, para Claudino.

Realmente, o rapaz não se assustava assim sem motivo.

CLAUDINO.

Diz cá, Leão: o que te pareceu essa gente que viste?

LEÃO.

Não sei, não senhor; eu cá digo que são os *blancos-castelhana*.

CLAUDINO.

Como estavam elles vestidos?

LEÃO.

Como nós outro, sim senhor *Bota — á mineira,* [50] *chilenas,* [51] *chiripá* [52] *e ponche.* [53] As gentes do outro lado da raia trajam como nós, sim senhor.

CLAUDINO.

Ouviste-os fallar?

LEÃO.

Nhór sim; e por os modos creio que lhe ouvi fallar á castelhana; eu sei!.

CLAUDINO, para Cravel.

Afinal nada é, verás. Os nossos *gaúchos* — gente do campo — da raia, quasi que fallam hespanhol, como terás occasião de ouvir.

GRAVEL.

No entretanto, esse preto, que me parece tão esperto.

CLAUDINO.

Andam todos preocupados com as taes historias dos *blancos*. (para o negro) O que estavam elles a fazer, Leão?

LEÃO.

Estavam comendo, sim senhor. Já tinham feito o *xurrasco* e *chupavam cachaça*. [54]

GRAVEL.

O que é *xurrasco*, ó Doutor?

CLAUDINO.

Geralmente é a carne tirada da rez, apenas morta; mas na minha provincia é tambem esta carne secca e salgada, que tens visto preparar nas *xarqueadas*, é que tem o nome de *xarque*. Assada, tambem lhe chamam *xurrasco*: e é esse o alimento quasi exclusivo da gente do campo, especialmente da que viaja.

LEÃO submissamente.

Nhó-nhó me perdôe, mas se eu fosse dizer a *Nhó* Coronel... São os *blanco* mesmo que eu vi lá.

CLAUDINO.

O' negro! pois tu não ouviste o que disse o Sr. Abilio Marugipe, que era a sua *pionada*, a gente de conduzir o gado, que estava fazendo *rancho*?

LEÃO.

Eu sou *vagueano* [55] na matta: as *tropas* de *burro* [56] e cavallo que esse homem mandou a Bagé vender, não tinha que fazer na matta, que não é caminho aquelle. *Nhó* Marugipe, quando disse isso, parece que até estava *zingando* [57] com *Nhó-nhó*.

CLAUDINO.

Elle, zombar comigo!...

LEÃO.

Nhó sim. É um *quebra-abarbarado* aquelle môço!

CRAVEL, para Claudino.

O que é que lhe chama elle?

CLAUDINO.

Quebra-abarbarado, — isto é — valentão, de má indole... (para o negro) Não sejas confiado, Leão! O Sr. Marugipe...

LEÃO, entuziasmado.

Nhó-nhó me pode bater; mas eu direi sempre o mesmo, sim senhor! Eu ouvi est'outro dia um *par-do* da *xarqueada* de *Nhó* Marugipe, que elle tinha partes com os *blanco*, e que arrecebia noticias do que elles faziam lá pelas fronteiras: e o homem que disse não era nenhum *captivo*, [59] não.

CLAUDINO, para Cravel.

Que te parece?

CRAVEL.

Eu... parece-me que ha o que quer que é de verdade no que diz esse preto.

LEÃO, contente.

Ha, *nhôr* môço! ha mesmo! *C'os-tinhôzo*! [60] esse homem é delles!

CLAUDINO.

Está bom! guarda lá para ti esses receios, e não me falles assim do vizinho; quando não. *apanhas!*

LEÃO.

Ja estou callado, *nhó-nhó*.

CLAUDINO.

Se queres ir prevenir o Sr. Coronel, vae; mas não lhe digas que me contaste tudo isso, ouviste? (para Cravel) *Papai*, com aquelle genio, era capaz de me fulminar, se soubesse que eu admitti semelhantes confidencias ao moque: muito mais não passando isto, como estou certo, de uma historia, de vida ao terror que se apossou d'esta gente.

LEÃO.

Eu vou dizer a elle: ainda que *Nhó* Coronel *metta-me de pau* [61], eu digo, sim senhor.

CLAUDINO.

Pois dize: vae embora.

LEÃO.

Nhór sim. (Vae sair e volta) Ah! vem elle com *Sinhá*.

CRAVEL.

Oh! com a fortuna!.. (sacode-se rapidamente com o lenço).

CLAUDINO, rindo.

Oh! pois não! Manda buscar a bagagem, e faze *toilette* no matto.

CRAVEL.

Olha que estou quasi indecente!

CLAUDINO.

Qual! estás formoso como um caçador...

CRAVEL.

Que não matou nada, *em?* Não contes a tua irmã a historia das onças!... Vê lá!

CLAUDINO, rindo.

Descança.

SCENA VII.

Os MESMOS, o CORONEL ESTANISLAU, SILVINA,
D. ELPIDIA, BRAULIA e QUATRO NEGROS.

Os negros veem carregados com os seguintes objectos: uma mezinha pequena, duas cadeiras elasticas, uma caixa de cartas de jogar, um cabaz de garrafas de cerveja, e uma rêde. Collocam a mezinha a um lado e as cadeiras: sobre a meza a caixa das cartas, e ao lado de uma das cadeiras o cabaz. Braulia e Leão amarram a rêde a duas arvores, proximo á fonte. Um dos negros junta uns poucos de ramos seccos, e faz fogo entre duas pedras, sobre as quaes colloca a chaleira, que encheu na fonte. D. Elpidia vem pelo braço do Coronel: Silvina ao lado d'ella com um livro na mão.

O CORONEL, vendo os dous.

Olá! ora ahi está! A nossa surpresa gorou, D. Elpidia.

D. ELPIDIA, mirando-os com a luneta.

Ora que pena! (N. B. Esta personagem tem o fallar doce e accentuados os — e e — das cariocas filhas do Rio de Janeiro.)

CLAUDINO, beijando a mão do pai.

Papai. (aperta a de D. Elpidja e a da irmã).

CRAVEL, apertando a mão do Coronel.

Como está, Coronel? Minhas senhoras.

O CORONEL, rindo.

Forte, como sempre, e sequioso, como de costume (para Leão) Abre cerveja, *moleque!* (Senta-se n'uma das cadeiras).

LEÃO, obdece e enche os copos.

CLAUDINO.

Mas qual era a surpresa de que *papai* fallou?

O CORONEL.

Era a de nos *toparem* aqui, quando voltassem da matta. E então? *ein?* Como fomos de caçada?

SILVINA, que tem ido observar a caça, que Leão depositou no tronco de uma arvore.

Lindamente, *papai*, como vejo. Que destruição!

CLAUDINO.

Está a *maninha* já zombando com os pobres caçadores! Creio que para dois, e n'este tempo de calor....

SILVINA.

Ah! decerto; nem é zombar, não, o que digo.
D. Elpidia, veja que bonita *cotia!*

D. ELPIDIA, aproximando-se e mirando-a com a luneta.

Credo! (recuando) Bixo feio, *sinhá!* Me dá ares de um lobo!

O CORONEL, com um copo de cerveja empunho.

Bravos, D. Elpidia! Quando foi que vossê viu lobos?

D. ELPIDIA, descendo.

Pois não! no musêu do Rio de Janeiro.

O CORONEL.

Ah! empalhados, logo vi. (para os outros) Vamos, *gentes!* Um copo de cerveja?

CLAUDINO, tomando um e offerendo outro a Cravel.

Tomas?

CRAVEL.

Não me deve muitos *sympathias*; mas. tomo. (Pega no copo).

O CORONEL.

O que é o que bebe então, senhor môço?

CRAVEL.

Agua, ou *capilé*: é o que mais estimo quando tenho sede. (Toçam-se os copos).

O CORONEL, depois de virar o seu copo de um folego.

Ah! *Capilé!*... O que vem a ser isso?

CRAVEL.

É uma bebida muito fresca e agradável, usada na Europa.

O CORONEL.

É alcoólica?

CRAVEL.

Não senhor.

O CORONEL.

Então... não presta!

D. ELPIDIA.

Vossê, Coronel, me dá raiva com essas *fanfarronices!* Quem o ouve—este môço, por exemplo, que ainda não conhece—o, bem hade julgá-lo um refinado *borracho!*

O CORONEL, rindo.

El que tenho eu que elle pense isso? Gosto de beber! Para que viémos nós cá a este mundo? (rindo muito). Ah! ah! ah!... (a Leão). Abre outra garrafa, rapaz!

LEÃO, obedece e enche os copos.

SILVINA, que tem estado sempre a observar a caça, chamando.

O' Sr. Juca.

CRAVEL, sem ouvir, para D. Elpidia.

V. Exc. não toma?

D. ELPIDIA.

Eu!?... Deus me deffenda! Me punha tonta de certo, essa *jurupiga*!

O CORONEL, rindo.

Ella sim! As senhoras *cariocas* [62] só gostam de agua... quando não gostam de vinho! Ah! ah!... ah!

SILVINA, mais forte.

Sr. Juca!... [63]

CLAUDINO, vendo que Cravel não se volta.

Olha que *Sinhá* te chama.

CRAVEL, rapidamente subindo.

Oh! perdão, minha senhora!

SILVINA, rindo.

Já não se lembra que se chama — Juca?

CRAVEL, rindo.

Perdão; é que...

SILVINA.

Tenha paciencia: hade ir identificando-se com

os nossos costumes. Não acha que é mais bonito chamar-lhe *de Juca*, do que *de José*, *de Cravel*, ou *de engenheiro*? [64]

CRAVEL.

Seja qual fôr o nome sahido de tão formosos labios, hade forçosamente parecer-nos bonito ao ouvido. O vento, quando vibra nas cordas das harpas eolias, tem sons agradaveis e sonoros, emquanto que, sem ellas, é estridente e monotono.

SILVINA.

Bravos! [65] que esplendida idéa, e de que bonito madrigal nos fez presente o Sr. *Juca!* Ouvio D. Elpidia?

D. ELPIDIA, que tem estado n'uma discussão com o Coronel.

Não. Que foi?

SILVINA, para Cravel, vendo-o por um gesto pedir-lhe que se calle.

Não digo, descance: pouparei a sua modestia. Mesmo porque não quero, com labios profanos á poesia, manchar a belleza da phrase. Mas... me diga, senhor caçador: foi V. S. que matou este bixinho?

CRAVEL, perturbado.

Não, minha senhora.

SILVINA.

Quaes destas foram, então, as suas victimas?

CRAVEL, perplexo.

Foi . . . foi. (para Claudino) O Claudino! que matei eu? lembra-te?

CLAUDINO, perdido de riso e voltando-lhe as costas para disfarçar.

Não sei bem . . . não me lembro. . . O que foi está para ahí.

CRAVEL, mais perturbado.

Ah! sim, é isso. O que foi está para aqui.

LEÃO, que se aproximou casualmente.

Nhó-nhó não matou nada, não senhor.

SILVINA, rindo.

Moleque metediço e atrevido!

CRAVEL.

Sim, sim; agora me lembro; não matei nada, por que . . .

CLAUDINO, acudindo-lhe.

Porque se lhe encravaram os dous ouvidos da carabina, quasi ao mesmo tempo.

LEÃO, ri-se á sub-capa.

CRAVEL, baixo para elle.

Sahe d'ahi, olha que te arrebento!

SILVINA.

Mas... logo *todos dois?* [66]

CRAVEL.

E' verdade, minha senhora; uma fatalidade!
Logo ambos!

SILVINA, rindo.

Gentes! que caçador este, que me vai para o matto sem levar na algibeira uma *chave de pistons!*

CRAVEL, espantado.

Uma chave de. V Exc. entende d'estas coisas de armas?

SILVINA, simplesmente.

Pois de que quer, então, que eu entenda?

CRAVEL.

Não sabia que...

CLAUDINO.

Maninha, vossê ignora que os nossos costumes são muito diferentes? O *Juca* está aqui ha oito dias apenas: ainda não conhece as proezas das nossas patricias.

SILVINA, admirada.

Como?! Na Europa as senhoras não caçam?

CRAVEL, sorrindo.

Raramente; perfeitas excepções.

CLAUDINO, rindo.

Caçam . . . corações, que é mais difficil do que apanhar passaros.

SILVINA, rindo.

Ora. . . com que elle vem! Isso tambem nós fazemos, as *riograndenses*. Não é verdade, D. Elpidia?

D. ELPIDIA, que ha tempo já se sentou defronte do Coronel.

Não ouvi, *sinhásinha*.

SILVINA.

Papai! deixe D. Elpidia *de vez!* [67] Não ouve nada do que digo hoje!

O CORONEL.

Olhem a pena! Vossês estão p'ra ahi a dizer uma trovoada de *bobagens!*

CRAVEL, baixo, para Claudino.

O que é *bobagens*, ó doutor?

CLAUDINO, baixo e rindo.

Tolices, asneiras. . . Tem paciencia!

CRAVEL, comsigo.

Que grande mal-creado!

O CORONEL, para elle.

Vossê joga, a *bisca-dos-nove*?

CRAVEL.

Não senhor, Coronel; jogo o voltarete.

O CORONEL.

Que *démo* de jogo é esse? E' com cartas?

CLAUDINO, interpondo-se.

E', sim, *papai*: heide ensinar-lh'ó.

O CORONEL, continuando para Cravel.

Então... o *sólo*? joga?

CRAVEL.

Não senhor.

O CORONEL.

Ora ahi está! E é vossê engenheiro!

CRAVEL.

E' que isso não faz parte do curso, Coronel.

O CORONEL, rindo.

Bravos! bem respondido! Lavre lá dois, *nhó-
nhó!* (Para Leão) O' moleque damnado! não vês este
copo vazio?! *E'ta, petiço!* [68] que mando-te ao
tronco [69] aprenderes a ser mais ligeiro!

LEÃO, enche-lhe o copo.

CLAUDINO, baixo para Cravel, levando-o pelo braço para um lado.

Não me canço de te pedir que não faças caso destes modos bruscos de *papai*. Olha que por cá é tudo assim; rudeza, selvageria, ás vezes; mas almas puras e corações de lei, crê.

CRAVEL.

Creio, porque vejo. Não me escandaliso; divirtto-me.

SILVINA, que tem estado a observar a carabina de Cravel, dando um grito de surpresa.

Oh!!

CRAVEL, voltando-se e vendo-a com a carabina, baixo para Claudino.

Adeus! estamos perdidos!

SILVINA.

Sr. *Juca*, os seus *pistons* estão excellentes!

CLAUDINO, rapidamente.

Foi Leão que desencravou elles.

LEÃO.

Nhó-nhó, eu. .

CLAUDINO, baixo.

Calla-te! olha que te esmago!

SILVINA, observando mais a arma.

Bonita *peça!*

CRAVEL, offerecendo-a.

Se V. Exc...

SILVINA.

Obrigada: eu gosto de arma mais pesada; (rindo) não me ageito com estas *penas*. Tenho duas; uma do *Laport* de Paris, e a outra, uma excellente carabina á *Minié*, que bota bala a 1200 passos. Mantei hontem uma *garça*, [70] maior do que um *ganço*, em mais distancia, talvez. (para Braulia) Não viste, *mocamba?*

BRAULIA.

Sinhá sim; mais longe ainda. *Sinhá* não quer deitar na rêde?

SILVINA.

Sim, quero: e dêem-me o *matte*. Venham aqui para ao pé, e conversemos. (Deita-se na rêde, ajudada por Braulia. Os dois mancebos sentam-se junto della n'um tronco cahido) Embala, *mocamba*.

BRAULIA, começa a balouçal-a docemente. Vae depois ferver a agua e faz o *matte* em duas eúias que tira do cabaz e leva uma a Silvina e outra a D. Elpidia, com as competentes bombas. Os tres conversam baixo.

LEÃO, consigo.

Vae *de vez* agora! (alto para o Coronel) Meu senhor Coronel me quer escutar?

O CORONEL, sem se voltar.

Que temos?

LEÃO, mais timidamente.

Não fica *bravo*, [71] não, p'lo que seu *moleque* vae dizer a vossê?

O CORONEL.

Estás-me hoje muito *piegueiro*, [72] rapaz! O que é que me queres, *matunguinho*? [73]

LEÃO.

Meu senhor me póde chamar *de* burro mesmo, mas eu sempre vou dizendo.

O CORONEL.

Dize, dize, diabo!

LEÃO.

Os *blanco*. estão ahi, sim senhor.

O CORONEL.

Em?!

LEÃO.

Os *blanco-castelhano* lá da raia, que mata a gente, leva negro, e rouba as *estancia*! [74]

O CORONEL.

Que é delles? onde estão?

LEÃO.

Escondido na matta, sim senhor.

O CORONEL, rindo.

Ora! . . ora Vae-te ao diabo, que te aperte n'um *tigal* [75] de couro secco, *tição!* Vossê não ouve isto, D. Elpidia?

D. ELPIDIA, que tem estado tomando o seu matte, requebrada na cadeira, e lançando de vez em quando olhares ternos para Cravel, dando um pulo de susto.

Credo! que modos de fallar tão alto, Coronel! Vossê me assustou!

O CORONEL.

Oh! *gentes!* como está nervosa D. Elpidia! Vamos á *bisca dos nove*, para ver se lhe passa essa tristura. Sahe-te d'aqui, moleque! Não me *aborreças* [76]! (Preparando as cartas, e dispondo-se a jogar com D. Elpidia, que embaralha o outro baralho.)

LEÃO, insistindo, mas affastando-se mais, receioso.

Se meu Senhor fosse alli á matta, via mesmo.

O CORONEL, alçando a mão.

Sahe-te d'aqui, *bôbo!* Olhem que *maço de blancos!* Deixa-os por lá andar pela fronteira, que não são elles que se atrevem a vir á *estancia* do Coronel Estanislaú, que já sabem como elle morde! Acredita D. Elpidia, que este *tição abombado* [78] está-me a causticar os ouvidos com os *blancos?* que andam por ahí perto e . . .

D. ELPIDIA, levantando-se.

Deus meu, Coronel!!...

O CORONEL, rindo.

Historias D. Elpidia! Sente-se. Não ha perigo: cá estou eu! (para Leão) Vês, moleque damnado?! Em risco de dar *faniquito* em *Yayá!* [79] Sahe-te! sahe-te d'aqui! (Começa a jogar com D. Elpidia, que se sentou, de novo.)

LEÃO, comsigo, afastando-se.

Teimoso como *burro-xucro* [80] *nhô* Coronel!
(Vae para o grupo dos negros, que se conservaram ao fundo.)

SILVINA, para Claudino.

Mas agora reparo, mano, que talvez o seu amigo esteja incomodado. Quem sabe se quer mudar de roupa, tomar banho, ou...

CRAVEL.

Não, minha senhora; estou perfeitamente.

CLAUDINO.

A *estancia* é perto; se queres... Voltaremos a buscar *papai*. Elle agora deu-lhe esta mania de vir para aqui horas inteiras.

CRAVEL.

Repito: estou muito bem.

SILVINA.

Com outra roupa ficava mais *a gosto*; [81] em fim, (rindo) deixe-se estar e conversemos. (abrindo o livro que trazia na mão) Já leu estes versos?

CRAVEL.

Quaes, minha senhora?

SILVINA.

Gonçalves Dias?

CRAVEL.

Já, minha senhora.

SILVINA.

Então?

CRAVEL.

Extasiei-me! Esse livro é um padrão no seu paiz!

SILVINA, contente...

Não é? Grande talento de môço! E infeliz coitado!

CRAVEL.

Sorte de poeta! Parece que a desventura anda sempre ligada aos predilectos das muzas.

SILVINA.

E' proverbial. (offerecendo-lhe a cúa) Quer tomar matte pela minha cúa?

GRAVEL.

Obrigado: ainda me não habituei á sua bebida . . .
typica.

CLAUDINO.

O destino, porém, fez uma excepção para o nosso
Juca, que é feliz e . . . e é poeta.

SILVINA, sentando-se na rêde.

O que?! Pois é poeta, Sr. *Juca*?

GRAVEL.

Não, minha senhora; Claudino ouviu-me, ou leu,
alguns máos versos meus: vio-os pelo prisma da
amizade, e passou-me o alvará de poeta!

SILVINA.

Quero tambem rubrical-o, esse alvará. Recite-
me uns versos, Sr. *Juca*. Sou louca pela poesia!

GRAVEL.

Mas — minha senhora . . .

SILVINA:

Não ha — mas! (sorrindo) As *riograndenses*, ape-
zar do ridiculo de caçadôras, tambem apreciam a
litteratura amena.

GRAVEL, sorrindo.

Não ha ridiculo em ser-se ao mesmo tempo uma

das *Graças*, com os trages e a indole de *Diana* a caçadôra.

SILVINA, rindo e liçongçada.

Decididamente sahio-me poeta o môço! Vamos vamos ouvir seus versos!

CRAVEL, rindo.

Rogado e máo, não presta! — é axioma inventado por mim. Vou dizer-lhe uns versos, mas preciso primeiro, para mais facil percepção da idéa, contar-lhe um epyodio da minha juventude, da minha infancia, por assim dizer.

SILVINA, sentando-se de todo na rêde.

Uma poesia e uma historia! (para Claudino e exultando) Chega isto ás proporções de um acontecimento na minha vida!

CLAUDINO, commovido, beijando-lhe a mão.

Como és feliz, Silvina! (para Cravel) Uma historia e uma poesia!... é, realmente, a suprema ventura para estas almas candidas, que nem sabem o que é... — Ora! o que nós sabemos nas grandes capitães.

SILVINA, rindo.

Lhe agradeço a commoção, mano; mas não me queira tambem fazer passar por uma *pastorinho de ovelhas brancas* aos olhos deste poeta... (rindo mais) que é *engenheiro europeu!* Livre-me d'esse ridiculo (para Cravel) Mas... vamos á historia, Sr. môço, para depois irmos aos versos, Sr. poeta.

CRAVEL.

E' encantadora, D. Silvina!

SILVINA.

Pois *encante-me* tambem côm a sua narraçào.
Vamos! (Reclina-se mais na rêde)

CRAVEL.

Como todos os jovens que frequentam escholas,
tive um amigo intimo e verdadeiro.

CLAUDINO.

O começo é pouco lisongeiro para mim:— *tive*
um amigo!

CRAVEL, apertando-lhe a mão.

Desculpa o tempo do verbo; refiro-me ao passado: no presente direi— *tenho*. O amigo de quem fallo frequentava, como eu, a eschola Polithechnica. Chamavam-nos os— *dois inseparaveis*. Effectivamente eramos o mais intimos possivel! Os nossos estudos, os nossos prazeres, as nossas aspiraçõs futuras, tudo era discutido, combinado e aprovado reciprocamente. As familias nem se quer se visitavam; mas o que importa isso a dois rapazes? Visitavamos-nos nós; era sufficiente. O meu amigo chamava-se Fernando de Souza. Sendo dotado de um coração excellente pela mais pequena coisa, por uma puerilidade, ás vezes, encolerisava-se de tal fórma, que tudo máo se podia então esperar da sua irascibilidade. Uma madrugada, de dia de

suéto, sahimos á caça. Farei um parenthesis: escolhi de proposito este epysodio da minha vida, e a poesia que lhe diz respeito, pela coincidencia de estarmos aqui. *tres caçadores.*

SILVINA, rindo.

E' grande honra que faz-me!

CLAÚDINO.

Assoa-se D. Raphael e continúa a sua historia;—
titulo de um capitulo do *Gil Braz*. E depois?

CRAVEL.

Depois de caçarmos algum tempo... (Note-se que o meu amigo estava tão infeliz, como eu estive hoje!) parámos para tomar a nossa pequena refeição n'uma *venda* perto de uma *aldeóla*. Na *venda* já o Fernando tinha gritado e exconjurado o domno da casa, a ponto de que, se não fosse eu, teria talvez succedido alli mesmo uma desgraça. Com o seu character irascivel e com o máo-humor proveniente da infelicidade na caça, Fernando estava insupportavel! Sahimos, não sem grande opposição d'elle, que queria forçosamente dar cabo do pobre vendeiro; e derigimos-nos de novo para o lugar da caçada. Ahi, se lhe havia desculpar o máo-humor, comeci a reprehendel-o e a fazer-lhe trinta prelecções de *paciencia-humana*, que o aborreceram a ponto de me dirigir alguns insultos. Redargui-lhe com tanta energia, que o enfureci. Louco de colera, e sem saber o que fazia, ao terminar eu uma phrase que o exacerbou de todo, recuou quatro passos, mettu a espingarda á cara e desfechou comigo.

O chumbo entrou-me todo d'este lado do peito e na clavicula. Cahi como fulminado!

CLAUDINO.

Safa!

SILVINA, que se sentou de todo na rêde, e que tem escutado com avidez e commoção.

Pobre môço! (consigo) Meu Deus! ainda bem!

CRAVEL.

Quando tornei a mim achei-me deitado n'uma cama no hospital. Soube depois que uns camponêzes que passaram, viram-me, foram dar parte ás autoridades, que me reconheceram, transportaram-me para aquella santa casa e avisaram meu pai, que, aconselhado pelos medicos, fez-me apenas tirar da enfermaria geral e recolher-me n'um quarto particular. Tive segundo e prolongado deliquio ao ver meu pai. Tornei a mim e não podia fallar! Por acenos pedi papel e tinta, e escrevi:— *Não culpem ninguém: descarregou-se-me a arma accidentalmente.* A lembrança do estado de Fernando não me largou, e... Deus me perdôe!— quando tornei a mim lembrei-me d'elle primeiro do que de meu pai, mãe e irmãos!

SILVINA, cada vez mais commovida.

E' uma grande alma, Sr. *Juca!* (machinalmente) Mas esse môço merecia-lh'o!

CRAVEL, admirado.

Como? . . .

SILVINA, perturbada.

Sim . . . pelo que nos contou . . . era seu amigo de veras! . . . (comsigo) Meu Deus! acaso ou providencia?!

CRAVEL.

Infelizmente, apesar do que escrevi, ninguém me acreditou, porque a minha arma tinha sido achada com ambos os cannos carregados, e reconhecida por meu pai. As suspeitas cahiram, por tanto, no meu companheiro: foram expedidas ordens de captura contra elle. A sua familia . . . imagine-se como ficaria! Que desolação ia por aquella casa! O mais extraordinario é que — curei-me, passaram-se dias, e mezes, e annos, sem se poder descobrir vestigios do meu amigo. Suppoz-se que — ou se suicidára ou fugira em algum navio: qualquer das hypotheses me prolongaram a convalescencia, confesso; porque conhecendo bem o coração d'aquelle rapaz, imaginava o que elle não soffreria com a persuasão de que me tinha morto! Foi inspirado por sentimentos tão diversos, que escrevi a poesia, que vou recitar-lhe.

SILVINA.

Perdoe-me, Sr. *Juca*: (observando attentamente o effeito da pergunta) Por que fez-nos essa narração?

CRAVEL, admirado.

Por que. ? Não percebo a pergunta, minha senhora.

SILVINA.

Quero dizer: — porque não escolheu outros ver-

SOS, (accentuando) cuja *prévia narração* fosse, por consequencia, outra?

CRAVEL, sinceramente.

Incommodei-a com esta?

SILVINA, sorrindo contrafeita.

Não; me perdoe.

CRAVEL.

Emfim, minha senhora, para lhe confessar a verdade, vou explicar-lhe o motivo por que escolhi este epysodio de minha vida, para me apresentar *em poeta* a V. Exc.

SILVINA, anciosa e quasi assustada.

Vejamos!...

CRAVEL.

Os versos que vai ouvir, se, pela pobresa do valor em si, são insignificantes, pela riqueza do sentimento que os inspirou, são dignos dos seus ouvidos. Foi a mais pura e verdadeira amizade que m'os dictou; e essa, creia-me, sinto eu já por V. Exc. e seu estimavel irmão. (apertam-se as mãos)

SILVINA estendendo-lhe a sua.

Obrigada! A retribuição tem-na; vêl-o-ha!

CRAVEL.

Alem disto, que versos podia eu dizer-lhe? A

uns *lindos olhos*? é já prosaicamente vulgar! E depois, acho inconveniência desmarcada e falta de verdade, ellogiar olhos de dama, quando nos fitam uns tão formosos como esses, D. Silvina.

CLAUDINO.

Bravo! estás *paluciano*!

SILVINA, rindo.

Meus pobres olhos, que nunca se viram tão honrados!

CRAVEL.

Versos apaixonados? nunca tive paixões; nunca escrevi disso. Versos da *moda*? prégando scepticismo, inferno, desillusões, descrenças, etc., etc.? Também não: sou o homem mais crente do mundo, e até acho prazer em confessal-o. Não duvido de nada neste globo sub-lunar, senão.

CLAUDINO.

Senão?

CRAVEL, rindo.

Senão da minha... felicidade na caça.

SILVINA, depois de rir, mas sempre visivelmente preocupada.

E nunca em verdade, obtive noticias do seu amigo?

CRAVEL, com ligeira tristeza.

Nunca! ha quatorze annos!

SILVINA, consigo.

Quatorze annos! . . . Não ha que duvidar!

CRAVEL.

Mas vamos aos versos. Eil-os; intitulei-os—o
 PERDÃO. (recita)

No leito da morte, de sangue e de prantos,
 De affectos tão santos me vou separar!
 Da terna familia soluços e dôres
 Transformam-se em flores, que ao céu vou levar.

A's plantas do Eterno, minha alma curvada
 Irá — perdoada — fazer oração! . . .
 Se a vida me falta, não morre comigo
 Do reprobó amigo pedir o perdão!

E heide alcançal-o, que um Deus tão clemente
 Não foi, certamente, que o braço te armou!
 Foi antes dos homens a sina, a má sorte,
 Que o anjo — da morte por ti me lançou!

Tão santa, tão pura foi nossa amisade,
 Que a fatalidade medonha sorrio! . . .
 Nas garras te empolga, te cega na ira. . .
 Tua alma delira. . . no crime cahio!

Não penses, não temas, que assim criminoso
 Virei teu repouso turbar por aqui:
 Oh! não!, que a amisade será verdadeira
 Estrella fagueira, sorrindo p'ra ti!

Dos negros remorsos não vivas no inferno,
 Que ás plantas do Eterno, na santa manção,
 A idéa não morre, que levo comigo,
 De ao reprobó amigo trazer o perdão!

SILVINA, commovida e apertando-lhe a mão.

Grande alma, repito, Sr. Juca! (Continuam conver-
 sando baixo).

SCENA VIII.

OS MESMOS E JOÃO CAPATAZ.

JOÃO, traz um lenço amarrado na cabeça manchado de sangue; dirige-se ao Coronel e tira o chapéu.

Yóyó [82] Coronel, cá estamos, sim senhor, com a ajuda de Deus e da Virgem Santa.

O CORONEL, parando de jogar.

Ah! já voltaram!. O feitor?

JOÃO.

Vem nas *minhas ancas*, [83] que deixei-o mais a *pionada* toda a tomar o *matte-ximarrão* [84] lá embaixo no *rincão* [85] de Xanguá. Eu *rebenqueei* [86] mais depressa o *matungo* para vir adiante prevenir vossê.

LEÃO, comsigo.

Veio o *monarcha* Jabutá!... Vou dizer-lhe que ha *blânco* na matta! (Sahê correndo)

O CORONEL, depois de tomar um copo de cerveja, durante o aparte de Leão.

E então? vendeu-se toda a *tropa*?

JOÃO.

Nhór sim. *Mulada de flor* como aquella, *redonda* *dinha* de gorda, *bico arcado* e *berro grosso*, [87] não

vae tão cedo a Sorocaba, não! Não havia por lá de *besta* senão *lérδος matunguiños* e *sendeiros tropicões* [88] que não valiam nem uma orelha das nossas.

O CORONEL.

Quantos compraram na *tropa*?

JOÃO.

Saberá *nhôr* Coronel, que só tres *homem*, e foi-se toda.

O CORONEL.

Quem foram?

JOÃO.

Foi aquelle môço de Jundiahi, que tambem comprou est'outr'anno atraz: elle levou a metade. Mais *nhôr* Araripe lá de Pererécas, que levou metade da metade; e mais *nhôr* Gurjuá de S. Paulo.

O CORONEL.

Dinheiro á vista?

JOÃO.

O môço de Jundiahi e *nhôr* Arararipe, dinheiro contado alli: o tal *nhôr* Gurjuá, disse o *monarcha* Jabutá que comprou a um anno *tapado*. [89]

O CORONEL.

Umm! . *Gado fiado, gado perdido.*

JOÃO, rindo.

Quaes perdido! Eh-ta! por vida! [90] O *monar-*

cha arrumou *mandioca* [91] ao tal homem, sim senhor.

O CORONEL.

Enganou-o! como?

JOÃO.

Parou rodicio [92] á *mulada*, escolheu os mais *maturrões* [93] da *tropa*, e disse ao homem que *dava-lhe* o anno de espera, *nhôr* sim; mas que havia elle dar mais *meia-onça* por cada animal, e uma firma bôa de *garantencia*.

[Sente-se o estalar de um foguete ao longe.]

O CORONEL.

Que diabo de foguete é aquelle? Parece um signal. . (Tornando á sua idéa) E elle quiz?

JOÃO.

Se quiz, o *bôbo*! Deu boa firma ás *letras* e tomou os *burros*! Oh! *quel puxa!* [94] que vem as *guayácas* [95] cheias de dinheiro! (batendo na sua e fazendo tenir ouro)

O CORONEL.

Que diabo tiveste, que me vens de cabeça amarrada? (rindo) Montaste algum animal *xucro* que te *estirou*, [96] *capataz das duzias*?

JOÃO.

Quaes *estirou* nada! Tivemos encontro de *tinhô* so na *campanha*! [97]

O CORONEL,

Que foi que encontraram?

JOÃO.

Uma canalha de *raianos orientaes*, que vieram a *tirar um cotejo* [98] comnosco para roubar o dinheiro de vossê.

O CORONEL.

Blancos?

JOÃO.

Nhór sim. *Yóyó* Jabutá mandou-me adiante para prevenir vossê que se armasse.

D. ELPIDIA, levantando-se.

Bem dizia o *moleque*, Coronel! Meu Deus! que susto!

SILVINA, CLAUDINO, e CRAVEL, tambem se levantam.

O CORONEL, para o capataz

Elles vem cá, rapaz?! Já se atreveram a isso alguma vez?

JOÃO.

Vem mesmo, que estão *bravos* porque lhe matámos alguns seis. São muitos, sim senhor. Vossê bem sabe que *monarcha* Jabutá não se arreceia assim por nada; e foi elle quem me mandou a dizer..

O CORONEL, levantando-se.

Bem! Vamos para a *estancia*, gentes! e se elles vierem . . . (tirando o chicote ao capataz) vão corridos, a *rebenque!* [99]

SCENA IX.

OS MESMOS, E LEÃO.

LEÃO, esbaforido.

Nhó Coronel! nhó Coronel!

O CORONEL.

O que é isso, *tição?* Que tens?

LEÃO, mal podendo fallar de cansado.

Os *blanco*, *Yóyó!* os *blanco!* A *estancia* de vossa está cercada!

CLAUDINO, friamente.

Bonito!

SILVINA, corre para o pai como para defendel-o.

D. ELPIDIA, cahindo na cadeira quasi desmaiada.

Me valha a Virgem Santa!

GRAVEL, soccorre-a.

O CORONEL, que ficou como fulminado de raiva.

Ah! cães! ah! *fuás do tinhóso*, [100] que vão

ver quem é o Coronel Estanislau! (para Leão) A *xarqueada* também está com cerco?

LEÃO.

Não, que é mais longe, e elles não são *vaqueanos* d'aqui, não senhor.

O CORONEL.

Vae! cose-te com a terra por entre o *capim* [101] e os *gravatás*, [102] e chama-me a negraria toda da *xarqueada*. Que tragam os *facões* e façam-me *carneação*. [103] nesses *matungos castelhanos*!

LEÃO.

Eu já avisei *Yóyó Jabutá*! Ficou a botar o aparelho na *cavalhada* e já ahi vem á *estancia*, sim senhor.

O CORONEL.

Vae! vae-me buscar os negros! (para Braulia) *Mocamba*, ajuda-o, anda!

LEÃO.

Nhór sim. (Sahe correndo com Braulia)

O CORONEL, para os dois moços.

Nós vamos ver se apanhamos *léu* de entrar na *estancia*: senão, esperemos que passe o feitor com a *pionada*.

SILVINA, socegradamente.

E eu, *papai*?

O CORONEL.

Tu?... Se a *estancia* está cercada, como diz o *moleque*, por onde diabo hasde tu entrar? Fica-te aqui, com D. Elpidia. Se sentirem aproximar-se alguém, escondam-se no matto.

D. ELPIDIA, tremula de susto.

Meu Deus, que susto!

O CORONEL, para os dois.

Vamos, *gentes!* Vão ver como um *riograndense* abre caminho a chicote para entrar em sua casa! Canilhas! *Eh-ta*, cambada de *gaúchos* maltrapilhos! (Sahe rapidamente, brandindo o chicote)

SILVINA, sorrindo para Cravel á sahida delle

Felizmente não tem os seus *pistons* encravados, como disse.

CRAVEL.

Admiro a sua coragem, minha senhora!

SILVINA.

Espero ter de louvar a sua.

CLAUDINO e CRAVEL, sahem, levando as suas armas.

SILVINA, chegando-se rapidamente ao capataz, que tambem vae a sahir.

Dê-me essa faca, ou o rewolver, João.

JOÃO, dando-lhe o facão.

Sinhá sim: basta-me o revolver. (Sai com os negros que estavam em scena)

SCENA X.

SILVINA E D. ELPIDIA.

SILVINA, sorrindo e vindo a ella.

Socegue, D. Elpidia! Julguei que vossê seria mais animosa! Não vê como estou socegada?

D. ELPIDIA, tremula e sem se poder levantar.

Sinhá, que estamos perdidas! Para isto vim eu do Rio de Janeiro!

SILVINA, visivelmente inquieta, mas sempre disfarçando.

Não hade haver desgraça, socegue.

[Sento-se ao longe uma descarga de pistolas.]

D. ELPIDIA, dando um grito.

Ai!! Deus meu!!...

SILVINA, comsigo.

Virgem Santa! (alto sorrindo) Não é nada, D. Elpidia. São esses bandidos que festejam a chegada de *papai*. Vae correl-os a *rebenque*, como disse; verá. (Comsigo) Meu Deus! protegei-os!

D. ELPIDIA.

E nós... aqui... tão sós!.. (Nova descarga ao longe)
Ai!!..

SILVINA.

Lá era mais perigoso, como vê. Aqui, quem se lembra de nós? E que lembrem!... Somos tres.

D. ELPIDIA.

Quaes tres, *sinhá?* (Nova descarga)

SILVINA, sorrindo.

Nós e esta! (mostrando-lhe a faca que collocou na cintura)

SCENA XI.

AS MESMAS, ABILIO. o GAÚXO da scena terceira,
e mais quatro.

ABILIO, precipitando-se da matta seguido pelos seus.

Eh-ta! a *sinhá* esquiva, que vai ver agora como se vingá um *guásca!* [104]

D. ELPIDIA.

Ah! (cahe sem sentidos)

SILVINA, recuando e assumindo o seu tom risonho e imperativo.

Que pretende de mim o Sr. Abilio Marugipe?

[Grande descarga, como de gente nova, que chegasse á refrega.]

ABILIO.

Eu lhe digo, *sinhá*, e não percamos tempo com rodeios inúteis. Pretendo a sua mão, embora venha seu odio: pretendo seus bens por morte do Coronel Estanislau, que vae cahir ao portal da sua *estancia*, em cinco minutos roubada, saqueada, incendiada, como a estas horas está acontecendo ás de Jaguarão. [105] Pretendo...

SILVINA, arrancaudo a faca e avançando para elle.

Que esta faca vá-lhe varar o coração de traidor!?

[Os Gaúxos dão um passo para ella.]

ABILIO, recuando e puxando pelo revolver: com o movimento cahe-lhe no chão o bilhete que o Gaúxo lhe entregou na scena terceira.

Cuidado, *sinhá*! .. Somos seis!.. Contra a força.

SILVINA.

E diz-m'o, o covarde!

ABILIO.

Serei! sel-o-hei! .. Ha seis mezes que trabalho, *sinhá*! Ha seis mezes, dia a dia, penso nos meios de tê-la por mulher. Não havia outra maneira; adoptei este expediente! Siga-me, D. Silvina! (apontando-lhe para a matta)

SILVINA, com um sorriso do mais profundo despreso.

Está doido ou ébrio?!

ABILIO.

Sinhá! . . . não obrigue-me a usar da violencia!
Hade seguir-me!

SILVINA.

Morta, se me arrastar! (avanzando para elle, louca de raiva, brandindo a faca) Covarde! covarde! covardê!

ABILIO, recuando machinalmente e de revolver em punho.

Enlouqueceu, D. Silvina?! Juro-lhe que, ou por força ou por vontade. . . (Não pôde continuar: um tiro de pistola, partido da esquerda-alta fere-o no braço, que tem o revolver, que deixa cahir no chão) Quem foi o maldito que me ferio??

SCENA XII.

OS MESMOS, JABUTA' E SEIS TROPEIROS, completamente armados de facão e revolver em punho.

JABUTÁ.

Fui eu, Sr. Abilio Marugipe!

SILVINA, dando um grito de alegria.

Ah!!

JABUTÁ, para os seus.

Gentes! Morra quem se atreveu a enxovalhar a filha do Coronel Estanislau! (os tropeiros rodeam-na) Vivam os brasileiros! morram os *blancos* e os seus espíões! [106] (Arremetem para elles. Os *blancos* fogem para a matta)

ABÍLIO, sahindo.

Tornar-nos-hemos a ver! Heide pagar-lhe esta bala, Sr. *monarcha das covilhas!* (desapparece)

JABUTÁ, correndo para a matta.

Já, infame!

SILVINA, contendo-o e aos seus.

Deixemos esses covardes! Corramos a socorrer *papai!* Dêem-me um rewolver! (dão-lhe um. Depois de o tomar vê o papel no ehão, e lê-o. — Comsigo). Ah! está nas minhas mãos, Sr. Abilio Marugipe! (Alto para Jabutá) Devo-lhe a vida!

JABUTÁ.

E eu devo-lhe a felicidade de salvar-a, *sinhá!*

SILVINA.

Quem lhe disse que eu estava aqui?

JABUTÁ.

Deus, que me fallou ao coração!

SILVINA, estende-lhe a mão sorrindo e sahem todos rapidamente para a esquerda alta.

CAHE O PANO.

ACTO SEGUNDO

Uma sala espaçosa e antiga, em casa do Coronel Estanislau: azulejo até ao meio, para cima branco. Cimalha em grega e bastante saliente. O tecto de grades apertadas, figurando deixar ver por entre ellas o vigamento e a telha. No centro grande florão de madeira pintado de branco, como o tecto, e d'onde pende um grande lustre. Portas aos lados nas — direita e esquerda — altas, a da esquerda está fechada e tem a chave por dentro. Ao fundo tres grandes arcos envidraçados, que dão sahida para uma varanda, especie de terrado; esta varanda é coberta; grossas columnas de madeira pintada de verde, e cujas bases vem assentar sobre uma balaustrada de pedra, sustentam a cobertura que se inclina para o fundo. Para lá desta varanda vê-se a cimalha de um muro branco, parecendo ter um grande portão no centro: para além d'este muro as copas dos arvores; de forma que se veja que a sala, não sendo absolutamente ao réz do chão, tambem não é sobrado alto. No centro da sala grande jardineira coberta com pano rico, tendo em cima albuns, livros, jornaes, etc. Duas cadeiras de balanço americanas aos lados desta jardineira. Na direita-baixa sophá com quatro cadeiras de braços; na esquerda-baixa piano com banquinho proprio. Consolos entre os arcos do fundo, com grandes espelhos, castiças e jarros. Na varanda está uma mezinha de jogo, cadeiras de palhinha e as duas elasticas do primeiro acto. Uma rêde pendurada de uma das columnas ao humbral do arco da direita-fundo. Vazos de flores na varanda. Toda a mobilia, á excepção das cadeiras americanas, é pesada, de estôfo e antiga, indicando riqueza, mas falta de gosto. Por cima do sophá um retrato de mulher vestida á antiga, mas joven e formosa. A um dos cantos da sala tres espingardas caçadeiras, e petrechos de caça. Tapete figurando esteira. Pelles de onça defronte do sophá e do piano.

SCENA I.

SILVINA, o CORONEL, CLAUDINO e CRAVEL. Silvina está ao piano passando machinalmente os dedos pelo teclado e fazendo accordes: o Coronel lê n'um jornal, sentado n'uma das cadeiras de balanço proximo da jardineira; Claudino passeia ao fundo, fumando um charuto; e Cravel, sentado no sophá, desenha n'um album.

[Momento de silencio depois do erguer do pano.]

O CORONEL, suspendendo a leitura e dando um murro sobre a jardineira.

Eh-tá! que indemoninhados tempos vão por esta minha terra! Parece que o diabo conjurou-se contra nós! Irra!

CLAUDINO, parando no seu passeio.

O que é, papai?

O CORONEL.

Ora o que é!. é que ainda não ha tres mezes que acabaram as correrias dos *blancos* por essas *campanhas* e surge-nos agora novas contendas.. supponho que mais sérias.

CLAUDINO.

Com quem?

O CORONEL.

Com o Sr. Solano Lopes, dictador. o diabo no Paraguay, e que, pelos modos, tambem quer vir *molhar a sópa no mel*. [1]

GRAVEL.

Terão guerrá?

O CORONEL.

Já a temos; já por lá andam as represalias e toda a casta de *bandalheira* [2] dos taes paraguayos. Senhor sim! isto vae bonito!

CLAUDINO.

Ora!. que temos que receiar? O mesmo que aconteceu com os *blancos*: heroes onde vian fra-

queza, covardes quando se lhes resistia com energia e valor, obrigámol-os ao silencio e á prudencia.

O CORONEL.

Sim; depois de terem feito coisas infernaes em Jaguarão. Lá se foram cemtenas de familias para a cidade de Pelotas, correndo pelos mattos, rotas, esfomeadas!... uma miseria! Ah! que se todos podessem fazer-lhe o acolhimento que demos-lhe aqui!

CLAUDINO.

E em verdade a sua ferida está quasi sarada, *papai?*

O CORONEL.

Está; mas não posso ainda montar nem n'um *matungo*, ainda que seja *tranquito* [3] e *estradeiro* que me vá a passo. Tambem não percebo que *démo* tem o peito com as pernas. A ferida foi de lança, a *bocca* está fechada... Mas em me pondo em cima de animal, dóe que tem *quês*. [4]

CRAVEL.

E' natural; o systema muscular ficou todo offendido..

O CORONEL.

Se não fosse aquelle destemido Jabutá, a coisa era feia! Foi providencia elle chegar ainda com os *tropeiros*.

SILVINA.

E *papai* não tem tido novas delle?

O CORONEL, tristemente.

Quaes novas! Aquelle diabo *girou* [5] *de vez!*

CRAVEL.

E afinal heide ir-me para a Europa sem conhecer esse homem, que realmente foi a nossa salvação. Mas o Coronel deve saber quando elle chega; portanto.

O CORONEL.

Quaes [6] sei nada! não foi em meu serviço. . .

CRAVEL.

Como? não foi. . .

O CORONEL.

Qual foi! E' uma historia que tem-me dado que scismar. No dia seguinte ao da *função dos blancos*, pedio-me licença para sahir da *estancia* com vinte homens *escolhidos*. Perguntei-lhe para que, disse-me que era segredo. Dei-lhe a licença, lá se foi por essas *campanhas* fóra, e até hoje. . . nada! O maldito advinha que tenho saudades d'elle! (para Cravel) Mas. . . vamos lá a saber, senhor môço:— Vossê fallou p'ra ahi em ir embora?

CRAVEL, sorrindo.

Fallei. Heide ficar aqui eternamente?

O CORONEL.

Isso não, que vossê tambem por lá tem quem

queira-lhe d'alma: mas não é n'estes tres mezes mais proximos que sahe d'aqui.

CRAVEL.

Por que?

O CORONEL.

Pôr que essa meia duzia de dias que aqui tem estado...

CRAVEL, sorrindo.

Meia duzia de dias? Ha tres mezes e tanto.

O CORONEL.

Pois bem; mas esses tem-nos vossê empregado na medição das nossas *estancias* e fazendas; é justo que estando este tempo todo como *empregado-engenheiro*... (rindo) sem vencimento, esteja depois algum tempo como hospede.

CRAVEL, levantando-se.

Pouco, por que, como vê, o *empregado* tem quasi concluida a sua obra. (Mostra-lhe um papel grande em que, sobre o album, tem estado a desenhar.)

O CORONEL, observando-o.

Bravos! Está claro como agua! (para Claudino entusiasmado) Grande talento de môço!

CRAVEL, rindo.

Oh! pois não!

CLAUDINO, aproximando-se e mirando o papel.

Está exacto!

CRAVEL.

Poupem a minha modestia! (dirige-se para Silvina)

O CORONEL, baixo para Claudino.

Que pena ser portuguez! [7]

CLAUDINO.

Deixe-se d'isso, *papai*: o talento não tem patria; e, se a tem, é . . . o mundo.

CRAVEL, para Silvina.

Extranho-a, D. Silvina. Sempre triste! . . .

SILVINA, sorrindo.

Tenho de que.

CRAVEL, sorrindo.

Custa-me a crer.

SILVINA.

Pois creia.

CRAVEL.

Se eu lhe merecesse a confidencia dos motivos d'essa tristeza.

SILVINA.

Merece, mas não lh'os digo. E' um segredo, que envolve segunda pessoa: é inviolavel.

GRAVEL, curvando-se.

Basta: deploro-o e respeito-o (affasta-se).

SILVINA, depois de lho agradecer com um sorriso.

Papai, nunca mais houve noticias do nosso vizinho Abilio Marugipe?

O CORONEL,

Nunca; depois da tal cabelleira tarde. . . Tambem que vinha elle por cá fazer? Saquearam-lhe a *xarqueada*, levaram-lhe parte dos negros e o resto mataram. Quasi que nada cá tem seu o miseravel! Se viesse. . . *Quaes* vem! elle bem sabe o que espera-o, pelo insulto que te fez!

CLAUDINO.

Para fallar-lhe verdade, *papai*, hoje até quasi que tenho compaixão por elle!

O CORONEL.

Porque?

CLAUDINO.

Porque, embora praticasse aquella loucura ou desvario—com *sinhá*, foi victima de uma gravissima calumnia. Essa, e o saque da *xarqueada*, castigaram-lhe bem o atrevimento.

SILVINA.

De que calumnia falla o mano?

CLAUDINO.

Pois não se disse que elle era espião, connivente com os *blancos*? Se elles tambem tudo lhe roubaram, é claro que . .

O CORONEL.

Não o justifica: mais de uma vez tem isso acontecido. Aquillo é tão boa gente, que, quando não têm a quem roubar, roubam a si proprios [8]. *Eh tá!* canalhas! Sahiram d'aqui muito bem *tocados*; deu-lhes o desgosto para entreterem-se com a fazenda do amigo; fizeram-no.

SCENA II.

OS MESMOS E LEÃO, pelo fundo.

LEÃO.

Oyó Coronel.

O CORONEL.

O que é? Foste *em* [9] casa de D. Elpidia?

LEÃO.

Nhór sim. Ella diz que ainda está com seus achaques, sim senhor; que não pode sahir *na* [10] rua e que pede para vossê ir ver ella e mais *Sinhô*.

CLAUDINO.

Coitada! desde a invasão dos *blancos*, ficou de-veras doente, a pobre senhora.

O CORONEL.

Qual! aquillo tambem anda alli muita *piéqueira*. Estas senhoras da côrte são umas taes *faniquentas!* . . .

SILVINA.

Papai, D. Elpidia ficou mais de uma hora sem sentidos na *fonte da matta*: necessariamente havia de fazer-lhe mal.

O CORONEL, com certa intenção e malicia.

Eu desconfio que ella anda-me com outra qualidade de molestia!. (para Leão). Chama os animaes, moleque.

LEÃO, sahe para o fundo.

SILVINA.

Que quer dizer *papai*?

O CORONEL.

Supponho que anda-me a *curtir* uma paixão por certa pessoa, que nós conhecemos. . .

SILVINA, sorrindo admirada.

Oh! . .

O CORONEL, rindo.

Alli o Sr. Engenheiro talvez que saiba-nos dar algumas informações a respeito.

CRANEL, sorrindo.

Eu?!

O CORONEL.

Deixal-a; é rica. . . Mas talvez que . . . outros projectos . . . (Olhando de revêz e com bomdosa malícia para a filha).

CLAUDINO, rindo.

Papai hoje está um perfeito enigma!

O CORONEL.

Talvez; mas espero que em breve serei decifrado com toda a facilidade. (Vae buscar o seu chapéo)

CLAUDINO, baixo para Cravel.

E tu sem nada dizer!. Falla, myzantrôpo!

CRAVEL, baixo.

Ora . . . para que? Temos muito tempo . . . Pelo caminho . . .

CLAUDINO.

Juro-te que, se nada disseres, direi eu!

CRAVEL.

Não; isso não! é preciso fallar primeiro com tua irmã:

O CORONEL, descendo.

Vamos, *gentes!* Vamos ver *parar rodeio á boiada*, que hade-se começar a *carnear* (11) amanhã, e depois passamos *em casa* de D. Elpidia, coitada.

CRAVEL e CLAUDINO, tomam os chapéus.

CLAUDINO.

Sinhá, não vem?

SILVINA, sorrindo.

Caso extraordinario! sinto-me tambem hoje alguma coisa incommodada. A' noite, se achar-me melhor, irei visitar a visinha.

CRAVEL, para ella.

Mas... parece-lhe que será coisa de cuidado, minha senhora?

SILVINA.

Não; uma ligeira dôr de cabeça, devida, talvez, ao calor.

CRAVEL.

Não nos vá agora tambem adoecer, D. Silvina!

O CORONEL.

Quaes adoecer! ella é lá môça para essas vulgaridades! Vamos, *gentes*!

CLAUDINO.

Até logo, *Sinhá*.

SILVINA.

Façam meus cumprimentos a D. Elpidia.

CRAVEL, aperta-lhe a mão.

o CORONEL, depois de beijar a filha, gritando para a pateo.

Oh! *gentes!* Venham os *burros!* (para Cravel) Vae ter uma surpresa!

CRAVEL.

O que é, Coronel?

O CORONEL,

Mandei aparelhar o *pingo-lindo* [12]* de *Sinhá*, para vossê cavalgar hoje.

CRAVEL, rindo.

Mas o que é *pingo-lindo*, Coronel?

O CORONEL,

Chamamos por cá assim a um cavallo que seja formoso como corça e ligeiro como vento. Verá.

CRAVEL.

E' bravo?

O CORONEL.

Quaes bravo! E' manso como *tamboro* [13] creado ao pé de casa.

SILVINA, que subio a elles.

Sr. *Juca*, se passar por algum *córrego* [14] ou pequeno *banhado*, [15] segure-se, que meu cavallo costuma saltar sem ser mandado.

CRAVEL.

Obrigado, D. Silvina; fico prevenido.

CLAUDINO.

E' bixinho que já nos ganhou quatrocentas *onças* ha dois annos.

CRAVEL.

Em que? como?

CLAUDINO.

N'umas *corridas*. E' verdade, *papai*; necessitamos fazer umas *corridas*, para elle ver. E' uma das coisas typicas da nossa terra. [16]

O CORONEL.

P'ra festa, olé! Hade ver-se então quem *bate onças* com os *tranquitos* cá da *estancia*! Ah! ahí vem os animaes... Vamos.

OS MANCEBOS, tornam a apertar a mão de Silvina, que fica na varanda. Sahem todos tres.

O CORONEL, dentro, depois de silencio.

Rédea mais curta, Sr. engenheiro! Olhe que isso não é *matungo abombado*: isso é cavallo do diabo!

SILVINA, na varanda, rindo.

Obrigada *papai*! (Depois de se demorar um instante na varanda, despede-se d'elles com a mão, e desce a scena.)

SCENA III.

SILVINA, vem até á jardineira do centro, silenciosa e pensativa.

Nem uma carta!.. Que significará isto? (depois

de silencio) Que homem aquelle, Deus meu! Como acabará esta situação insopportavel? Vejamos se Braulia. (tira da algibeira um pequeno apito de prata, que faz soar com força) Talvez alguma carta... E dizem que sou feliz!. Oh! almas vulgares, que não sabem ler n'um coração de môça!

SCENA IV.

SILVINA E BRAULIA, pela direita-alta.

Sinhá?

BRAULIA.

SILVINA.

Tens alguma carta para mim?

BRAULIA.

Nenhuma, *Sinhá*.

SILVINA.

Nem veio alguém da *campanha* desde hontem?

BRAULIA.

Ninguem.

SILVINA.

Bem. (Depois de dar um passeio com certa agitação febril.)
Braulia. estou doente. alguma coisa incommodada. Que te parece que faça?

BRAULIA.

Mas o que sente *Sinhá*?

SILVINA, impaciente.

Nada! (continuando no seu passeio) Enganei-te, Braulia; estou boa; não tenho nada!... (consigo) Quem me diria que ainda uma vez havia de sentir no coração este espinho agudo, a que chamam *saudade*!

BRAULIA, timidamente.

Sinhá está *brava* contra sua *mocamba*?

SILVINA.

Não; nada me fizeste... (consigo) Talvez que rezando. Sim; vou experimentar. Deus que me poz no coração este amor, deve tirar-m'o... ou dar-me resignação! (alto) Braulia, vou para o oratório. Se alguém procurar-me, chama.

BRAULIA.

Sinhá sim.

SILVINA, consigo.

Talvez que hoje (com alegria) Oh! diz-me o coração... (com a mais profunda tristeza) Nada!... e se alguma coisa sinto, é o pressentimento de uma desgraça! (Sai rapidamente para a direita-alta)

SCENA V

BRAULIA, DEPOIS JABUTA'.

BRAULIA, só.

Pobre môça! Anda doida de amores, e não sabe

o que tem! Como acabará isto?— E aquella carta que *Sinhá* recebeu ha tres dias lá das *europias*, e que a fez chorar! . . . *Más surucucús* [17] mordam-me se posso entender coizas d'estas!

JABUTÁ, entrando pela direita-alta.

Braulia. . .

BRAULIA, voltando-se muito alegre.

Ah! *nhó-nhó* Jabutá! Ainda bem que voltou! Todos estavam com saudades de vossê!

JABUTÁ, sorrindo.

Todos, mocamba?

BRAULIA.

Nhór sim; creia! Pois se vossê nunca demorou-se tanto tempo fóra da *estancia*!

JABUTÁ.

Assim foi preciso. Onde está *Sinhá*?

BRAULIA.

No oratorio.

JABUTA, admirado.

No oratorio!?. a estas horas!

BRAULIA.

Nhór sim: me disse que para lá ia. Tambem me espantei, sim senhor.

JABUTA, repetindo como consigo.

No oratorio! . . . (depois de silencio) Braulia, que novidades houve pela estancia?

BRAULIA.

Nenhuma, não senhor.

JABUTÁ.

O Sr. Coronel vae bem, que o vi ao longe cavalgando com os dois môços: mas. *Sinhásinha?* está boa?

BRAULIA.

Anda triste e *aborrida*: nada dá-lhe gosto, e . .

JABUTÁ.

Por que?

BRAULIA.

Nhó-nhó promete não dizer nada do que eu contar-lhe?

JABUTÁ.

Sim, prometo.

BRAULIA.

Eu creio que querem casar *Sinhó*, sim senhor.

JABUTÁ.

Com quem?

BRAULIA.

Com *nhó-nhó Juquinha*.

O hospede? JABUTÁ.

BRAULIA.

Esse é.

JABUTÁ.

Quem t'o disse?

BRAULIA.

Ninguem, não senhor.

JABUTÁ.

Então... como suppões.

BRAULIA.

Por conversa dos dois môços: *nhó-nhó* Claudino aconselhava *nhó-nhó Juquinha* a que dissesse á *maninha* que amava ella e...

JABUTÁ.

Calla-te! não quero saber segredos, e que demais não te foram confiados! (com certa severidade) Não gosto dos *espias*.

BRAULIA, submissamente.

Como vossê perguntou por *Sinhá*, e como creio que ella anda triste por que já percebeu que querem casal-a.

JABUTÁ.

Basta! (depois de silencio) Dize a tua senhora que cheguei, que preciso fallar-lhe. (Sobe)

BRAULIA.

Nhór sim. (Comsigo) Mõço *damnado*, este, que tem amor a *Sinhá*, e não quer saber.

JABUTÁ, voltando.

Não ouviste, *mocamba*?!

BRAULIA.

Eu vou, *nhó-nhó*. (Sabe para a direita alta)

SCENA VI.

JABUTA' DEPOIS SILVINA.

JABUTA', só depois de silêncio.

Querem casal-a!. Era inevitavel! Rica, formosa e... Querem casal-a com esse engenheiro, que nem conheço... (com força, e levando a mão á face) mas que já odeio com um odio mortal!. e mortal será se... (mudando de tom) Pobre mõço! que culpa tem elle dos desatinos d'este coração louco e sedento de algum affecto que parta da alma! Que vida, Deus meu! Que inferno! (depois de silencio) Que me resta fazer? Sei: a guerra rebentou! Boa occasião de procurar o fim de tanto padecer! Mor-te com a espada na mão, deve ser aos olhos d'ella mais um titulo á sua estima, ao seu amor... O seu amor!? esse vae ella dar a um marido! (olhando para dentro) Eil-a! Calla-te, coração! suffoca as tuas fraquezas! Desappareça o amante; renasça o homem!

SILVINA, entrando e custando-lhe a conter a commoção, que disfarça com um certo tom de desabrimento.

Chegou, finalmente!

JABUTÁ.

Neste instante, minha senhora. (Estende-lhe a mão, que ella recusa, fugindo com a sua) Como!?!... não me aperta a mão?

SILVINA.

Não; justifique-se primeiro, se póde.

JABUTÁ, carregando o sobr'olho.

De que?

SILVINA, com altivez.

Do que praticou!

JABUTÁ.

Do que... A minha consciencia está tranquilla; não sei de que possa arguir-me.

SILVINA.

Sei eu.

JABUTÁ.

Peço-lhe que me argua, então.

SILVINA.

Não; interrogo-o!

JABUTÁ, sorrindo contrafeito.

Repare, *Sinhá*, que esta-me tratando quasi desabridamente!

SILVINA:

Se lhe não convém este tom... váia!

JABUTÁ, com um vislumbre de colera.

D. Silvina!... (depois de silencio e seccamente) Obedeço.
(Vae para sahir.)

SILVINA, correndo a elle e travando-lhe n'um braço...

Onde vae? (Depois de silencio, descendo com elle, fitando-o)
Dá-me licença que o interrogue?

JABUTÁ.

E' o meu maior desejo.

SILVINA.

O que é... esse amor, Sr. môço?

JABUTÁ, com ironia amarga.

O que é este amor!?, (com fogo) E' um supplicio
de todos os dias, de todos as horas, de todos os
instantes! E' o inferno! é a perdição!

SILVINA, mais docemente.

E para que veio augmentar o mal com uma au-
sencia de tres mezes? Que significou esta partida
repentina e inesperada? E, sobre tudo, como é que
pôde sahir d'aqui sem nada dizer-me, sem uma
despedida, sem... (commovida) E' o cumulo da in-
gratidão!

JABUTÁ.

Não foi; foi prudencia, foi necessario este grande sacrificio.

SILVINA.

Para que?

JABUTÁ.

Um insolente, um miseravel insultou-a, D. Silvina! . . . Pensei não ser digno do seu amor, se não punisse o covarde que ousou offendel-a. Se me despedisse da senhora, naturalmente tentaria dissuadir-me do intento: é a razão da minha quasi fugida da *estancia*. Além d'isto . . . despedidas . . . para que? para mais e mais se me arreigar este amor, impossivel de ser coroadado pela ventura a que todos aspiram no mundo?

SILVINA,

Já descreu da Providencia?

JABUTÁ, cavernosamente.

Quasi!

SILVINA, docemente.

E eu . . . acabo de orar! (estende-lhe a mão)

JABUTÁ, tomando-lh'a.

Por mim?

SILVINA.

Por nós! Ouça: — ha um raio de ventura no nosso horizonte, que faz-me sorrir a alma! Parece que o meu anjo da guarda sorri-se commigo! . . . Recapitulemos: — Ha dous annos, quasi instado

por mim, disse que amava-me. Com a franqueza do meu caracter, retribui-lhe esse amor, e aconselhei-o a que pedisse-me em casamento. Recusou com uma energia, que attribui primeiro a orgulho e depois a escrupulos de consciencia, que me daguerreotyparam perfeitamente o seu caracter de homem honrado. Mais fiquei-o amando!

JABUTÁ.

Ai, Silvina! como é doce e... triste ouvi-la!

SILVINA, continuando.

Não era o *feitór* que receiava ouvir uma recusa desabrida do rico *estancieiro*, [18] quando pedisse-lhe a mão da filha: era o môço honrado, embora de indole violenta, que, n'um accesso de colera, havia assassinado o amigo, e que se julgava, por isto, indigno de ligar sua sorte á de uma môça honesta e abastada. Era o fugitivo da patria que, carregando na consciencia com o peso de um grande crime, se foi a terras estrangeiras buscar o pão humedecido com as lagrimas de seu arrependimento! Era o maritimo naufragado na barra de S. Pedro do Sul, que entranhando-se por essas *campanhas*, aqui veio ter seguido sempre por seu cruento companheiro— o remorso! Finalmente, era a *fatalidade* que matava-lhe a *ventura*! Será tudo isto assim?

JABUTÁ.

E, e repetirei sempre:— um assassino não pode aspirar á mão de uma mulher como a senhora! O coração atormentado pelo remorso, não pode levar senão a fatalidade a quem lhe aceitar os affectos.

SILVINA.

Pois bem:— e se esse remorso fôr . . . uma chimera, uma illusão?

JABUTÁ.

Ah! não é, não! sinto-o! não me deixa um dia! Sem pai, sem mãe, sem irmãos, sem patria, como poderia expelli-o da alma, este remorso infernal de quatorze annos!?

SILVINA.

Escute:— Lembra-se que, quando a instancias minhas, e accusando-o de orgulhoso, resolveu-se a contar-me essa negra historia? Lembra-se que, por uma d'estas puerilidades de moça, e moça que ama, perguntei-lhe por certos particulares de sua familia, coisas insignificantes, mas que se tornaram hoje, como verá, de grande importancia para a nossa ventura?

JABUTÁ.

A nossa ventura!?. Explique-se, minha senhora! Que pressentimento é este que me está fazendo surgir no espirito?! Pois posso eu aspirar a qualquer ventura n'este mundo!?

SILVINA.

Pode e hade tê-la! Deus é bom! A Virgem Santa é minha madrinha. (Tirando uma carta e entregando-lha). Veja.

JABUTÁ. tomando-a e observando o sob-escrito.

Uma carta da Europa!

SILVINA.

Leia-a.

JABUTÁ, abre a carta, vae para lê-la e suspende-se.

Meu Deus! . . . esta lettra! . . . (esfregando os olhos)
Estou sonhando! . . . a lettra de . . . de meu pai!!
(cambalêa e encosta-se a um móvel para não cahir).

SILVINA, radiante de alegria e pondo-lhe a mão no hombro.

Coragem, Sr. *Monarcha das Coxilhas!* Não vá-me agora desmaiar como qualquer môça melindrosa!

JABUTÁ, n'um excesso de febril agitação, de susto e de alegria, lê tremulo e anciôso.

« Senhora, ou anjo, que não sei como chamar-lhe! Satisfazo o seu pedido: escrevo a meu filho na sua propria carta. Diz-me que o ama; pois bem; venha! venha gozar o quadro da maior felicidade que pode haver no mundo! um pae que acha seu filho! Venha! minhas filhas a esperam para chamar-lhe irmã; minha esposa quer apertar ao peito mais uma filha! Henrique de Souza.»
(desorientado de alegria). Meu Deus! mas isto é um sonho! . . . Meu pae! . . . a lettra de meu pae! Foi a sua mão que . . . (beijando febrilmente a carta). Meu pae! . . . minha mãe! . . . minhas irmãs! . . . Vivem! vivem todos!

SILVINA, docemente.

Leia o que lhe dizem.

JABUTÁ lendo com a maior avidez e difficuldade pela commoção.

« Meu filho! . . . (repetindo como louco) Meu filho! . . .
meu filho e escripto pela mão de meu querido pai!
 Pois eu ainda tenho pai!?. . . ainda tenho quem
 me chame filho, quem me derija esta palavra sa-
 crosanta, inventada e só comprehendida por Deus!
 (cahindo de joelhos junto de uma cadeira e suffocado pelos soluços)
 Não posso! não posso ler mais, que até receio en-
 louquecer! Quatorze annos de expiação fizeram-te
 amerceiar de mim, Deus clemente! (levantando os
 olhos e as mãos ao céu) Como és grande, Senhor! como
 és bom! como és santo!

SILVINA, depois de silencio, toma-lhe a carta, senta-se na cadeira
 junto da qual elle ajoelhou, e lê commovida, em quanto Ja-
 butá escuta como n'um extasi de admiração.

« Meu filho! Um anjo acaba de me dar noti-
 « cias tuas! Vem! Nada receies! Teu amigo José
 « Cravel não morreu, como suppões! O teu crime
 « está bem expiado, pobre filho! Esperam-te os
 « braços de teu pai, mãe e irmãas! Vem! a benção
 « de teu pai te trará a porto de salvamento! Nem
 « sei o que escrevo!. Estou velho! Receio que
 « a alegria me mate! Vem! vem! Teu pai extre-
 « moso — Henrique de Souza. » (depois de silencio)
 Que ventura para aquellas almas!

JABUTÁ quer fallar e não póde: desafogando em lagrimas, occulta
 o rosto entre as mãos e deixa pender a cabeça no regaço da
 amante. Grande intervalo de silencio, em que só se ouve o
 soluçar do mancebo.

SILVINA, na maior commoção, elevando os olhos ao céu, e pondo
 a mão sobre a cabeça do amante.

Obrigada, meu Deus! Santas lagrimas estas!

JABUTÁ, erguendo a cabeça.

São as primeiras! Não é o homem que chora; é o criminoso que apresenta os documentos de sua reabilitação!

SILVINA, erguendo-se e fazendo-o erguer.

Erga-se, pois, Sr. Fernando de Souza! E' digno de pedir minha mão ao Sr. Coronel Estanislau.

JABUTÁ.

E' o meu anjo tutelar, D. Silvina! Mas... como soube?... como conseguiu...

SILVINA.

O môço que ahi está é o seu amigo José Cravel.

JABUTÁ.

Elle!?

SILVINA.

Contou-me esse epyzodio de sua vida, Sr. Fernando. Disse-me uns versos, que lhe são dedicados, e em que elle mostra quanto era seu amigo! Quiz prevenil-o, ao senhor, de tão feliz coincidência: desappareceu; deliberei por mim. Escrevi á sua familia.

JABUTÁ, beijando-lhe a mão arrebatadamente.

Oh! com que amor lhe heide pagar tanta ventura!?

SILVINA, sorrindo docemente.

Com o mesmo com que lhe retribuo o seu.
(Olhando para o fundo) Mas... eil-os! retire-se e...
eu irei prevenindo *papai* progressivamente para
o desenlace da nossa felicidade! Adeus! (apertam-se
as mãos. Ella sobe á varanda)

JABUTÁ, consigo.

José Cravel... (como tomado por uma idéa) E' elle o
noivo que... Meu Deus! amal-a-ha?!... Verei
fugir a felicidade apóz a minha reabilitação?! Oh!
não! Deus é bom! A desgraça não continuará a
perseguir-me! Expelio-a de mim a benção de meu
pai! (Sahe para a esquerda-alta)

SCENA VII.

SILVINA, O CORONEL, CRAVEL E CLAUDINO,
pelo fundo.

O CORONEL, contente.

Grande *boiada*, senhor sim! Meu *monarcha* Ja-
butá tem queda para apuramentos de raça! (a Cravel)
Que diz a isto, Sr. môço?

CRAVEL, rindo.

Digo... que estou moido, Coronel! o tal cavalli-
nho é de um genio!..

O CORONEL.

Quaes! Petiço de môça não incommoda homem.

SILVINA, descendo.

Como está D. Elpidia, *papai*?

O CORONEL.

Fresca e rubra como roza, mas queixando-se muito. *Piéguas* de namorada!

CLAUDINO, rindo.

Mas, deveras, *papai*; D. Elpidia está namorada?

O CORONEL.

Como uma donzelinha sahida de collegio *aperreado*! (lançando um olhar malicioso para Silvina e Cravel)
Mas me parece que não é correspondida.

GRAVEL e SILVINA, conversam um pouco affastados.

CLAUDINO, baixo para o Coronel.

Mas, *papai*, não me dirá que significam esses olhares, que lança de vez em quando á *maninha*?

O CORONEL, baixo e rindo.

Cala-te, *bóbo*! é para ver se descubro ciumes! . .
Se os vejo. . . casam *mesmo*, que eu morro pelo teu engenheiro! Aquillo é que é um moço honesto e de *porte*!

CLAUDINO.

Isso é!

O CORONEL.

Reconciliou-me com os *bahianos de Portugal*!

SCENA VIII.

Os MESMOS E LEÃO, pelo fundo.

LEÃO, com uma carta.

Yóyó, uma carta para vossê.

O CORONEL, tomando-a.

Dá cá. (abrindo-a) Olá! do general Netto! (lendo alto) « Amigo velho e camarada: A provincia
« vae pegar em armas. Os paraguayos evadiram o
« nosso territorio! tenho a minha cavallaria promp-
« ta: falta-me o seu regimento. Venha! apezar
« de velhos, ainda temos cabeças dignas de coroa-
« rem-sé de louros! Seu velho camarada — Netto.
(terminando a leitura) *Bravos!* Temos mais guerra!
E eu sem poder... Esta maldicta lançada!..

SILVINA, correndo para elle.

Ainda que estivesse no seu estado normal, *papai*,
eu não consentia que n'essa idade.

O CORONEL.

Então que tem a idade, quando se trata de de-
fender a honra de minha terra!? Se Deus me der
vida e restabelecimento, heide lá ir *molhar a minha*
sôpa, olá!

LEÃO:

Yóyó, ha mais de meia hora que está alli uma
velha, que espera para fallar a vossê.

O CORONEL.

Quem é?

LEÃO.

Parece assim a viuva Marugipe: eu sei!

O CORONEL.

A mãe do Abilio!

LEÃO.

Nhór sim: diz que quer fallar com meu senhor só-só, sem mais ninguem.

O CORONEL.

Oh! que demonio me quererá essa *bruxa*?

LEÃO.

E é mesmo, *Yóyó!* Lhe digo que vá embora?

O CORONEL.

Não; que entre.

LEÃO, vacilla, depois vae ao fundo.

Yayá póde entrar.

SCENA IX.

Os MESMOS, E THEREZA MARUGIPE.

THEREZA, vacillando a entrada e consigo.

Não está só!..

O CORONEL.

Póde entrar.

THEREZA.

E' desnecessario, se V. S. não quer-me escutar só.

O CORONEL, com algum desabrimento.

Não sei que tenha negocios com a senhora, nem com coisa sua! portanto...

THEREZA, descendo um pouco e supplicante.

Por quem é, Sr. Coronel Estanislau, escute-me! Talvez n'isso esteja a vida desta pobre velha!

O CORONEL.

A vida.. (depois de curto silencio para os mais) *Gentes*, me deixem só. Vamos ver que novidade é esta

[Todos se encaminham para a direita-alta.]

SILVINA, quando passa junto da velha, abaixa-lhe friamente a cabeça.

THEREZA, que ia para lhe estender a mão.

Não despreze a desgraça, *sinhá!*

SILVINA, apertando-lhe a mão.

Perdoe-me, D. Thereza, ! Não lh'a desprezo; deploro-lh'a. (Sahe com Claudino e Cravel)

LEÃO, consigo.

No fim das contas, a velha dá dó a todos!.. menos a mim, *bruxa!* (Sahe, fazendo-lhe uma figa, sem os mais verem)

SCENA X.

O CORONEL E THEREZA.

O CORONEL, com algum desabrimento.

Então. o que me quer a vizinha? Sente se.

THEREZA.

Não; de pé... de joelhos, até, Sr. Coronel!
(faz menção de ajoelhar-se)

O CORONEL, contendo-a.

Então o que é isto?! Eu não sou santo, nem frade! Que *démo* de *piéqueira* é essa?

THEREZA.

E' a postura de quem vem pedir uma. uma esmola!

O CORONEL, espantado.

Uma esmola?! Pois ficaram-se n'esse estado?

THEREZA.

Não é uma esmola de dinheiro; é uma esmola de... de perdão!

O CORONEL.

Explique-se; faz favor.

THEREZA, depois de curto silencio.

Meu filho...

O CORONEL.

Não me falle nesse . . . *pássanito* [19] do *tinhôso*,
D. Thereza!

THEREZA.

De quem heide fallar, se não vejo-o, se não sei d'elle, se estou quasi na miseria por sua auzencia! Escute, Coronel; a fazenda foi-nos roubada, sabe! Os negros mortos e outros fugidos com esses salteadores. [20] Não tenho quem trabalhe; não tenho em breve que comer, e . . . o que é pêor ainda, Coronel! — não tenho meu filho! Meu filho, que, com sua presença podia dar trabalho a seis ou sete escravos que ficaram-nos! . . .

O CORONEL.

Pois de duzentos ficaram reduzidos a isso?!

THEREZA.

Senhor sim, que ficámos mesmo!

O CORONEL, por entre dentes, mas sempre meio desabrido.

Pobre velha!

THEREZA.

Meu filho . . . não apparece; em dois mezes morro de fome!

O CORONEL, machinalmente.

Quaes morre! Aqui na *estancia* almoça-se, janta-se e ceia-se! (arrepellido do que disse, e a um gesto)

de agradecimento de Thereza) Não tem que agradecer-me; eu não offereci-lhe nada! (Outro tom ainda mais desabrido) Mas o que tenho eu com o desaparecimento d'esse homem, não me dirá?

THEREZA.

Tudo; elle não volta por causa de vossê.

O CORONEL.

E que tenho eu com isso? Que quer que lhe faça?

THEREZA.

Que perdoe a meu filho! Por tudo quanto ha lhe peço! Deixe-o voltar para casa!.

O CORONEL.

Pois eu impeço-lh'o!?

THEREZA.

Sem o seu perdão elle não volta mesmo, que nem eu quero! V. S. é rico, é poderoso, é Coronel, é...

O CORONEL.

O que mais?

THEREZA.

E'... é pai! Sua filha foi insultada, ameaçada por esse louco!...

O CORONEL.

Isso foi; e se lá estou n'esse momento, . . .

THEREZA.

Matava-o; bem sei. E que seria da pobre velha? E quem me diz que... agora mesmo, que elle apparecesse.

O CORONEL.

Que não faça isso!.. Que não me appareça diante dos olhos, que *desanco-o*, como quem *desanca* um *burro-xucro*, que não quer levar *aparelho*!

THEREZA, supplicante.

Pois é isso que venho pedir a V. S.! Tenha dó de uma mãe. infeliz! Sem V. S. dar-me sua palavra de honra que me não faz mal ao Abilio.. Sem dar ordem aos seus para que respeitem sua vida. (ajoelhando) não me levanto d'aqui!

O CORONEL.

E esta! O' creatura! levante-se, que não posso ver ninguem de joelhos, senão na igreja!

THEREZA.

Não, Sr. Coronel! não me levanto sem prometter-me isto! Vossê é pai! eu sou mãe! E póde um pai, ou uma mãe, deixar de ver seu filho?! E se o vê, póde têl-o exposto assim a morte certa!?

O CORONEL, desesperado.

Mas levante-se, mulher! Pelo amor de Deus, levante-se d'aqui! (querendo levantal-a)

THEREZA, agarrando-lhe os joelhos.

Pelo amor de Deus lhe peço eu.

O CORONEL, mais commovido.

Mas. *c'os tnhoso*, senhora! Eu não sou nenhum assassino! Levante-se! (conseguindo levantá-la por um braço)

THEREZA, de pé.

Não é um assassino, sei, Coronel; nem é de vossê que tanto me arreceio; conhece-o: se encontrasse esse desgraçado.

O CORONEL.

Mettia-lhe o chicote, olá!

THEREZA.

Sei; mas não matava-o. Porém os seus, Coronel? As suas *gentes*?

O CORONEL.

O que é que tem?

THEREZA.

O seu *feitor*? Jabutá.

O CORONEL.

Foi-se, não está na *estancia*: não sei d'elle.

THEREZA.

Mas voltará; diz-me o coração que esse homem

corre estas *coxilhas*, [21] montes e *rincões* para topar com meu filho!

O CORONEL, como aceitando repentinamente a idéa.

Oh! diabo! seria para isso que elle...

THEREZA.

Foi, Sr. Coronel! Se o encontra, desaparecido e só.

O CORONEL,

Mata-o, com toda a certeza! *Prega* com elle, depois de defuncto, em algum *mangue*, e volta com aquella mesma *cara de poucos amigos*. [22]

THEREZA.

Ainda bem que o diz, Coronel! Esse homem não topará com meu filho; mas quando voltar á *estancia*, se Abilio tambem tiver apparecido... (em lagrimas) Pela boa sorte de *Sinhá*, Coronel! Ordene ao *monarcha* Jabutá que nada faça contra meu filho!

O CORONEL, commovido.

Sabe que mais, D. Thereza? O que lá vae, lá vae! Diga a esse diabo que, a fé de Coronel Estanislau, não hade-lhe acontecer mal. Mas que não appareça-me diante dos olhos, nem *pise* [23] em fazenda minha!

THEREZA, jubilosa.

E quando Jabutá voltar.

O CORONEL.

Eu fallarei com elle. Vossê é mai, eu sou pai, disse bem, D. Thereza! Vá com Deus, e diga a elle que. juiso! quando não... nem que vossê cá venha-me de Santo Christo na mão, ou alguma reliquia de santo *milagreiro!*

THEREZA.

Posso, então, ir descansada... feliz?.

O CORONEL.

Vá, vá e. (depois de hesitação) e se precisar de alguma coisa... (desabridamente) Sim, por que vossê não tem culpa do que elle fez, esse *passanito* do *tinhoso!* Se precisar carne, ou farinha, ou dinheiro, ou negros lá para a sua *safrá*.

THEREZA, commovida.

E' um santo, Coronel!

O CORONEL.

Bravos! Não diga-me heresias, D. Thereza! Vá, vá com Deus.

THEREZA, estendendo-lhe a mão.

Deu-me vida! Creia que se não amerceiasse-se de mim. morria de saudades e de fome!

O CORONEL.

Quaes morrer! Pelo tempo que vossê hade por cá andar mais!. Vá com Deus; ande.

THEREZA, ia sahir, voltando e sorrindo entre lagrimas.

Tenho uma coisa na consciencia, que me pesa, Coronel. Vou dizer-lh'o, mas hade primeiro dar-me sua palavra de honra, que devéras apiedou-se de mim; que a vida de meu filho não corre perigo.

O CORONEL.

Pois sim, sim; lhe dou minha palavra. Que temos mais?

THERAZA.

Meu filho está homisiado na *xarqueada*: jurou-me que sahia, succedesse o que succedesse, por que precisava trabalharmos para viver. Enganei-o, Coronel, quando affiancei-lhe que tinha desapparecido.

O CORONEL.

O' creatura! então porque não disse logo isso, excusa va eu ter tido tanta dó de vossê, como tive?!

THEREZA.

Me perdoe! armei-lhe um laço a essa grande alma: tenho sua palavra de honra, vou descansada.

O CORONEL, desabrido.

Vá, vá com Deus.

SCENA XI.

Os MESMOS, E ABILIO.

ABILIO, desembuçando-se do ponche.

Espere, mãe!

THEREZA, recuando.

Oh! desgraçado!!.

O CORONEL, reconhecendo-o, correndo machinalmente para uma das espingardas, que estão ao canto da sala.

E atrevê-se. .

ABILIO.

O Sr. Coronel Estanislau não é um assassino; e muito menos estando em sua casa.

O CORONEL, suspendendo-se no meio da sala.

Não sou; tem razão: mas, lá fóra.

THERAZA, anciosamente.

Tenho sua palavra de honra, Coronel!.

O CORONEL.

Eh ta! que posição infernal!

ABILIO, com certa ironia e desespero.

Tem a sua palavra, minha mãe!. realizaram-se

as minnhas suspeitas! Sr. Coronel Estanislau, vou dizer-lhe o que traz-me *em* sua casa. Não podia mais tempo viver escondido na minha: era-me impossível: nocivo á minha vida de proprietario, era-me repugnante á minha dignidade de homem! Quasi que me chamei *de* covarde! Disse isso mesmo hontem a minha mãe, e ella... coitada! fraqueza de mulher velha!.. — veio implôrar-lhe o meu perdão!...

THEREZA, supplicante.

Filho!

ABILIO.

Sr. Coronel Estanislau; V. S., que sabe o que é *ser* homem, porque o é de véras — não parece-lhe que heide sentir cá dentro uma coisa a exprimer-me o sangue no coração e a fazer-m'o subir ás faces? *Perdão!* perdão para *um* homem!

O CORONEL, altivamente.

E porque não, se delinquo?!

ABILIO deligenciando mostrar-se calmo, mas com a raiva concentrada.

Com que então, V. S. concedeu-me esse perdão?

O CORONEL.

Não foi a vossê; foi a esta pobre mãe!

ABILIO.

Sou portanto, uma creança, um estúpido, um *bôbo*, que commetteu uma maldade, e que por in-

dulgencia mais que generosa do offendido; acceita o perdão da culpa?!

O CORONEL, quasi enfurecido.

Sabe que mais? Vá-se vossê com Deus, que, com essa soberba do diabo, pôde tentar-me a faltar pela primeira vez, á minha palavra!

THEREZA, supplicante.

Meu filho!... Abilio!...

ABILIO, deixando apparecer um vislumbre de colera.

Pois falte, Sr. Coronel! Eu o desobriço de sua palavra, perante Deus e os homens! Lá fóra em campo largo, *tire um cotejo* comsigo se lhe aprou-
ver! Mande-me assassinar pelos seus *capangas* [24] Faça o que quizer, mas livre um homem, que sente um bocado de animo na alma, soffrer á força o peso de um perdão, que deshonra!

O CORONEL, exasperado.

Ah! *guásca* do diabo! Pois o meu perdão des-
honra-te!?

ABILIO, enfurecido.

Tanto quanto as suas palavras de compaixão e de... hypocrisia!

O CORONEL, dando quasi um urro.

Oh!!! (fica como estoperisado de colera)

THEREZA com desesperação.

Enlouqueceste, filho!?

ABILIO.

Calle-se, senhora! esta é a sua obra! — Sr. Coronel Estanislau! empraso-o, em nome da honra, a retirar-me esse vergonhoso perdão, extorquido pelas lagrimas de uma mulher!

THEREZA, chorosa.

De uma pobre mãe!

ABILIO.

Se não retirar-me seu perdão, Coronel, pensarei, direi, espalharei por toda a parte, que esse perdão foi-me atirado sem eu o pedir, e talvez para — por meio de uma reconciliação — acobertar a mais vergonhosa covardia!

O CORONEL, como louco de raiva

Eh! quel puxa! Não has de repetir isso ao Coronel Estanislau!. (Corre para uma das espingardas e en-gatilha-a)

ABILIO, que lhe viu o movimento, pucha pelo rewover.

THEREZA, cahe de joelhos.

SCENA XII.

OS MESMOS E SILVINA, pela direita-alta

SILVINA, correndo a entrepôr-se, e segurando a arma, que o pai ia metter á cara.

Meu pai!! (depois de silencio e com muita dignidade) O Coronel Estanislau não é assassino! O Coronel Estanislau nunca faltou á sua palavra! Sr. Abilio Marugipe, o perdão que sahe dos labios de um velho respeitavel, como meu pai, não deshonra: o que sahe, porém, da bocca de uma mulher que detesta-o, que abomina-o, que lhe chamou tres vezes de covarde, esse perdão, sim; esse perdão é que é o cumulo da deshonra! Pois bem, Sr. Abilio Marugipe: — *eu lhe perdôo!*

ABILIO, furioso.

Sinhá!!...

SILVINA, avançando para elle e apresentando-lhe o bilhete, que apanhou no primeiro acto; abaixando a voz.

Espião dos inimigos de tua patria!.. *eu te perdôo!*

ABILIO, lendo na mão d'ella a méia voz e precipitadamente.

« *D. Marugipe, a las quatro! todos nos quedamos em la matta.* » (Dá um grito abafado: depois de longo silencio, ajoelha aos pés de Silvina) Embora deshonroso, acceito o seu perdão, *Sinhá.* (baixo) Não me perca, pelo amor de Deus!

SILVINA.

Seja homem de bem, e eu lh'o juro.

ABILIO, erguendo-se.

Dou minha palavra de honra que nunca mais deixarei de respeitar e considerar-me grato a esta familia! Juro-o pelo que ha de mais sagrado!... Cégo eu seja se... [25]

SILVINA.

Basta! Aceito a sua palavra de honra; Deus que lhe aceite o seu juramento.

ABILIO, curva-se e vae a sahir com sua mãe.

SCENA XIII.

OS MESMOS E JABUTA', pela esquerda-alta.

JABUTÁ, que entrou um momento antes, quando elle vae a sahir, bate-lhe no hombro.

Eu é que não me julgo perdoado da divida: *espero a paga da minha bala!*

ABILIO, rancorosamente.

Tel-a-ha! (Sahe, com sua mãe)

SCENA XIV.

SILVINA, o CORONEL E JABUTA'.

OCORONEL, desesperado e gritando.

Cégo tu sejas, juraste bem, fuá dos infernos!
Cégo tu sejas, se me pozeres mais os olhos!

JABUTÁ, descendo.

Não porá, Sr. Coronel.

O CORONEL, voltando-se.

Ein? Ah! é vossê, Jabutá! ainda bem que veio!
Onde foi?

JABUTÁ.

Procurar esse homem para punil-o da sua insolencia com *sinhá*.

O CORONEL.

Pois bem, eu é que não quero mais nem ouvir fallar delle! miseravel! *soberbão!* Quasi que nem as lagrimas da mãe o abrandam! Mas... (*moderando-se*) ouça, Jabutá: Prometti á pobre velha, sob minha pálavra de honra, não fazer-lhe mal ao filho, nem consentir que lh'o façam. Deixe portanto esse *tratante* em paz, e occupemo-nos de coisas serias. (*Dando-lhe a carta do general*) Leia.

JABUTÁ, toma-a e lê-a para si.

SILVINA, comsigo.

Meu Deus, que imaginará elle?! Quererá!...
Oh! é impossivel!

JABUTÁ, dando a carta ao Coronel.

Li. Mais uma fatalidade.

O CORONEL.

Mais uma gloria para esta terra; verá! (*N'outro*

tom) Vossê é capitão da nossa cavallaria nacional. Eu não posso ir, que estou ainda com esta excomungada ferida meio aberta. Vou escrever ao Presidente da Provincia, que está na cidade de Pelotas desde a invasão dos *blancos*; [26] e será vossê que irá á testa do regimento.

SILVINA, comsigo.

Meu Deus!!..

JABUTÁ, comsigo.

Mais uma separação!.. Sempre a fatalidade! (alto)
Quando devo partir?

O CORONEL.

Já: a Jaguarão ordenar o *aquartelamento* [27] da cavallaria toda; depois a Pelotas buscar o despacho do commando. Não tenho a quem confiar o regimento senão a vossê.

JABUTÁ.

Irei.

SILVINA, dando um grito.

Ah!!..

O CORONEL, voltando-se.

O que é?

SILVINA, descendo precipitadamente, agarrando, sem saber o que faz, um braço de Jabutá.

E quer deixar-me!?!.. Agora!?!..

JABUTÁ, baixo.

Silvina!...

O CORONEL, espantado.

Que significa isto, *sinhá*?

SILVINA, com a cabeça perdida.

Significa... que amo este homem! Meu pai, perdoe a sua filha! Mas... eu amo-o! A guerra, para homens da tempera d'este, é a morte.

O CORONEL, espantado e commovido.

Pois será possível que... (com muita dignidade) Minha filha!.. O amor... posso tolerar-lh'ó; a indignidade. . não!

JABUTÁ, confuzo e tremulo.

Sr.! castigue-me, fulmine-me; mas não insulte este anjo!

O CORONEL.

Triste da mulher, que tendo verdadeiro amor a um homem, se arreceia de vê-lo deffender a terra do seu berço!

SILVINA, supplicante.

Perdoe, Sr. Coronel! E' a dôr que enlouqueceu-me! Mas este môço não é..

JABUTÁ, baixo e rapido.

Silencio, que nos perde! (alto) Sr. Coronel, a sua grande alma hade comprehender que existem affectos tão puros, tão santos, que não envergonham seja quem fôr: vergonha chega a ser não confessal-os. Sou um homem de bem; creio que terá tido tempo de o conhecer.

O CORONEL.

Não lhe digo o contrario.

JABUTÁ.

Julgo, portanto do meu dever affiançar-lhe, que nem a ambição, nem pensamentos menos dignos, me fizeram erguer os olhos para *Sinhá!* Se nossas almas se communicaram no mesmo amplexo de puro affecto, nenhum de nós é culpado: e se é verdade que ha sentimentos que só dimanam do céu, este é um d'esses: respeitemol-os, e deploremol-os, quando as gerarchias separam aquelles que o céu pareceu querer unir. Aspirar á mão de sua filha é meu dever, depois do que acaba de passar-se aqui. Confesso-lh'o bem alto e de frente erguida! Se covarde, me callasse... seria indigno deste amor.

O CORONEL, estupefacto ainda e sem saber o que responda.

Mas. . . *Eh ta!* que monstruosa barbaridade [28] de acontecimento este! . . . E desde que tempo dacta esse . . . essa . . . essa affeição?

SILVINA, supplicante.

Desde que Deus o ordenou, *papai!* (apontando-lhe para o retrato que está por cima do sophá) Minha mãe era fidalga e arrostou a maldição de meu avô para amar meu pai!

O CORONEL, commovido e mirando o retrato.

E com que amor, a santa! (Depois de longo silencio, como tomado por uma resolução, sobe ao fundo, chamando) Venham aqui; preciso fallar-lhes.

SILVINA, consigo.

Virgem Santa! Inspirai-o!

JABUTÁ, para o Coronel,

Por enquanto, Sr. Coronel, atrevo-me a pedir-lhe que se esqueça d'este epysodio... que muito o contrariou, vejo-o; e me dê immediatamente as suas ordens relativas ao commando do regimento.

O CORONEL, sempre como quem está apossado de uma idéa.

Espere.

SCENA XV.

OS MESMOS CLAUDINO E CRAVEL.

CLAUDINO, descendo.

O que aconteceu, *papai!* Vejo-o tão commovido!

O CORONEL, com muita dignidade.

Meu filho, acaba de passar-se aqui um grande acontecimento. Sua irmã ama este môço, que m'a pedio em casamento. (para Cravel) Chegue-se, meu amigo; vossê é quasi da familia.

CRAVEL, desce ao extremo da scena.

O CORONEL.

Por experiencia propria, sei (olhando saudoso para o retrato) que, quando ha verdadeiro amor, excusado

é forças humanas opporem-se-lhe, Cumpre-me, pois, n'esta conformidade, tomar uma resolução.

SILVINA, anciosamente consigo.

Meu Deus!

o CORONEL, com muita dignidade.

A honra de nossa terra foi ultrajada! a minha acha-se compromettida, como a de todos que cingem uma espada e que, como eu, não pódem d'ella servir-se por motivos (mercê de Deus!) extranhos á covardia. Commando algumas centenas de homens: não posso pôr-me á sua frente, que não o quiz a lança de um *gaúcho*! (levando a mão ao peito) Infeliz acaso! Vou encarregar, portanto, um homem de commandar os meus soldados. Esse homem já que não pode ser meu filho, que nada entende de guerra, seja o escolhido do coração de minha filha. (para Jabutá) Sr. Capitão, quando coberto de louros, mostrar ao exercito brasileiro o que valem os soldados *rio-grandenses* do Coronel Estanislau, peça-me minha filha, que. . . tel-a-ha!

JABUTÁ com muita alegria e agarrando-lhe a mão reconhecido.

Obrigado, Coronel! Juro-lhe que serei digno de sua escolha!

CRAVEL, espantado.

Esta voz!! . . . (correndo para elle e, depois de se certificar, dando um grito de alegría) Tu!!? . . . Tu, Fernando!?

CLAUDINO, admirado.

Fernando!?. . .

CRAVEL, para Claudino.

O amigo de que tantas vezes te fallei!!..

CLAUDINO.

Então esse môço é.. é portuguez?

O CORONEL, carregando o sobr'olho.

Portuguez!?....

JABUTA, desembaraçando-se dos braços do amigo e correndo para o Coronel.

Não, Sr. Coronel! *ainda sou brasileiro!* Julgando-me a mim proprio criminoso, aqui fui acolhido, aqui achei refugio contra a miseria do expatriado! Mãi-patria me foi esta terra abençoada; filho d'ella serei até que sua honra esteja limpa da mancha que inimigos desleaes vieram lançar-lhe! As mesquinhas questões de nacionalidades não podem falar mais alto do que a justiça, a dignidade, a lei e a honra! Quando esta é offendida, não se exige mais do que uma qualidade para desaffrontal-a: ser-se *homem!* Sou-o, Coronel! Parto a defender minha patria adoptiva! Quando voltar (se Deus o permittir!) depois da victoria da civilisação sobre a selvageria, eu virei depôr a seus pés os louros do *brazileiro victorioso*, e exigir o cumprimento da promessa ao *portuguez irmão!*

O CORONEL, commovido.

Vá! (apertando-o nos braços) Será meu filho!

JABUTÁ, desenlaça-se-lhe dos braços, beija rapido a mão de Silvina, e sahe precipitadamente.

SILVINA, cahindo nos braços do Coronel.

Meu pai! . . que dôr! . . .

O CORONEL.

Coragem! amas um homem de bem: Deus o protegerá.

QUADRO — E CAHE O PANO.

ACTO TERCEIRO

A mesma decoração do segundo acto; as alterações são: — ao canto da sala existe só uma espingarda; a rede não está na varanda, e o lustre está acceso, assim como um candieiro sobre a jardineira. São 7 horas da noite.

SCENA I.

CLAUDINO, SILVINA e D. ELPIDIA.

Silvina lê n'um livro, sentada a um lado da jardineira; D. Elpidia borda a crochê, do outro lado; Claudino está encostado á varanda do fundo, olhando para fóra.

D. ELPIDIA, depois de longo silencio, dando um suspiro.

Ai! . . .

SILVINA, erguendo a cabeça.

O que tem, D. Elpidia?

D. ELPIDIA, com outro suspiro mais fraco.

Nada.

SILVINA.

Vi-a hoje tão pouco disposta para a conversação, que me resolvi a continuar a minha leitura. Se *the* contrario . . .

D. ELPIDIA.

Não, *sinhá*. O que está lendo?

SILVINA.

Gonçalves Dias.

D. ELPIDIA.

Sempre esse poeta!..

SILVINA.

Não sei!.. acho verdade em seus versos.

D. ELPIDIA.

E' uma das prerogativas d'esses senhores; occupem sempre as cabeças das moças. São bem felizes os poetas! (Novo suspiro) Ai!..

CLAUDINO, descendo e sorrindo.

Olhe não se percam no caminho, D. Elpidia.

D. ELPIDIA.

O que? quem?

CLAUDINO.

Esses suspirinhos.

D. ELPIDIA, requebrando-se na cadeira.

Ora. já vossê começa!.. Me deixe *de vez* com seus epygramas.

CLAUDINO.

Não é epygrama, não; sempre ouvi dizer que suspiros de dama formosa, vão a alguma *banda*.

D. ELPIDIA.

Os meus não passam d'aqui, me creia. E' nervoso.

CLAUDINO, rindo.

Creio, creio; mas não acredito; veja se percebe-me o paradoxo. (sentando-se no sophá) *Maninha, e papai sem chegar, em?*

SILVINA.

Ha mez e meio que não ia á cidade: naturalmente demoraram-no seus amigos.

CLAUDINO.

Nó entretanto não gosto d'esta demora. E' como o *Juca*; já devia ter voltado da medição.

D. ELPIDIA, rapida e machinalmente.

E' muito tarde, não?

CLAUDINO, vendo o relógio.

Sete e dez minutos.

D. ELPIDIA, com outro suspiro, e trabalhando no seu crochet com rapidez nervosa.

Ai! .

CLAUDINO, rindo e olhando para o que ella faz.

Olhe que o seu trabalho não vae direito, D. Elpidia!

D. ELPIDIA, tapando o rosto com as mãos, com affectada vergonha

Sinhá diga a *nhó-nhô* que calle-se! Que *secatura!* (levantando-se rapidamente) Ah! creio que entrou um animal no pateo!

CLAUDINO, levantando-se e rindo.

Phrase prosaica, para tanta poesia, *yayá!* (Indo á varanda) Ah! eis o nosso engenheiro, se não me engano.

D. ELPIDIA, sонтando-se novamente e com outro suspiro mais expressivo de alegria.

Ai!...

SILVINA, sorrindo-se.

D. Elpidia, tem-lhe feito progressos essa paixão!

D. ELPIDIA, sorrindo e envergonhada.

Não está mais na minha mão, *sinhasinha!*

SCENA II.

Os MESMOS, E JOSE' CRAVEL, do fundo.

CLAUDINO, descendo com elle, e apertando-lhe a mão: a meia voz

Vê se vens sustar uma *catarata* de suspiros com que alguém aqui lamentava, tacitamente, a tua ausencia; anda.

CRAVEL baixo.

Ora! e tu sempre na mesma!... (alto, descendo)
Muito boas noites, minhas senhoras. (Descalçando as luvas para apertar-lhes as mãos)

SILVINA.

Já estavamos em cuidados.

CRAVEL.

E' longe; e depois, confesso que ainda não me habituei ao galopar constante, com que se viaja por aqui. Sou fraquissimo cavalleiro.

D. ELPIDIA, ternamente.

Ha de habituar-se.

CRAVEL.

Para que? (rindo) Na minha terra ando a pé.

CLAUDINO, rindo tambem.

Mas, se continúas com a fortuna que tens, brevemente poderás andar de carruagem. E que tal, *eim?* Acabaste a medição do Commandante Superior?

CRAVEL.

Da sua *fazenda*, queres dizer? acabei. Tive um trabalho immenso, mas creio que o homem ficou satisfeito: a prova é que... Olha! (Tirando da algibeira um punhado de onças)

CLAUDINO.

Bravos! E' o que eu digo! estás aqui, estás milionario.

D. ELPIDIA, lançando-lhe um olhar terno e suspirando.

Ai!.. Não é o melhor para ser-se feliz!

CRAVEL.

Deixe-se d'isso, D. Elpidia! o dinheiro, no fim de contas, é a unica felicidade no mundo.

CLAUDINO, baixo, acotovelando-o.

Desastrado!

CRAVEL, voltando-se.

Eim?

D. ELPIDIA.

Que scepticismo!... (comsigo) Ingrato!

CLAUDINO, baixo para elle.

Olha que assassinas-lhe aquelle coração de *pomba-róla!*

CRAVEL.

Ora... que pena!

SILVINA, para elle.

Não encontrou *papai* na estrada, Sr. *Juca?*

CRAVEL.

Não, minha senhora. Se bem me lembro, o Sr. Coronel foi á cidade; creio que o caminho é diferente do da *fazenda* onde estive.

SILVINA, distrahidamente.

Ah! sim; não me lembrava. E' que estou devéras com cuidado!... (Levanta-se e vae á varanda)

CLAUDINO, para o amigo.

O teu cavallo está cansado?

CRAVEL.

Não; vim a passo.

D. ELPIDIA.

Faz muito bem, Sr. *Juquinha!* (com ternura) Nada de se expôr!...

CLAUDINO, sobindo, a Silvina.

Vou ver se encontro *papai* (descendo, tomando o chapéu e baixo para Cravel) Meu amigo, não sejas-me *bôbo!* Já te disse que é uma das mais ricas *estancieiras* d'aqui! *Préga-lhe* uma declaração e casa-te, que é para irmos embora mais depressa!

CRAVEL.

Ora! eu tenho lá geito para isto!

CLAUDINO.

Elle virá, depois das primeiras phrazes. (alto) Até já. (Passando pela irmã, baixo) *Maninha*, deixe-os sós, a ver se vae *de vez* a união d'aquellas duas almas em palavras de amor. (Sahe, rindo)

SILVINA, sorri-se e entra para a direita-alta

SCENA III.

CRAVEL e D. ELPIDIA.

D. ELPIDIA, voltando-se para a varanda.

Sinhá, venha ver a minha *obrinha* como vae...
(reparando que ella não está) E... foi-se!

CRAVEL, consigo.

Claudino tem razão! Porque não heide. Se eu soubesse!. O diabo da engenharia, que tão pouco se identifica com as phrazes de namorado... quando não ha amor.

D. ELPIDIA, consigo.

E não me diz nada!.. (suspirando alto) Ai!

CRAVEL, para ella, sentando-se no sophá.

Está hoje triste, D. Elpidia!.

D. ELPIDIA.

Não. (consigo) Foi para tão longe!.

CRAVEL.

E' do tempo, talvez: tem hoje estado um dia abafado. Não acha?

D. ELPIDIA.

Acho.

CRAVEL, depois de silencio, sem saber o que mais diga bocejando.

Ah!

D. ELPIDIA.

Que diz?

CRAVEL.

Nada.

D. ELPIDIA, continuando febrilmente no seu trabalho.

Ah!

CRAVEL, comsigo, observando-a.

Vamos lá! ella não é de meter medo! (alto, depois de silencio) Tem pressa de acabar esse bordado, pelo ue vejo?

D. ELPIDIA.

Por que?

CRAVEL.

Está trabalhando com uma ligeireza!..

D. ELPIDIA.

E' nervoso: estou hoje n'um tal estado de susceptibilidade nervosa!.

CRAVEL.

Banhos do *Duxe*: não gosta?

D. ELPIDIA.

O que vem a ser isso?

CRAVEL.

Banhos de *chuva*.

D. ELPIDIA.

Credo! me faz uns taes *arrepios!* . . . Não posso soffrel-os, não!

GRAVEL, comsigo.

Bom! aqui estou feito medico, em vez de namorado.

D. ELPIDIA, dando um espirro.

Ptichit!

GRAVEL.

Viva.

D. ELPIDIA, requebrando-se na cadeira.

Muito obrigada. (outro espirro) *Ptichit!* Creio que já constipei-me outra vez!

GRAVEL.

E' do tempo: esta inconstancia de athenosphera. . . (comsigo) Bom! eis-me outra vez no kalendarario!

D. ELPIDIA.

Depois d'aquella hora de desmaio junto da fonte, fiquei com uma disposição para as constipações! . .

GRAVEL, comsigo, depois de silencio.

Vae d'esta! (alto) Não sei como, sendo assim doente, vive tão só. tão isolada. . . sem uma companhia que. . . que se enteressasse pela sua saúde, pelas suas commodidades. .

D. ELPIDIA, mais nervosa e quasi espetando as agulhas pelos olhos.

Sim — sim. . . mas. . . Diz bem! vivo tão só!

Minha familia na côrte: meu defuncto marido. .
(novo espirro) *Pichit!*

CRAVEL.

Viva.

D. ELPIDIA.

Obrigada. (Assôa-se rapidamente)

CRAVEL.

Dizia V. Exc. que seu defuncto marido. .?

D. ELPIDIA.

Trouxe-me para aqui; tomei relações intimas
com *Sinhá* e com o Coronel... Aqui me deixei
ficar só, mas. tão triste!. (espirra) *Pichit!* tão
triste!...

CRAVEL, comsigo depois de silencio.

Ainda não vae d'esta! Vejamos se por outro
lado... (alto) Sendo rica, como é, D. Elpidia, por
que não faz uma viagem á Europa?

D. ELPIDIA.

E' meu sonho dourado! Mas... sem companhia...
E' indecoroso uma senhora viajar só; e eu, nesse
ponto, sou tão milindrosa!...

CRAVEL.

Porque não passa a segundas nupcias?

D. ELPIDIA; dando um pulo na cadeira.

Ai!. que pergunta. assim, Sr. *Juquinha!*

CRAVEL.

Pergunta a que lhe rogo dê resposta.

D. ELPIDIA.

Não caso segunda vez, porque. porque...
(novo espirro) Ah! *tichit!*

CRAVEL.

Viva! (comsigo) Safa, que massada!

D. ELPIDIA, requebrando-se.

Não faça mais caso: em me achando commovida,
é isto!

CRAVEL.

Ah! está commovida?

D. ELPIDIA.

Sr. *Juquinha* mesmo pareceu-me fazer-me essa
pergunta tão commovido!

CRAVEL, admirado.

Eu!? (comsigo) Não dei por isso: emfim... apro-
veitemos! (alto, levantando-se e indo sentar-se proximo a
ella, na cadeira do outro lado da jardineira)

D. ELPIDIA, comsigo, assustada.

Ai!.. tão perto d'elle!...

CRAVEL, alto.

Pois. . é verdade, D. Elpidia: estou commovido porque a idéa... não; -- o facto — de ver uma senhora, com as suas qualidades, viver isolada e longe dos affectos de familia. .

D. ELPIDIA.

Então eu, que sou tão susceptível de affectos. meigos, vehementes e... (espirrando) *Pichit!*
Ai! que *secatura!*

CRAVEL, quasi perdido de riso e cõsigo.

Ora que calamidade! (alto) Uma senhora tão distincta. . tão formosa, tão. . (cõsigo) tão constipada!...

D. ELPIDIA, requebrando-se e largando o crochet.

Lisongeiro!. Pois me acha formosa?

CRAVEL.

Primeiro que eu lh'o dissesse, já lh'o tinha dito muitas vezes. . o seu espelho. (cõsigo) E' velho, mas serve!

D. ELPIDIA.

Não me faça madrigaes; que lh'os não mereço!

CRAVEL.

Ah! V. Exc. merece.. merece muito mais!
Se soubesse o que me merece!. o que desejava oferecer-lhe!.

D. ELPIDIA, muito commovida.

O que me quer offerecer, Sr. *Juquinha!*?...
(espirrando) *Pichit!*... O que é? Que quer offere-
cer-me?

CRAVEL, comsigo.

Um chá de *flôr de sabugo!* (alto) A companhia
que ambiciona, D. Elpidia! Um companheiro que
a amasse, que a adorasse, que.

D. ELPIDIA, levantando-se muito nervosa.

Que diz!?. Me deixe! Que offerecimento...
brusco, Sr. *Juquinha!*

CRAVEL, levantando-se.

Brusco, um sentimento que vem da alma!?
(querendo pegar-lhe na mão) D. Elpidia!..

D. ELPIDIA, passando para o outro lado.

Me não toque, môço! Ah! já lhe disse que sou
de uma susceptibilidade nervosa!. (vae cahir, quasi
com faniquito, no sophá)

CRAVEL, comsigo.

Aproveita-te da sua susceptibilidade nervosa,
malvado! (alto e indo ajoelhar-lhe aos pés) D. Elpidia!
Não posso mais! O meu coraçã diz. que a adora!

D. ELPIDIA, afflictíssima.

Me deixe!.. Se levante, Sr. Juca! Deus meu!
que compromettimento! (novo espirro) *Pichit!*

GRAVEL.

Não! não me levanto, sem saber a decisão da minha vida! O seu amor, D. Elpidia! o seu amor, ou..

D. ELPIDIA, erguendo-se rapidamente e escutando.

Olhe! *burros* no pateo!

GRAVEL, consigo.

Que me importa os *burros*, D. Elpidia!? Eu sonho em ser seu marido; nada mais.

D. ELPIDIA, com muito acanhamento.

E me leva para a Europa?

GRAVEL.

Immediatamente.

D. ELPIDIA.

Ah!.. (depois de combate entre o acanhamento e a vontade, estendendo-lhe a mão) *Juca!*.. Sou tua!.. (espirrando) *Pichit!*

GRAVEL, beijando-lhe a mão.

Viva! (consigo) Não me julgava susceptível de tirar a *sorte-grande!* Por fim de contas heide vir a amal-a. quando não estiver constipada.

SCENA IV.

OS MESMOS, O CORONEL E CLAUDINO.

O CORONEL, radiante de alegria, e com um maço de jornaes debaixo do braço.

Victoria!. victoria! grande victoria!

CRAVEL, indo a elle.

O que é isso, Coronel?

O CORONEL.

O que é?! Uma victoria brilhante!.. D. Elpidia, *regosije-se usted*, como dizem os paraguayos... *officialmente*. *Eh ta!* por vida! que se regozijem agora, os *bóbos!* (chamando) Silvina!.. minha filha!..

D. ELPIDIA.

Me parece doido, Coronel! Uma tal gritaria!.. Eu acho-me tão nervosa!..

O CORONEL.

Quaes nervosa!.. Grite tambem! salte! pule, D. Elpidia! (chamando) Silvina!. Silvina!.

SCENA V.

OS MESMOS E SILVINA.

SILVINA, correndo a elle.

Ainda bem que chegou, *papai!* Estavamos em desasocego pela sua demora.

O CORONEL, sentando-se junto da jardineira e desatando o masso de jornaes, procurando um.

Espera: vou dar-te uma alegria enorme, filha! (procurando sempre o jornal)

CLAUDINO, baixo para Cravel, apontando-lhe com os olhos para D. Elpidia,

E então?

CRAVEL.

Cheguei, vi, venci!

CLAUDINO.

Casas?

CRAVEL, rindo.

Que remedio!

CLAUDINO, apertando-lhe a mão.

Dou-te os parabens.

D. ELPIDIA, para Silvina.

Sinhá, me despense; mos sinto-me tão incommodada!. Esta constipação... (foge-lhe um espirro)

o CORONEL, precurando sempre o jornal.

Vá, vá, D. Elpidia: vossê não entende d'estas coisas. Vem cá, *Sinhá*.

SILVINA, aproxima-se.

D. ELPIDIA, baixo para Cravel.

Até amanhã?

CRAVEL,

Quer que a acompanhe?

D. ELPIDIA.

Deus me defenda! Não: o meu pagem está aqui no pateo...

CRAVEL.

Todavia, eu posso.

D. ELPIDIA.

Não-não! eu sou tão melindrosa!... Até amanhã. (Na varanda) *Moleque*, acende luz. (Sahe)

CRAVEL, acompanha-a até ao fundo; depois desce.

SCENA VI.

Os MESMOS, MENOS D. ELPIDIA.

O CORONEL, achando o jornal que procurava.

Ah! eil-o! com a precipitação de trazel-os, *entreverei-os* [1] todos!. Cheguem para aqui, *gentes!*

CRAVEL e CLAUÉINO, aproximam-se.

SILVINA, que tem estado anciosa

São boas noticias, *papai?*

O CORONEL.

Boas?! Optimas! Grande combate! grande victoria! (vae para ler, mas suspende-se.) Ah! mas primeiro, deixa-me mostrar-te duas cartas. monumentaes! (tira duas cartas da algibeira e abre uma) Esta é do Netto: bom camarada! Vejam se elle esqueceu-se de mim! (lendo) « Campo da batalha em Yatay 18 de Agosto de 1865. — Velho amigo: — Acaba-

« mos de ganhar uma batalha, a primeira; espero
 « que será o prologo d'esta grande obra do trium-
 « pho para a nossa terra. Yatay vae ter nome na
 « historia! Ficámos completamente vencedores!
 « Não tenho tempo para mais: dir-lhe-hei só que
 « os nossos *rio-grandenses* foram, como sempre,
 « — uns verdadeiros soldados! O seu regimento
 « portou-se heroicamente: o seu substituto, o Te-
 « nente-coronel Jabutá, honra-o, meu velho cama-
 « da! E' um bravo! Todos sentiram, e fui eu o
 « primeiro, a sua grande fatalidade.

SILVINA, tremula.

Meu Deus!

O CORONEL, guardando a carta.

Socega; Jabutá.

SILVINA, aterrada e agarrando-lhe as mãos.

Morreu?!

O CORONEL.

Quaes morreu! Aquillo é lá homem que morra
 assim!... (tirando outra carta) Aqui está uma carta
 d'elle!.

SILVINA, indo para lançar-lhe a mão.

Ah!! (suspende-se)

O CORONEL.

E o maldito correio da cidade com isto guardado
 ha perto de um mez! Se lá não vou, ainda hoje es-
 tava sem nada saber! Mas... vejamos; ouçam:

(lendo) « Acampamento em Yatay, 19 de Agosto
 « de 1865. — Sr. Coronel. — A primeira batalha
 « está ganha. O seu regimento é uma cohorte de
 « bravos! Infelizmente não posso continuar a com-
 « mandal-os, porque me acho ferido gravemente;
 « soffri uma operação dolorosissima, e a perda de
 « sangue inibe-me de continuar tão honroso com-
 « mando. Cedo espero dar-lhe um abraço: logo
 « que me ache mais restabelecido, parto para ahi,
 « por conselho dos medicos. No dia 13 ou 14 do
 « proximo mez, conto com a honra de apertar-lhes
 « as mãos. Seu amigo. etc.

SILVINA, custando-lhe a conter a alegria.

Mas. *papai*, essa carta é de 19 de Agosto: estamos a 14 de Setembro... deve chegar breve!...

O CORONEL.

Tanto estou convencido d'isso, que deixei Leão na cidade, para, assim que o nosso heroe chegar, vir participar-m'o.

SILVINA, comsigo.

Meu Deus, eu te rendo graças!

CLAUDINO.

Mas... vejamos, *papai*; o que dizem as partes officiaes?

O CORONEL, pegando no jornal.

Queres saber o que dizem?... E' isto!.. isto, que me extasia!.. que me endoidece de gosto! Ouçam o que, mesmo a cavallo, escreveu o general

« Flores, a lapis, n'um pedacito de papel:—(lendo)
 « Exc. Sr. General D. Bartholomeu Mitre:—Um
 « triumpho completo acaba de obter o exercito al-
 « liado. Todos prehencheram o seu dever no cam-
 « po da batalha.—Yatay, 17 de Agosto de 1865.
 « —Venancio Flores. » (levantando a cabeça) *Eín!*
 que laconismo! Que verdadeiro typo de participa-
 ção militar!

CRAVELL.

E' *napoleonica*, realmente!

O CORONEL, batendo no jornal.

Aqui está! . . . aqui está tudo minuciosamente!
 E' transcripto da *Nacion Argentina*, que insirio a
 correspondencia da *Concordia*, declarando serem as
 noticias escriptas pelo major Unibúro, ajudanté de
 ordens do General Paunero, e que foi quem levou
 a feliz nova ao General Mitre. Aqui está tudo!
 Cá estão em seguida os elogios particulares e in-
 dividuaes; ao Coronel Fidéles, ao General Netto,
 ao Tenente-coronel Jabutá, etc., etc. Vamos a ler
 tudo isto, *gentes!* *Eh ta!* paraguayos damnados,
 que ficaram sem quatro bandeiras e cerca de tres
 mil homens! (Dispondo-se a ler).

SCENA VII.

OS MESMOS, E LEÃO. pelo fundo.

LEÃO, apressado.

Yóyó, elle vem ahi, sim senhor.

SILVINA, dando um grito de alegria.

Ah! . . .

O CORONEL, que se levantou.

Ein!? Que dizes, *moleque?*!

LEÃO.

Digo, sim, senhor. Eu estava na venda de Reynaldo lá na cidade, e vi passar *nhô* Jabutá e mais dous soldados, para o *hotel*. Mandeí perguntar a elle se vinha já para a *estancia* e me respondeu que vinha mesmo, mas, pelos modos, como está ferido foi tratar de sua ferida e descansar um pouco, que da cidade aqui ainda são umas tres leguas boas, sim senhor.

O CORONEL.

Não tarda! Vou enfiar o meu fardão para recebê-lo, *olá!* (aos dois mancebos) Vossês, môços, vão-me vestir já e já suas casacas! Quando se recebe um soldado valente, que mereceu os elogios do General Netto, deve-se-lhe toda a etiqueta. Vamos! vamos vestir em gala! (Sáhe apressado levando-os adiante de si)

SCENA VIII.

SILVINA E LEÃO.

SILVINA, comsigo.

Vou tornar a vê-lo finalmente, meu Deus! e coberto de gloria! Oh! como é verdade que o amor dimana do céu!

LEÃO, aproximando-se com um bilhete.

Sinhásinha, me deram este bilhete para entregar-lhe.

A mim?

SILVINA.

Sinhá sim.

LEÃO.

Quem t'o deu?

SILVINA, tomando-o.

Foi *nhô* Marugipe.

LEÃO.

SILVINA.

Elle! (dando-lh'o) Toma-o; não quero ler!

LEÃO, sem aceitar.

Sinhá, perdoe a seu *moleque*; mas *sinhá* deve ler.

Porque?

SILVINA.

LEÃO.

Aquelle homem é máo mesmo; anda por ahi a rondar a *estancia* e quem sabe... agora que chega *nhô* Jabutá... elle tem raiva d'elle...

SILVINA, depois de momento de silencio.

Vejamos... (lendo) « Por tudo quanto lhe é
 « mais sagrado na terra peço-lhe que me falle!
 « (declamando) Eu! insolente!—(continuando a ler) « Pa-
 « ra seu e meu descanso, é inevitavel uma entre-
 « vista, antes que chegue o Sr. Jabutá. Necessito
 « que me entregue aquelle bilhete, que tanto me
 « compromette, e que me faz passar uma vida de
 « *mesasociego* constante! Jabutá odeia-me: se elle
 « vê esse bilhete, estou perdido. Emquanto o não
 « possuir, emquanto eu proprio o não receber de

« suas mãos, *sinhá*, não terei descanso e não bani-
 « rei da cabeça a idéa de pagar a esse homem a
 « bala com que me ferio! Se o ama, falle-me, dê-me
 « esse bilhete, mas a mim proprio; não m'o confie
 « de ninguem! Aliaz. *perdido por dois, perdido*
 « *por dois e meio!* Jabutá morre, antes de me per-
 « der e antes, talvez, de abraçal-a » (acabando a leitura
 e rasgando a carta em pedaços) Insolente! sempre amea-
 çando! Mas... se effectivamente, Fernando desa-
 percebido. de noite... (para Leão) *Moleque*, onde
 viste o Sr. Marugipe? Onde te deu elle este bilhete?

LEÃO.

Está alli, sim senhor: está ali, mais três ou qua-
 tro lá do *ranchão* d'elle. Está a pensar algum mali-
 ficio, *sinhá!* Eu sei!...

SILVINA, comsigo.

Obrigal-o-hei a dar-me novamente sua palavra
 de honra. (com amarga ironia) de honra!... um es-
 pião não tem honra! Embora dou-lhe o bilhete e
 se depois ousar... Ai d'elle! (alto para Leão) Dize-
 lhe que chegue ahi á varanda: vou procurar o pa-
 pel, que me pede; espere um instante; virei trazer-
 lh'o. Tu não sáias d'aqui. (Sahé para a direita alta)

SCENA IX.

LEÃO DEPOIS MARUGIPE.

LEÃO.

Ah! sempre quer fallar-lhe. Que idéas terá
 na cabeça o tal *quebra-abarbarado* Marugipe? Vou

chamal-o; (vac para o fundo, mas suspende-se) mas primeiro por cautela. . . (pega na espingarda, que está ao canto da sala, e examina-a) *C'os tinhoso*, que está descarregada. . . Dizia meu pai, que era homem sabido e bom negro d'Africa, que nunca é bom ter armas descarregadas em casa. (Pega no polvarinho e faz uma carga na espingarda) Elle, que dizia, lá sabia sua razão. (Apanha um pedaço da carta, que Silvina rasgou) Já serve para alguma coisa a carta de *nhó* Marugipe! (rindo) E' engraçado!. . . isso é! (Depois de atacar a buxa da pólvora) E balas? (procurando na rêde, que alli está dependurada) Oh! meu senhor môço sem balas em sua rêde!. . . Parece que o *tinhoso* quer metter-se n'isto! (pegando no chumbo e despejando uma carga na mão) Ah! não faz mal; chumbo de matar veado tambem mata homem. (Carrega a espingarda com uma grande carga de chumbo) Ah! barriga está cheia, não ha perigo. (Colloca a espoleta no piston e a espingarda no mesmo lugar em que estava) Agora. . . pôde entrar *nhó-nhó* Marugipe. (Vac á varanda e chama para fóra) *Pchio! . . pchio!*

SCENA X.

LEÃO E ABILIO.

ABILIO, observanno a sala.

Então. . . onde está tua senhora?

LEÃO.

Vem já, sim senhor; foi buscar o papel que vossê pedio-lhe.

ABILIO.

O papel!. . . ella disse-te o que pedi-lhe?

LEÃO.

Como leu de rijo, eu ouvi mesmo, sim senhor.

ABILIO, levando a mão á faccia.

Se dizes uma palavra!

LEÃO, olhando de revez para a espingarda.

Não digo, *nhô* Marugipe; não digo, que não quero *contos* com vossê.

ABILIO.

Deixa-me só! ella ahí vem.

LEÃO.

Nhôr sim. (comsigo) Não te deixo, não; que não quero mesmo! (Vae para a varanda, meio occulto, mas sempre espiando)

SCENA XI.

ABILIO, SILVINA e LEÃO, occulto.

ABILIO, indo ao encontro della.

Sinhá. é muita bondade!

SILVINA, com severidade.

Mandei dizer que esperasse-me n'aquella varanda, e não que entrasse n'esta salla.

ABILIO, fingindo submissão.

Bem sei que não sou digno de *pizar* em sua casa, *sinhá*; mas, estando anciosissimo por ter na minha mão esse maldito papel, entrei. Me perdõe.

SILVINA.

Bem; acabemos com isto. O seu bilhete está aqui: antes de restituir-lh'o, porém necessito.. (emendando) *quero!* que satisfaça-me uma exigencia.

ABILIO.

Tudo! tudo que ordenar de mim.

SILVINA.

Pouco é: exijo que repita o que disse aqui, n'esta mesma sala, ha tres mezes.

ABILIO.

O que foi?

SILVINA, com ironia.

Já não se lembra?

ABILIO.

Não; (anciosamente) mas. dê-me o papel D. Silvina!

SILVINA.

Dou: satisfaça o pedido. a *exigencia*. Reitere-me a sua palavra de honra, de que respeitará, como tem feito ha tres mezes, a casa de meu pai e *todos* que n'ella habitam, ou habitarem de futuro.

ABÍLIO.

O homem de honra não dá sua palavra mais de uma vez; mas... em todo o caso, visto que assim o exige, não tenho duvida em satisfazê-la. Reitero a minha palavra, *sinhá*.

SILVINA.

Bein: (dando-lhe o papel) *sáia*.

ABÍLIO, agarrando-lhe avidamente.

Obrigado! (guardando-o e dando um grande suspiro, como livre de um enorme peso) Ah! (fica olhando para ella com um certo riso de ironia)

SILVINA, depois de silencio.

Por que espera mais? Creio que já ordenei que sahisse.

ABÍLIO.

Não seja assim tão altiva, D. Silvina!... olhe que a ingratidão para quem nos ama, tolera-se; mas o desprezo de quem de nós depende, não se supporta!

SILVINA, com muita altivez.

Em que dependo eu de vossê?

ABÍLIO.

Eu sei! ás vezes... Por exemplo: se lhe dei minha palavra de honra de respeitar esta casa, não me obriguei a não vingar-me de certo *galã*, que met-

teu-me uma bala n'este braço, em occasião propicia a meu amor.

SILVINA, encarando-o bem de frente.

Espanta-me esse tom e essas palayras!. Quasi que não lh'as comprehendo!

ABILIO.

Pois são de facil comprehensão.

SILVINA, encolerisada.

Sáia, Sr. Marugipe! aliáz. . . chamarei meu pai e os criados!

ABILIO.

Mas. . . escute-me um instante mais. . .

SILVINA, apontando-lhe para o fundo e com a voz surda pela colera.

Sáia!

ABILIO, desabafando a ira.

Sáio, sim; mas juro-lhe, *sinhá*, que hei de vingar-me d'esse homem, que está para chegar aqui! Esse charlatão de batalhas, que vem buscar um prémio, a que tem tanto direito como eu! Eu, que sinto ha tres annos este amor cá dentro a atormentar-me de dia e de noite! Morrerá, esse miseravel, que . . .

SILVINA, interrompendo-o.

Se não sahe, é vossê que vae morrer ás mãos de meu pai e de meu irmão! (dá um passo para a direita-alta)

ABILIO.

Sáio, *sinhá*, sáio! mas juro-lhe, repito-o, que esse homem não hade logral-a! Cégo eu seja, se elle casar com a filha do rico *estancieiro* o Coronel Estanisláu!

SILVINA.

O rico *estancieiro*! . . . eis a pedra angular d'esse edificio . . . de infamias! Já não odeio-o, Sr. Marugipe; já não detesto-o, já não abomino-o; não; é pouco:—despreso-o, como aos nojentos reptis, que se esmagam com o pé! (Sáhe rapidamente para a direita alta)

SCENA XII.

ABILIO E LEÃO, muito occulto.

ABILIO.

Ah! orgulhosa mulher, que hasde chorar ainda lagrimas de sangue! Despresas-me? o reptil morrer-te-ha ainda o coração; verás! (correndo á porta da esquerda alta) E' esta a porta que tenho trazido sempre na idéa! . . . Imbecis! *bóbos*, que nem ao menos sabem acautelar a chave de uma porta de entrada, quando ha um homem que se chama Abilio Marugipe, e que quer vingar-se . . . de todos! Não viram que era-lhe facil ter um cavallo prompto e uma facca afiada! (rindo e passando a chave para o outro lado da porta) Ah! ah! *Até logo*, formosa esquiva! Virei ser testemunha dos seus esponsaes! (Sáhe fechando a porta por fóra e tirando a chave)

LEÃO, descendo á scena e indo escutar á porta.

Nhór sim, nhó-nhó Marugipe! Vossê leva a cha-

ve, eu levo a espingarda. Vou chamar mais caçadores! Chumbo de veado tambem mata homem; eu sei! (Sahc apressado para o fundo)

SCENA XIII.

O CORONEL SEGUIDO POR CLAUDINO, CRAVEL E SILVINA.—N. B. O Coronel de farda, os dois de casaca.

O CORONEL, correndo ao fundo.

Eil-o! ei!-o! o nosso heroe! o nosso valente de Yatay! (corre á jardineira, e colloca sobre ella um cofre de madeira, que trazia debaixo do braço)

SILVINA, no auge da alegria.

Pela primeira vez sinto faltar-me o animo!

CLAUDINO, tambem alvoroçado.

Coragem! olhe que vae receber um bravo da nossa primeira victoria!

O CORONEL, impaciente.

Mas que é d'elle! que é d'elle! *c'os tinhôso!*
Muitos degrãos tem esta maldicta escada!.

SCENA XIV.

Os MESMOS E JABUTA'

JABUTA', uniformizado, mas sem espada; traz insignias de Tenente-Coronel, a condecoração da ordem da Rosa, e nota-se-lhe a falta do braço esquerdo. Precipita-se nos braços do Coronel e de Silvina.

Meus amigos!...

CLAUDINO.

Jabutá!

CRAVEL, agarrando-se tambem a elle.

Fernando!

O CORONEL, depois de silencio geral, causado pela commoção,
e radiante de alegria.

Viva o meu substituto, e a sua condecoração!

SILVINA, tristemente reparando na falta do braço.

Mas... porque preço, *papai!*

JABUTÁ, sorrindo.

Deixei lá o braço, mas... não deixei o coração.
Trago-o; é o mesmo! (Aperta-a respeitosamente ao peito)

SILVINA, com enthusiasmo.

Mais nobre, depois d'esse baptismo de gloria!
Meu pai, ufano-me em dizer bem alto, que já não
é amor o que sinto por este homem: é mais! é
respeito! é veneração! é enthusiasmo! Indigna me
julgo, até, de ser sua mulher!.

JABUTÁ, com amor.

Silvina!.

SILVINA, continuandô para o pai, no auge da alegria
e do enthusiasmo.No amor a este homem está-me tambem ligado
outro amor, tão santo, tão puro e tão nobre, que

nem palavra ha que o difina! No amor a este homem está... o amor á minha patria!

O CORONEL, com fogo.

E o meu!

SILVINA.

Meu pai, quando tenciona *dar-me a honra* de espozar um bravo, um heroico deffensor de nossa terra?

O CORONEL, com muita dignidade.

Filha, ainda que o teu coração assim não fallasse, tenho minha palavra dada a esse môço; ainda que não tivesse, me ufanaria de offerecer-te, eu mesmo, se fosse mister. (para elle) Sr. Tenente-Coronel, alli n'aquelle cofre estão cincoenta contos de réis em ouro: é o dote de sua noiva.

JABUTÁ.

Perdão, Sr. Coronel; ainda que se me parta o coração, longe de mim a idéa de abuzar ou aproveitar-me de uma promessa feita no excesso do enthusiasmo ou da admiração. V. S. creio que não estava no seu estado normal quando fez-me esse promettimento. Sei, ou soube, que haviam vistas de casamento com aquelle meu amigo.

CRAVEL.

Que estás dizendo, Fernando?

JABUTÁ.

O que a consciencia e a lealdade me obrigam.

(para o Coronel): Se não é só ao strenuo soldado *da patria* que o Sr. Coronel concede a mão de sua filha; se é tambem ao amigo dedicado, ao empregado honesto, finalmente — ao homem de bem...

O CORONEL.

Tá! tá! tá! é a tudo isso, *c'os tnhôso!* Se não tivesse-lhe feito essa promessa, fazia-lh'a agora, que está *manêta* e condecorado, por deffender a honra de minha terra, que tambem é a minha! E esta!

JABUTÁ, apertando a mão de Silvina.

Aceito, pois. . . a felicidade! Resta-me uma pequena condição a impôr.

O CORONEL.

Condições!

JABUTÁ.

Uma. . . simples e de facil concessão. Sr. Coronel, sou estrangeiro; sabe-o. . .

O CORONEL.

Quaes é! com esse uniforme glorioso, vossê é tão brasileiro como eu!

JABUTÁ.

Não, Sr. Coronel! nem deslustrarei a gloria d'este uniforme, renegando a minha patria! Sou estrangeiro: aqui fui acolhido, como já uma vez lhe disse, julgando-me a mim proprio grande criminoso. (Sorrindo e apertando a mão do amigo) Felizmente para ambos, enganei-me! (continuando para o Coronel) Ex-

patriado, naufrago, cheio de fome e de miseria, aqui achei pão, aqui encontrei abrigo. Sem pai, sem mãe, sem irmãos, aqui tive familia, aqui achei esposa! muito devia, pois, a esta terra da Santa Cruz, que me foi cruz. . sem calvario, sem martyrio; foi-me cruz de redempção! Paguei ao Brazil esta divida sagrada; paguei-a pelejando pela sua gloria, derramando o meu sangue pela sua honra ultrajada! Julguei ter-lhe satisfeito a divida; julguei que eu e Brazil estavamos quites: enganai-me! A mão de um Monarcha magnanimo e justo veio pôr-me ao peito esta fita, que symbolisa o valor, e que orgulhosamente mostrarei a todos na minha terra! Com que pagarei tal honra?! Não sei! não vejo! Embôra: glorio-me em ficar sendo eu o devedor: sou-o já, não exijo mais nada!

O CORONEL.

Mas. . . onde quer chegar?

JABUTÁ.

A' minha condição. V. S. offerece-me uma quantia — enorme para as minhas ambições, — pequena, e muito, para as necessidades d'esta guerra de honra. Destine, pois, esse ouro ao fim sagrado de augmentar o exercito: é mais nobre o destino, do que esse que lhe queria dar, e que eu energicamente recuso.

SILVINA, aperta-lhe a mão com enthusiasmo e reconhecimento.

O CORONEL, espantado.

Mas.

JABUTÁ.

Quero, quando chegar á minha patria, dizer aos meus: — Se ha na America tantos portuguezes que, embora fazendo fortuna, honram a terra do seu berço, tambem houve um que, sahindo pobre como entrou, trouxe mais uma vez a gloria para este cantinho do velho continente!

CRAVEL, com enthusisismo.

E's um verdadeiro portuguez!

O CORONEL.

Quaes! Isto não é portuguez, nem brasileiro! isto é... um heroe!

JABUTÁ, orgulhosamente.

Não, Sr Coronel; sou... *homem!*

O CORONEL.

De bem, acrescente. (Estendendo-lhe a mão) Aceito a condição: dou minha filha ao portuguez irmão; dou os meus haveres á patria mãe!

JABUTÁ.

Ah! sou completamente feliz!

SCENA XV.

OS MESMOS, ABILIO E QUATRO CAPANGAS, armados de facas e espadás.

ABILIO, precipitando-se na scena e correndo para Jabutá de faca em punho.

Ainda não!!

[Movimento de terror em todos. Os capangas aproximam-se dos personagens.]

O CORONEL.

O que quer isto dizer?!

ABILIO, com voz cavernosa.

Ninguem dê um passo, aliáz vae correr aqui muito sangue! (para Jabutá) Venho pagar-lhe a sua bala, Sr. *Monarcha das Coxilhas!*

JABUTÁ, sereno.

Estou aleijado e sem armas, senhor!

SILVINA, passando rapidamente entre os dois, ajoelhando e agarrando-se ao braço em que Abilio tem a faca.

Antes a mim, covarde!!

SCENA XVI.

OS MESMOS, LEÃO E TROPEIROS.

LEÃO, com uma espingarda na mão.

A elles, *gentes!*

[Os tropeiros lançam-se aos capangas e apontam-lhes os revólveres. Leão mette a espingarda á cara e desfecha sobre Abílio.]

ABÍLIO, dando um grito horrivel, deixa cahir a faca e leva as mãos aos olhos.

Ah!!!... cegaram-me!!!... estou cego!! (tateando nas trevas) Cego!!... cego!!...

JABUTÁ.

Desgraçado!

ABÍLIO, cahindo de joelhos.

Ah!!... eu o jurei!

SILVINA, elevando os olhos e as mãos ao céo.

Justiça de Deus!

[Quadro de consternação geral.]

CAHE O PANO.

NOTAS

PARA FACIL INTERPRETAÇÃO DO ACTOR EUROPEU

ACTO PRIMEIRO

(1) — NHÔR OU NHÔ. — Abreviatura de *senhor*, peculiar á gente do campo e a *eseravos*.

(2) — ESTANCIA. — Fazenda, casal, herdade, etc.

(3) — SINHÁ. — Tratamento que se dá á moça solteira, em todo o Brazil.

(4) — VEXADA. — Incommodada, sobresaltada, assustada.

(5) — COBRA-CORAL. — Uma das mais venenosas: tem a cor encarnada, e quando se enrosea parece uma pulseira de coral das que as negras uzam muito.

(6) — MOCAMBA. — Criada particular de quarto; especie de aia.

(7) — NHÓ-NHÓ. — Tratamento que dão aos moços solteiros.

(8) — GENTES! — Exelamação muito usada em todas as classes.

(9) — SABIDO. — Esperto, intelligente, sabedor, etc.

(10) — METTER CHICOTE OU PÁU. — Dar pancadas com estes objectos. Muitas vezes adicionam ao verbo a proposição *de*, e dizem: metter *de* chicote, metter *de* páu, etc.

(11) — BÔLOS. — Palmatoadas: castigo muito vulgar para punir *eseravos*.

(12) DEIXA-TE ANDAR CALÇADA. — É a maior prova de *sympathia* que se póde dar a um *eseravo*, especialmente nas *provincias*. O author vio alguns negros vestindo casaca em serviço de seus senhores, mas descalços; montar a cavallo com eanos de botas nas pernas, mas os pés nús e com esporas.

(13) — LHE ABORRECE. — *Ella* é que aborrece a *elle*. É muito vulgar esta collocação do pronome, que parece mudar ás vezes o sentido da oração.

(14) — BÔBA. — Tola, estúpida, idiota, etc.

(15) — VOSSÊ. — É geral este tratamento para todas as classes, idades e sexos. Em conversação familiar não ha outro, especialmente na *provineia* aonde se passa a acção do drama.

(16) — JABUTICÁBA. — Arvore fructifera, que dá uma flôr branca muito bonita.

(17) — PIÃO. — Homem [criado ou *eseravo*] que agarra bois a *laço*: é em tudo igual ao *campino* portuguez. Andam sempre a cavallo, a pezar do nome. Se não fosse este facto e a alteração do --i-- pareceria o *peão* portuguez.

(18) -- LAÇAR. -- Agarrar qualquer animal a *laço*. Geralmente é admirável a destreza com que executam esta operação. A galope, em seguida do animal fugido, elles lhe atiram o *laço*, ficando o extremo da corda preso n'uma grande argola que ha, para este fim -- no aparelho do cavallo. O mais singular é que -- os animaes em que montam os *laçadores* já estão tão habitua-dos áquelle exercicio, que quando lhe vóa o *laço* por cima da cabeça a prender o fugido, elles estaeam repentinamente, fazem firmeza nas patas, derream-se todos para traz, afim de poderem supportar sem perigo o grande choque do *laçado*, que continúa correndo até estiear a corda. Esta corda é feita de couro secco e enrançado. O *laçador* tambem *laça* homem, se o tem por inimigo. E' prodigiosa a destresa do *laçado* n'essa occasião, que, puxando pela sua faca, corta ás vezes no ar a corda que forma o *laço*, antes de este o envolver. O autor foi testemunha ocular d'esta admiravel operação.

(19) ONÇA. -- Animal carnívoro e muito vulgar nas mattas do Brazil. Ha-as de prodigiosa grandesa, e de tal força muscular, que só com uma paneada de mão despedaçam o craneo de qualquer animal. Nunca ataca de frente ou em terreno plano. Procura sempre arvore que se bifurque, e d'ella forma o pulo sobre o animal. Anda leguas atraz da victima até achar uma arvore n'aquellas circumstaneias. Raras vezes ataca o homem, porque, como ha grande abundancia de porcos bravos, e outros animaes, a onça anda sempre falta. Ha exemplo de seguir o caçador, com o fim unico de comer os passaros que ficam mal-feridos e fogem para o matto.

(20) -- GAUXO. -- Homem do campo, livre e encarregado ordinariamente dos trabalhos da lavoura e mais occupações do sertão. Este nome é com especialidade applicado a todos os filhos do Rio Grande do Sul, e seus visinhos *castelhanos* do Estado Oriental, republicas de Montevideo, Buenos-Ayres, etc.

(21) -- JUQUINHA OU JUCA. -- José, como MANDUCA -- Manoel, etc.

(22) -- MATAVA ELLE. -- E' vulgarissimo o emprego do pronome, d'esta maneira, em todo o Rio Grande do Sul.

(23) -- BAHIANOS DE PORTUGAL. -- Portuguezes. Geralmente no sul do imperio chama-se *bahiano* a todo o homem do norte, seja qual for a sua nacionalidade. N'uma questão qualquer, depois de exgotado o vocabulario dos doestos, diz-se a ultima affronta com esta phrase: -- *Vossê é um bahiano!* -- Suppõe se que este odio á gente do Norte do Brazil se explica no Sul pela guerra civil, que durou dez annos, e que tantas calamidades produzio no Rio Grande. O exercito com que combatiam era todo composto de tropas do norte, e com especialidade da Bahia e Pernambuco.

(24) -- CAMARADA. -- N'esta accepção quer dizer amigo, dedicado, etc.

(25) -- XARQUEADA. -- O logar, o edificio onde se faz a matança dos bois e se salga carnes. Aproxima-se dos *matadouros* europeus, mas muito mais toscos e anti-hygienicós. Tambem

significa a operação de preparar a carne. Assim, diz-se muitas vezes: — Fulano *está fazendo a sua xarqueada*.

(26) — PIÃOS DA TROPA. — Já se definiu *pião*. *Tropa* é uma grande manada de machos, mulas, cavallos ou bois: *tropilha*, manada pequena.

(27) — CAPATAZES. — Criados que governam os mais criados ou escravos, em todos os serviços do campo, conducções de *tropas*, etc.

(28) — MONARCHA DAS COXILHAS. — O *maioral*, dono ou feitor que administra e governa todo o serviço da *xarqueada*, do campo, da venda dos gados, etc. — Este nome, apesar da pomposidade, é muito cummum entre todas as classes do Rio Grande.

(29) — TROPEIROS. — Os que conduzem as tropas, escravos ou livres.

(30) — CARNEAÇÃO. — Matar, esfolar e preparar os bois, para a salga das carnes.

(31) — EH-TA! — Exclamação muito usada no Estado Oriental, e nos brasileiros da raia.

(32) — MACAQUITOS. — Os raianos do Estado Oriental e os paraguayos chamam assim aos brasileiros. E' nome entre elles tão assentado, que na ultima guerra, um prisioneiro paraguay, sendo interrogado sobre a designação que davam aos brasileiros, respondeu com a maior sinceridade: — *Los macaquitos*. — [Vid. *Jornal da Bahia* de 22 de Novembro de 1866 — Correspondencia de Corrientes.]

(33) — GALLEGOS. — Nome de desprezo dado aos portuguezes pela canalha do sul do Brazil, inclusive na côrte do Rio de Janeiro. Na Bahia são os portuguezes chamados por — *marrotos*, e em Pernambuco por — *marinheiros*. Qualquer destes tres vocabulos, sempre que ha questão entre portuguez e nacional, salta logo da bocca do brasileiro: desgraçadamente este facto dá-se até entre as classes mais elevadas.

(34) — XARQUEADOR. — Proprietario da *xarqueada*.

(35) — MACHUQUEI-O? — E' muito usado este verbo por — pizar, magoar, molestar, etc.

(36) — CAIPÓRA. — Ente creado na imaginação da gente do campo, equivalente ás *bruxas* da Europa. Se o *gaixo* encontra de noite o *Caipóra* na estrada ou nas mattas, certa é a desgraça. E' ente malicioso, que se diverte com as pequenas misérias do homem, e que lhe apparece indistinctamente sob a figura de cão, burro, cavallo, passaro ou negro. Por isto, *estar caipóra* é o mesmo que dizer que o vio, que é elle que lhe está influenciando nas contrariedades. A crença é tão arreigada no Sul do Imperio, que dariam um tiro em quem lh'a quizesse combater.

(37) — MANINHA. — Diminutivo de *mana* em todas as classes e geral no Brazil.

(38) — ESTADO ORIENTAL. — Assim é designada o grupo de *republicas argentinas*, Montevidéo, Buenos-Ayres, etc. [Vid. *Diccionario Geographico do Brazil*.]

(39) . . . — PELA TERRA DENTRO . . . — Entraram, effectiva-

mente. As crueldades, roubos e deprações no Rio Grande do Sul foram taes, que não ha exemplo de outras iguaes em todo o Imperio. Em outras notas se encontra mais alguma cousa a este respeito.

(40) -- VEM MESMO. -- Este *mesmo* é muito vulgar para certificar melhor o que se diz : é peculiar a todas as classes.

(41) -- MOLEQUE. -- Negro escravo, de pouca idade ; tambem significa o *gaiato* europeu : deste diz-se -- *gaiatada*, daquelle -- *molecagem*, não só para exprimir o collectivo, como para significar a acção ruim ou engraçada.

(42) -- COTIA. -- Animal parecido com a rapoza, com os mesmos costumes, mais muito maior e de focinho desmesuradamente comprido. Não é bravo. Póde chamar-se-lhe o *coelho* do Sul.

(43) -- TATU' -- Bixo com casca, como a tartaruga, e que vive no matto. E' manso e pequeno : tem carne branca e muito gostosa. Custa a entrar-lhe o chumbo, pela dureza da casca.

(44) -- FACÃO. -- A gente do campo no Rio Grande, sem distincção de cores, nem de classes, anda sempre armada de facas enormes, ricas ou pobres, conforme a posição dos dominos.

(45) -- HOMEM QUE ESTÃO. -- E' peculiar á gente do campo esta falta de concordancia entre o singular do substantivo e o plural do verbo.

(46) -- MOLEQUE DAMNADO ! -- Damnado por -- *experto levado da bréca*, etc. ?

(47) -- RANCHO. -- Fazer *rancho* : especie de acampamento da gente que viaja no campo, empregada nos seus diferentes misteres. Ordinariamente, pelas estradas mais frequentadas e proximo a povoações, ha *ranchos* já edificados ; isto é, grandes *telheiros* montados em columnas de madeira, sem paredes, mas com mangedouras para os animaes. Ahi ficam guardados até ao dia seguinte, que continuam a sua marcha, depois do feitor ou capataz pagar ao damno do rancho. Os *tropeiros* fazem ahi a sua comida e dormem sobre os aparelhos dos cavallos. O *rancho* no matto é feito á ultima hora, quando se quer desengançar : cortam-se alguns páos, cravam-se no chão, sobre outros atravessados estendem-se folhas de bananeira brava, ou outra qualquer *palma* larga. O autor, em caçadas de matta virgem, ajudou algumas vezes a coastruir destes tenues abrigos, que um nordeste rijo da Europa levaria pelos ares em dous segundos.

(48) -- CAMARADA. -- Nesta accepção é -- *criado do campo*, escravo ou livre. Acompanha o viajante e o serve durante o trajecto. São, geralmente, os *praticos* do caminho que se segue.

(49) -- PAGEM. -- Escravo mais particular ; especie de *escudeiro*.

(50) -- BOTA Á MINEIRA. -- Grandes botas, muito largas em cima, formando uma especie de *barcas*. Suppõe-se que ainda é moda deixada pelos portuguezes, quando, nos tempos coloniaes, introduziram este uso, aliás muito commodo, na provincia de *Minas-Geraes*.

(51) -- CHILENAS. -- Esporas enormes, de prata, ferro, ou

cobre, conforme a riqueza ou mediocridade do domno. E' moda que veio do *Chile*, e que foi tão exaggerada no Rio Grande do Sul, que o autor vio umas de prata pertencentes a um rico *estancieiro*, que pesavam oito libras cada uma, e as *rosetas* eram maiores do que o diametro da palma da mão do domno, homem hereulêo e agigantado. O maior capricho daquella gente é dançar as suas originalissimas danças com as *chilenas* nos pés. Ha uma figura em que todos os calcanhares batem a compaço com as *chilenas*, fazendo uma bulha infernal. Não ha exemplo de um *gaucho*, dançando ou correndo, tropeçar n'aquellas monstruosas esporas.

(52) -- CHIRIPÁ, OU XIRIPÁ. -- E' um pano de tres pontas, do feitto de um chale, e que os *gaúchos*, põem por cima das seroulas, na cintura, passando a ponta que fica pendente atraz por entre as duas pernas, e unindo-as todas tres amarradas sobre o ventre, como se põe a *fralda* a uma criança de peito. Esta peça de vestuario, que depois de posta, similha uns calções muito largos, é rica ou pobre, conformé o individuo que a usa. O autor vio *chiripás* feitos de riquissimos chales de *cachemira*, e de seda chinesa.

(53) -- PONCHE. -- Peça de vestuario *obrigada* a todos que viajam. E' exatamente como os que ha annos se usavam na Europa, mas, mais curtos. São de panos de diferentes cores, até algum vermelhos e listrados. Ha *ponches* fechados adiante e que se enfiam pela cabeça como o *cobreção* do *campino* portuguez: estes, porém, não se chamam *ponches*, sem acrescentar—*de pala*.

(54) -- CHUPAVAM CACHAÇA. -- Bebiam aguardente feita da cana de assucar. E' bebida vulgar, baratissima e indispensavel á gente que viaja.

(55) -- VAQUEANO. -- Pratico de qualquer sitio, ou caminho.

(56) -- BURROS. -- Chamam assim indistinctamente aos machos e ás mulas. O verdadeiro burro [asno, jumento] quasi que não é conhecido no Rio Grande do Sul.

(57) -- XINGAR. -- Zombar, mangar, etc.

(58) -- PARDO. -- Mulato, que é palavra usada raramente em todo o Brazil.

(59) -- CAPTIVO. -- Os negros e mulatos raras vezes usam da palavra *escravo*: quando se lhes pergunta o seu estado, diz-se: -- E' livre ou captivo? -- Se se disser -- *escravo*, escandalizam-se e não respondem direito.

(60) -- C'OS TINHOSO! -- Com os diabos! -- A *synalépha* e a falta de concordancia no plural do artigo, são particulares a esta exclamação.

(61) -- METTER DE PÁO. -- Vid. Nota 10.

(62) -- CARIÓCA. -- A mulher nascida no Rio de Janeiro. Ha nesta cidade um chafariz chamado da *carióca*, no largo do mesmo nome: é a agua melhor que se bebe na capital. Suppõe-se que d'aqui deriva-se o nome de *cariócas* dado aos filhos do Rio de Janeiro. E' usado em todo o Brazil.

(63) -- JUCA. -- Vid. nota 21.

(64) -- DE ENGENHEIRO? -- A proposição *de*, assim usa-

da, é muito vulgar em todo o Brazil. Não se diz, por exemplo : -- fulano chamou ladrão a sierano ; diz-se : -- fulano chamou *de* ladrão, etc.

(65) -- BRAVOS ! -- em toda a parte do Brazil está exelamação é sempre no plural : inclusive nos applausos de theatro, de discursos, etc.

(66) -- TODOS DOIS. -- E' raro dizer-se -- ambos.

(67) -- DE VEZ. -- Por uma vez, para sempre, etc. Muito usado.

(68) -- PETIÇO -- cavallo pequeno, esperto e de pernas curtas.

(69) -- TRONCO -- poste a que se amarram os negros para os castigar com agoites.

(70) -- GARÇA -- passaro aquatico, muito grande, vulgarissimo no Rio Grande do Sul.

(71) -- FICAR BRAVO -- zangado, encolerizado, etc.

(72) -- PIÊGUEIRO -- docil, meigo, aereangado, etc.

(73) -- MATUNGUINHO -- diminutivo de *matungó* : cavallo velho, cançado, que já não serve senão para cargas.

(74) -- MATA GENTE, LEVA NEGRO, ETC. -- Parece impossivel que no seculo desanovê se commettam as atrocidades que os *brancos* perpetraram na sua invasão no territorio brasileiro. Além dos assassinatos, desflorações perante as familias, e toda a casta de latrocinio, levavam a malvadez a ponto de -- quando os donos das *estancias* tinham a fortuna de fugir a tempo, iam-se aos escravos, e aquelles que os não queriam seguir, eram decapitados, só com o fim de lesarem os senhores d'aquellas *propriedades vivas*. Houve dono de *xarqueada* que ficou reduzido á miseria, pela morte e roubo de seus escravos. Pianos riquissimos, quadros de valor, e muitas obras de arte, eram despedaçadas, e queimadas, só pelo espirito de fazer mal. A respeito das mulheres deram-se epysodiós impossiveis de se escrever n'um livro, e inacreditaveis, contados verbalmente, pela sua malvadez e obseñidade.

(75) -- LIGAL. -- Coiro de boi para cobrir cargas.

(76) -- NÃO ME ABORREÇAS ! -- A idéa é -- *não me causes aborrecimento*. O defeito da construcção desta phrase, que parece mudar a idéa, é só peculiar aos filhos do Rio Grande.

(77) -- MAÇO -- maçada, estupada, impertinencia, etc.

(78) -- ABOMBADO -- o cavallo ou qualquer animal, que não póde andar mais, de velho, cançado ou gordo.

(79) -- YAYÁ -- tratamento que se dá ás senhoras casadas ou viúvas.

(80) -- XUCRO. -- Bravo, por domesticar : que ainda não levou apparelho.

(81) -- A GOSTO -- á vontade, com commodidade, etc. E' muito vulgar em todo o Brazil.

(82) -- YOYÓ. -- Tratamento que se dá aos casados ou viúvos.

(83) -- NAS MINHAS ANCAS -- atraz de mim.

(84) -- MATTE-XIMARRÃO -- bebida muito usada no Sul de todo o Brazil. O *matte* é planta aromatica, como o chá, e que

Na mesma forma se prepara com agua a ferver. E' tomado em *cuia*, a maior parte das vezes feitas de coqueiro; e mergulhando-se n'ellas, na bebida já preparada, uma *bomba*, isto é — um tubo de prata, ou outro metal, chupa-se e toma-se assim: O tubo tem na parte que se mergulha uma bola ôca e cheia de buraquinhos, para não deixar passar nenhuma folha ou tronquinho. Cada pessoa de uma familia, por mais pobre que seja, tem a sua *cuia* e a sua *bomba* por que ninguem ha que não tome *matte*. *Ximar-rão* é um adjectivo que significa — *matte sem assucar*. O autor, provando a tal bebida, comparou-a á *altêa*; mais desemxabida ainda: no entretanto, é tão usada como entre nós o café. Os pobres *tropiceros* passarão sem tudo, excepto sem *matte*. Até na guerra é distribuida aos soldados e officiaes, como um dos artigos de *etape*. Vê-se isto nos documentos officiaes da guerra com os paraguayos.

(85) — RINCÃO — campo largo, rodeado de matto.

(86) — REBENQUEAR — dar com o *rebenque*, isto é — com o chicote. Os que elles usam e a que chamam *rebenque*, é de cabo curvo, com uma grande cabeça ou martelo, de prata, ferro ou bronze, e tem duas ou quatro pernas de trança de coiro. Outros são mais compridos de cabo, e no extremo, em vez da trança, tem uma espécie de pá de coiro crú, de quatro ou cinco polegadas, com que castigam o animal.

(87) — MULADA DE FLOR, BICO ARCADO, ETC. — Tudo isto para dizer que a *mulada*, isto é — a manada de mulas e machos, é nova, elegante, valente e gorda.

(88) — LERDOS MERTUNGUINHOS — velhos, que já não prestam, etc. — Sendeiros tropicões — que se vão abaixo de cançados.

(89) — ANNO TAPADO. — Um anno perfixo para pagamento.

(90) — EH IÁ! POR VIDA! — Exclamação muito vulgar nos *gaúchos* da raia.

(91) — ARRUMAR MANDIOCA — enganar, pregar peça, impingir gato por lebre.

(92) — PARAR RODEIO. — Metter os animaes todos apertados n'um circulo, de estacas — se é proximo á casa do *creator*, de homens a cavallo — se é no meio do campo ou nas grandes feiras. Faz-se esta manobra para o comprador escolher á vontade. Aquelle animal que o comprador designa com a mão, é immediatamente *laçado* por um dos *gaúchos* que pertencem á *tropa*. Se o vendedor vê que o comprador escolheu um bom animal e lhe quer *pregar mandioca*, isto é — *dar gato por lebre*, — pisca o olho ao *laçador*, que, no meio da confusão de coices e berros dos animaes, quasi bravos, *laça* outro que não presta: mas isto com tal conversa e arte, com taes exclamações e gritaria, que não se percebe o engano se não depois de feita a venda. O comprador, neste caso, é de praxe callar-se e soffrer o calote, para não passar a si proprio, diante dos seus, o diploma de — *bobo*.

(93) — MATURRÕES — bestas velhas, aleijadas ou cegas.

(94) — OH! QUEL PUXA! — Exclamação muito vulgar nos rio-grandenses.

(95) — GUAYÁCAS — cintos de coiro envernizado, cheios de pregaria amarela ou de prata, e enfeitados de marroquim verme-

lho. E' neste cinto que collocam o facão e os reвольveres ou pistolas. Tem grandes algibeiras para dinheiro, tabaco, fuzil, pederneira, etc. Pela riqueza ou simplicidade da *guyaca* se conhece os haveres ou pobreza do dono.

(96) -- ESTRAR -- cair do cavallo, por máo cavalleiro.

(97) -- CAMPANHA -- campo, mattas, etc.

(98) -- TIRAR COTEJO -- medir forças, brigar, provocar, etc.

(99) -- REBENQUE. -- Vid. nota 86.

(100) -- FUÁ -- animal resabiado, espantadiço, etc.

(101) -- CAPIM -- crva verde; serve de pasto aos animacs.

(102) -- GRAVATÁS -- matto, no genero e feitio dos cactos compridos, que figuram muitas vezes nas estufas europêas.

(103) -- CARNEAÇÃO -- a acção de matar os bois e retalhal-os para fazer o *xarque*.

(104) -- GUÁSCA -- o mesmo que -- *gaxco*, mas como applicação de escarnêo ou desprezo.

(105) -- COMO ESTÁ ACONTECENDO, ETC. -- Vid. nota 74.

(106) -- ESPÍÕES DOS BLANCOS. -- O autor estava na cidade de Pelotas quando ahi foi preso, e quasi morto pelo povo, um individuo que era espião dos *blancos*; isto é -- seu correspondente de tudo que se passava, e precauções que tomavam os brasileiros para resistir áquella torrente de atrocidades. Em Jaguarão contou que foi morto na fronteira um *estancieiro* rico, por se lhe achar correspondencias dos *blancos*. Houve mais exemplos. Uns por vinganças politicas para com as autoridades locais, outros para salvarem sua fazenda e vida, alguns brasileiros degenerados, entretinham relações de amizade com aquella horda de assassins.

ACTO SEGUNDO

(*) -- A DISCRIPÇÃO -- desta sala nada tem de exagerado, nem pretensões a *embellezar* o palco; é a cópia fiel de quasi todas as salas de *estancieiros*: todos os seus accessorios são, portanto, indispensaveis porque além da novidade, são typicos para o rio grandense.

(1) -- LOPEZ -- PRESIDENTE DO PARAGUAY. -- Para mais facilmente se comprehender quem é este personagem, copiamos aqui textualmente a nota que o ministro brasileiro o Sr. Sergio Teixeira de Macedo, dirigio ao ministro dos estrangeiros em Paris, em 12 de Junho de 1867 e publicado no *Jornal do Recife* de 17 de Agosto do mesmo anno:

“ Está perfectamente verificado e provado nos documentos paraguayos que suas tropas e navios de guerra invadiram duas provincias brasileiras e uma argentina, ás quaes estavam sem meio algum de defeza preparado, e apiesaram nas aguas do Paraguay um vapor brasileiro, e no porto de Corrientes [que bombardeou

dois vapores de guerra argentinos, que alli se achavam pacificamente ancorados.

Por certo, as provincias invadidas não teriam sido encontradas tão completamente desprovidas de defeza, expostas ás *razzias* do Paraguay, nem os vapores sobre as aguas em que os surprenderam os paraguayos, se os governos brasileiro e argentino tivessem podido suspeitar a existencia de um motivo pelo qual o Paraguay lhes fizesse a guerra.

Entretanto os documentos paraguayos sustentam que uma declaração foi feita a seu tempo.

Segundo elles a declaração de guerra ao Brazil se encontra em uma nota, ou protesto, dirigida ao ministro do Brazil em Assumpção, datada de 31 de Agosto de 1864. Tinha esta nota por objecto reclamações, querellas, ou hostilidades entre os governos do Brazil e da Republica do Uruguay, com os quaes o governo do Paraguay nada tinha que ver, pois que, segundo confessá o Sr. Berges [*pag. 5 de sua nota*] não tinha e ainda hoje não tem com Uruguay laço algum de alliança. Esta nota ou protesto, era tanto uma declaração de guerra que o ministro do Brazil acreditado em Assumpção continuava a preencher socegradamente suas funcções.

Pelo que diz respeito á republica argentina, não ha discussão possivel desde que o Sr. Berges [*pag. 12 de sua nota*] declarou as hostilidades contra o porto e a cidade de Corrientes, tiveram lugar no dia 13 de Abril, e que o Sr. Bareiro [*pag. 2 de sua nota*] declara que no 1.º de Maio havia apenas 15 dias que o governo argentino tinha conhecimento dos actos da guerra do Paraguay, isto é, que, até 17 de Abril não havia a menor desconfiança da existencia quer do decreto que lhe declarava a guerra, quer das hostilidades que já tinham começado em 13.

Além disso, ha o testemunho imparcial do Sr. Thornton, ministro de S. M. Britannica na Republica Argentina, o qual em um relatório ao seu governo, communicado ao parlamento e publicado, datado de Buenos-Ayres de 6 de Maio de 1865, declara que « a nota paraguaya dirigida em 20 de Março pelo Sr. Berges ao ministro dos negócios estrangeiros em Buenos-Ayres, o Sr. Elisalde, chegou somente ao conhecimento do governo Argentino em 1.º de Maio por intermedio do periodico paraguayo *Semanario*, em que tinha sido publicada. O original chegou-lhe finalmente em 3, dezenove dias depois do ter sido a cidade de Corrientes occupada pelas forças paraguayas. »

Está pois bem estabelecido, posto que negal-o queiram os agentes do presidente do Paraguay, que o emprego de meios de guerra e as hostilidades, haviam tido lugar *antes* da existencia não somente de uma declaração de guerra em forma, mais ainda de documentos ou de factos que tivessem podido fazer desconfiar que a guerra estava prestes a começar.

Passo aos motivos allegados pelos agentes do presidente do Paraguay, para que se fizesse esta guerra.

Quanto á republica Argentina, o relatório britannico, supracitado, expõe as quatro razões allegadas na declaração de guerra paraguaya e aprecia o valor e a veracidade desses motivos na opi-

nião esclarecida deste diplomata imparcial; cujas palavras transcrevo:

« As razões, diz o Sr. Thornton, allegadas nesse documento para justificar a extrema medida da guerra, são;

- 1.º A recusa feita pelo governo argentino ás forças paraguayas de lhes dar passagem pela provincia de Corrientes;
- 2.º A recusa de reconhecer o direito do Paraguay sobre o territorio das Missões entre o Paraná e o Uruguay;
- 3.º A tolerancia do governo argentino no alistamento de soldados em Buenos-Ayres para serem empregados contra o Paraguay;
- 4.º O apoio dado pela imprensa official de Buenos-Ayres á causa do Brazil contra o Paraguay.

Pelo que diz respeito ao primeiro argumento, creio que poucas pessoas negarão que esta republica tinha um pleno direito de recusar a passagem pelo seu territorio tanto aos brazileiros como aos paraguayos.

O governo argentino recusou sempre reconhecer o direito do Paraguay sobre o territorio das missões; porém apezar disto, nunca tomou medidas activas para impedir que os paraguayos occupassem esse territorio.

Sobre o alistamento de soldados em Buenos-Ayres para o serviço do Brazil contra o Paraguay, posso tão somente dizer que nunca pude descobrir que se passasse tal cousa a este respeito.

Não existe uma verdadeira imprensa official naquelle paiz. O governo tem sobre ella tão pouco poderio, que a liberdade de que ella goza approxima-se muitas vezes á licença. Póde haver alguma folha cujo editor tenha relações amigaveis com os membros do governo, e que possa escrever segundo as intenções delles; é certo porém que elles não podem nunca estar seguros de que essa mesma folha, não lhes censure as medidas com a maior sinceridade. »

Em a nota do Sr. Berges [pag. 9], acha-se um novo motivo de guerra reunido aos quatro que o Sr. Thornton tão bem expoz e julgou. *Em 1856, alguns falsificadores fabricaram em Buenos-Ayres notas do credito publico do Paraguay.*

Eis as causas que ousam apresentar afim de justificarem tamanhas devastações e tanto SANGUE DERRAMADO!

Quanto ao Brazil, o Sr. Berges [pag. 7 de sua nota] expressa-se assim: « *O proprio Brazil apressou-se não somente em reconhecer a nossa independencia mas tambem em robustecel-a.* » Mais adiante, na mesma pagina, leem-se estas palavras: « *O Paraguay amigo desinteressado e reconhecido do Brazil, pelos benefícios que delle recebera...* » Para saber que o Paraguay devia ser *amigo reconhecido do Brazil*, não era mister, Sr. Marquez, que V. Exc. ouvisse esta confissão do Sr. Berges. Achar-se na chancellaria de V. Exc. documentos, que vão além de 1845, que attestam os bons officios do Brazil para com a republica, então fraca, ameaçada e abandonada por todas as nações.

Peço agora a V. Exc. que mande examinar o mais minuciosamente possivel, as notas dos Srs. Berges e Bareiro, para ver se nellas descobre a allegação de um *só facto*, de uma *só offensa*, de

uma *diminuta injuria*, que tenha podido fazer eom que rapidamente se toraasso aquella *amisade* em odio, aquelle *reconhecimento* em *hospitalidade feroz*.

O governo do Paraguay não tinha, repitio-o, eousa alguma que ver eom as disputas do Brazil com o Uruguay, por que não tinha laço algum de alliança com esta republica : e pelo eontrario devia ao Brazil *amisade e reconhecimento*.

Se estava ameaçada a independencia do Uruguay, segundo a sua asserção gratuita, elle sabia, e os Srs. Berges e Bareiro o repetem, que ha convenções entre os governos do Brazil, da Republica Argentina, da França e da Inglaterra, a respeito dessa independencia ; fo que lhe cumpria fazer pois, era dirigir-se a esses governos e despertal-os se os cria adormecidos.

Desempenhou um bello papel o Paraguay, livre de qualquer compromisso, e foi o de ver o que outros governos tão esclarecidos e tão bem servidos não viam.

O Sr. Berges e o Sr. Bareiro fallam vagamente de projectos de absorpção, de pretensões tradicionaes ; e de politica invasora do Brazil. Seria necessario dar as provas destas asserções. As provas que attestam a moderação e o caracter pacifico do Imperador do Brazil estão perante todos os olhos.

A pessoa, as bagagens, os papeis do coronel Carneiro de Campos, presidente da provincia de Matto-Grosso, cahiram em poder do governo do Paraguay, que, se houvesse encontrado instrucções para que, naquella provincia limitrophica, se fizessem preparativos contra os interesses do Paraguay, não é crível que esse governo, que tantos sophismas e allegações falsas busca afim de justificar a sua aggressão, tivesse até hoje conservado essas provas em segredo.

Os exercitos paraguayos ao invadirem Matto-Grosso e Rio Grande encontraram por ventura batalhões e esquadões preparados para romper hostilidades contra o Paraguay, a recuar as fronteiras e fazer, fosse o que fosse, contra essa republica? Nem ao menos esses exercitos encontraram uma defeza organizada, 120 homiens compondo a guarnição do forte de Coimbra em Matto Grosso, e alguns esquadões de guarda nacional, reunidos precipitadamente perante S. Borja, no Rio Grande, foram as unicas forças que encontraram.

Todos conhecem bem que o Brazil, quando vio duas de suas provincias invadidas pelas tropas do Paraguay, tinha tão somente 14,000 soldados de todas as armas, espalhados em pequenos destacamentos nas vinte provincias do Imperio ; que seus arsenaes estavam vazios, e até as suas provincias limitrophes do Paraguay estavam desarmadas ; que os fortes que lhe servem mais de limites do que de defeza, estavam arruinados, mal armados e desguarnecidos ; que a sua esquadra só se compunha de navios os quaes sempre eram empregados na vigilancia das costas ; que lhe faltavam vasos de guerra, de calado apropriado para a guerra dos rios ; que não possuia nem as embarcações nem os canhões necessarios para o ataque de fortalezas taes como a de Humaitá.

A fixação das forças de mar e de terra tinha tido nas camaras a sua diseussão annual ; ninguem propozera augmento, tinha-se

pelo contrario proposto reduções afim de se economisar : e até o proprio presidente de Matto Grosso, victima da surpresa do Paraguay, foi um dos deputados que insistiram a favor de uma redução no insignificante exercito de 14,000 homens.

O unico indicio que o Sr. Bareiro descobre para provar que de ha muito tempo havia da parte do Brazil e da Republica Argentina a intenção de fazer a guerra ao Paraguay, é que 4 mezes *depois* que o Brazil fôra atacado e 15 dias *depois* que em Buenos-Ayres se soube que a Republica Argentina estava da mesma sorte exposta ás suas hostilidades, os seus plenipotenciarios assignaram nessa cidade um tratado de alliança offensiva e defensiva. Não só é muito natural acreditar que o plenipotenciario brasileiro tinha instrucções para conduzir a Republica Argentina a uma alliança, mas tambem 15 dias é tempo mais que sufficiente para se redigir um tracado, enviar-o de Buenos-Ayres ao Rio de Janeiro, e receber-se a resposta.

Entretanto é por este modo que os agentes do Paraguay, sem terem amenor prova, fallando muito da politica invasora do Brazil, querem fazer com que se creia que o Paraguay o atacou porque esperava que o atacassem. O Sr. Bareiro diz [*pag. 6 de sua nota.*] « Como tornar criminoso a quem está ameaçado de perder a vida, por antieipar a seus aggressores ? »

Que o Brazil não possuia meio algum de aggressão, é o que acaba de ser dito e que é sabido por todos. Permitta-me agora V. Exc. Sr. Marquez, que enuncie o que, de ha muitos annos, o governo do Paraguay ahi tinha reunido.

O Paraguay occupou-se exclusivamente em formar soldados e em adquirir instrumentos e munições de guerra. Era o exercito que possuia o mais numeroso que vira a America Meridional. Deu as maiores dimensões á fortaleza, já formidavel, de Humaitá. Tinha a melhor e mais numerosa artilharia, como nunca fora vista naquella parte do mundo.

O presidente do Paraguay lançou 9,000 homens em Matto-Grosso, onde está ainda uma grande parte ; perdeu 7,000 homens que foram aprisionados em Uruguay, 4,000 mortos na batalha de Iatahy, 2,000 na de Riachuelo. Em todas estas derrotas que elle tem sustentado, desde a invasão do seu territorio até o momento em que se recolheu ás suas fortalezas, perdeu um numero muito consideravel de soldados cuja somma é desconhecida. As molestias fizeram estragos nas fileiras delle como nas dos alliados. Todavia, por detraz das muralhas, ainda tem soldados numerosos, dignos por sua coragem de servirem a uma causa melhor.

Está, ha dous annos, bloqueado por terra e por agua : o paiz não fornece os materiaes precisos para o fabrico das munições de guerra. Todas as perdas de homens, de que acabo de fallar, foram acompanhadas da perda das armas respectivas ; os bombardeamentos e fuzilamentos nunca cessaram : e entretanto ainda tem munições.

É um governo assim preparado para o ataque que acaba de dizer á face do orbe civilisado e dos governos que tem agentes e representantes por essas regiões além, que se *antecipou aos seus aggressores* ! Accusa terem projectos de vingança e de conquista

governos que, pela não desconfiança mostrada na defeza de seu territorio e pela falta absoluta de uma esquadra, fazem ver claramente a tranquillidade de sua consciencia, e a mais completa ausencia de projecto ambicioso ou invasor, o mais remoto!

É a segunda vez que o presidente do Paraguay faz em um documento official a declaração que se acha na pagina 13 da nota do Sr. Berges, isto é que *o sangue derramado até hoje é mais que sufficiente para lavar as offensas allegadas de parte a parte pelos belligerantes*, de sorte que, segundo uma moral nova que quer estabelecer entre as nações, quando uma dellas receber offensas, não deve fazer mais do que reunir um certo numero de soldados, derramar uma certa porção de sangue, e feito este sacrificio, tudo está findo.

Um potentado tendo conseguido, graças á docilidade de seu povo, estabelecer um poder illimitado, leva dez annos a accumular meios de aggressão; no momento que lhe parece propicio, lança-se sobre os vizinhos; e quando receia que lhe falhem os recursos, quando se acha encurralado, sitiado em suas praças fortes, vem dizer ao mundo: *Basta-me o sangue derramado*, e julga que deve acabar-se a guerra de que foi o unico causador!

O governo do Brazil deixa que os homens justos decidam se lhe é permittido deixar esse germen de perturbações e inquietações nas condições em que começou com os seus desvarios.

Os povos da America teem precisão de empregar a sua actividade e thesouros sobre objectos inteiramente alheios da manutenção de grandes exercitos permanentes.

Um vizinho que, por sua ambição, acaba de destruir tantas riquezas, e derramar tanto sangue, seria uma causa perpetua de inquietação e de sacrificios de todos os governos. Não podem pois os alliados depôr as armas, sem que não obtenham garantias para o futuro.

O novo principio de direito publico, pelo qual se quer negar ás nações o direito de *derrubar* do poder a um chefe que delle abusou e que se tornou uma perpetua ameaça contra os seus vizinhos, é um principio contrario á pratica constante dos povos civilizados de todas as epochas. Porém se querem clamar contra esse direito sagrado que deriva do da conservação, devem procurar outro theatro e outro actor, não o Paraguay nem o seu actual chefe, porque o proprio Sr. Berges [pag. 8 de sua nota] falla da alliança em que o Paraguay entrou *para derrubar a dictadura do general Rosas*.

Não posso entrar na exposição dos planos de meu governo e de seus alliados afim de obterem garantias de paz e de tranquillidade.

Tenho ordem, entretanto, de declarar em qualquer occasião que ó firme intenção sua manter a independencia da Republica do Paraguay, de lhe deixar a escolha de um governo nacional, e das instituições que ella houver por bem escolher.

Tratei de não sahir do circulo de discussão traçado pelas notas que o senhor encarregado dos negocios do Paraguay apresentou aos governos amigos da corôa do Brazil. Dispensom-me de fallar sobre o modo pelo qual a guerra tem sido feita da parte do Paraguay.

Nas margens do Paraguay e do Paraná a justiça está em presença do espirito de usurpação e de conquista. A politica sábia que dá vida ao commercio, á industria, e aos progressos dos povos, seja sob que fórma de governo for, está em presença do mais absurdo systema de restricções commerciaes e de monopólio. Finalmente, a civilização está em presença das tendencias para a barbaria.

O triumpho de um dos dous principios será decidido pelas armas. Deus, que é a propria eternidade, no segredo de seus designios, nem sempre dá a victoria á causa da justiça. As melhores combinações da prudencia e da sabedoria humana, fallam repetidas vezes. Esperamos entretanto com confiança na protecção divina, no valor de nossos soldados, e na intelligencia de nossos chefes militares, que em breve tempo esta luta sanguinolenta acabará pela victoria da justiça.

Aproveito esta occasião para reiterar a V. Exc. os protestos de minha muito alta e muito distincta consideração.

(Assignado)—S. DE MACEDO.

(2) -- BANDALHEIRA -- bandalheira, pouca vergonha, maroteira, etc.

(3) -- TRANQUITO -- cavallo de bom-andar, commodo, estradeiro.

(4) -- I-OÉ, QUE TEM QUÊS -- é equivalente este -- *ques* -- ao *tem que se lhe diga*, frequente na Europa.

(5) -- GIRAR -- endoiçecar, ficar maluco, etc.

(6) -- QUAES SEI NADA! -- Força de negativa este -- *quaes*.

(7) -- QUE PENA SER PORTUGUEZ. -- Já n'uma nota se disse alguma coisa sobre os odios ainda existentes entre as duas nações. Por esta asserção do coronel, alias muito vulgar no imperio, se prova que não é só na *canalha* que existe a animosidade.

(8) -- ROUBOS DOS BLANCCS. -- Aconteceu em Alegrete, pequena cidade do Rio Grande. Um dos proselytos dos *blancos* e seu espião estava sendo apedrejado e victimado na cidade, sendo brasileiro, enquanto os *blancos* lhe roubavam e incendiavam a casa e fazenda a tres quartos de legua de distancia.

(9) -- EM CASA -- não se diz, geralmente em todo o Brazil -- ir a casa de fulano; mas sim -- *ir em casa*.

(10) -- SAHIR NA RUA. -- Tambem se não diz -- *sahir á rua*; mas sim -- *na rua*.

(11) -- CARNEAR -- matar, esfolar, etc.

(12) -- PINGO-LINDO -- cavallo bonito, novo e esperto.

(13) -- TAMBERO -- animal muito domesticado.

(14) -- CORREGO -- rio pequeno, sem importancia geographica.

(15) -- BANHADO -- assim se chama no Sul a todas as lagoas provenientes das chuvas.

(16) -- CORRIDAS. -- Estas corridas são uma perfeita mania no Sul. Ha individuo que lança aos pés do seu cavallo toda a fortuna sua e dos seus. O mais galante é que apparecem especuladores que aproveitam, com fraude, a mania d'este ou d'aquelle estancieiro rico. Possuem ou pedem emprestado al-

gum afamado. cavallo corredor : dão-lhe pouco de comer tres dias, põem-lhe no lombo umas cangalhas e marcham para o lugar da *corrida* no dia marcado. Offerece o seu cavallo magro e *matungo* para competidor, tira-lhe as cangalhas, monta-o e ganha a aposta ao *estancieiro* embasbacado. Outros têm a habilidade de, correndo emparelhado com o seu competidor, metterem de certo modo o pé no *corvilhão* do contrario, o que o obriga a abrandar o galope.

(17) -- SURUCUCU'S -- cobras muito venenosas e grandes : causam morte instantanea.

(18) -- ESTANCIEIRO -- fazendeiro, proprietario rico.

(19) -- PASSANITO -- o mesmo que *thiosinho*, homem de pouca monta.

(20) -- Vid. nota 74 do 1.º acto.

(21) -- COXILHAS -- pequenos montes formando entre si vallesinhos, e cheios de matto.

(22) -- PREGA COM ELLE DEPOIS DE... ETC. ? -- A justiça no Rio Grande do Sul não prima pela actividade, especialmente na *campanha*, isto é, longe das povoações. A suspeita que o coronel manifesta na sua phrase é muito realisavel n'aquella provincia. A justiça feita por gente do povo é vulgar e numeraria. Mata-se um criminoso, ou mesmo um innocente ; lança-se o cadaver no *mangue*, [lagôa lodosa e coberta de uma vegetação peculiar] e desaparecem de uma vez todos os vestigios do crime. Quando a lagôa sécca alguma coisa, uma aluvião de *urubris*, raça de corvos enormes, denunciam a existencia do cadaver, mas ninguem lhe bole, se se reconhecer ser o de algum criminoso provado.

(23) -- ... PISE EM FAZENDA. -- Por--pôr o pé, etc.

(24) -- CAPANGA -- Homem assalariado para vinganças particulares.

(25) -- CEGO EU SEJA. -- Juramento muito usado no Sul.

(26) -- DOS BLANCOS. -- O Dr. Gonzaga, com quem o autor teve relações de amizade.

(27) -- AQUARTELAMENTO. -- Reunir os guardas no quartel para estarem promptos á primeira voz.

(28) -- MONSTRUOSA BARBARIDADE ! -- Exclamação perfeitamente castelhana e que usam muito Sul.

ACTO TERCEIRO

(1) -- ENTREVEVAR. -- Misturar, confundir, embaralhar, etc. É verbo de gíria nos *tropeiros* para explicar a confusão que resulta da mistura de seus gados com os de outro proprietario no campo.

NOTAS DO VESTUÁRIO

CORONEL ESTANISLAU -- 1.º acto. -- Casaco branco de lãzinha, chapéu de palha enorme, calça branca franjada e com abertos em baixo, sapato branco. Sem collete nem gravata. 2.º acto. -- Calça branca por dentro de botas *á mineira*, grandes *chilenas*, casaco de lã preta, collete branco, lenço preto de pontas cahidas, o mesmo chapéu. Grande *rebenque*. 3.º acto. -- O mesmo vestuário do 2.º, nas primeiras scenas. No final, grande fardão, dragonas, e a mesma calça, botas e *chilenas*.

JABUTÁ -- 1.º acto. -- Botas, *chilenas*, *guayáca* com revolveres e facão, calça branca, *chiripá*, *ponche* listrado, chapéu á hespanhola, em mangas de camisa por debaixo do *ponche*; lenço de seda de cor amarrado na cabeça e pontas cahidas pelas costas. *Rebenque*. 2.º acto. -- O mesmo, tendo por debaixo do *ponche*, que tira a seu teu tempo, jaqueta á hespanhola agalooda. 3.º acto. -- Uniforme de capitão de voluntarios -- as mesmas botas e *chilenas*, blouse de pano azul, golla incarnada, chapéu d'aba larga levantada na frente com uma estrella auri-verde. Condceoração da rosa. Banda por debaixo da blouse.

ABILIO MARUPIE -- 1.º acto. -- *Ponche*, *chilenas*, botas, *chiripá*, *guayáca* com revolveres e faca, chapéu largo. 2.º acto. -- Paletó curto de lãzinha preta, sapato branco, calça de franja e abertos, *guayáca* com as armas do costume. Sem collete; lenço de seda no pescoço. 3.º acto. -- O mesmo que o primeiro.

TROPEIROS E GAUXOS. -- *Ponches*, *chiripás*, botas *á mineira*, *guayácas*, etc. Todos differentes nas côres e nas listras.

ESCRAVOS. -- Calças de algodão crú, camisas listradas de azul e branco, uniformes. Descalços.

Os mais personagens á européa. As damas vestidos de cassa ou lãzinhas, os homens fatos leves, e chapéus do Chile.

N. B. -- Algumas notas, por esquecimento, deixaram de se marcar com os respectivos algarismos no correr do drama, achando-se com tudo no fim. N'este caso está, por exemplo, a nota 33, que se refere a -- *gallegos*, e mais duas ou tres, que o leitor facilmente procurará.

Ilm. Sr. José de Vasconcellos.

Pernambuco, 7 de Dezembro de 1867.

Meu bom amigo. — Assistindo á leitura deste drama, V. S. teve a bondade de m'o applaudir e de me offerecer a officina typographica do seu *Jornal* para imprimir graciosamente a minha obrasinha. Accitei, cheio de reconhecimento, tão generosa offerta: permitta-me, pois, que deixe aqui um pequeno testemunho da minha gratidão. Além da economia que me resultou do seu gracioso offercimento, a nitidez da edicção foi devida ao capricho de protecção que V. S. se dignou dispensar-me e ao zelo de seus excellentes empregados. Não me esquecerei nunca de tal favor. V. S. deu mais uma prova da proverbial hospitalidade brasileira, e orgulhoso me sentirei na minha terra de contal-a a todos e de mostrar n'esta minha producção quem é o illustre e cavalheiroso Redactor do JORNAL DO RECIFE.

Rogar-lhe-hei o favor de apresentar os meus agradecimentos aos seus empregados — o Sr. Almeida Cunha, esse mimoso poeta, seu illustrado revisôr; ao Sr. Juvencio Cesar, seu administrador, e aos Srs. Compositor e Impressores, que tanto capricharam na edicção de uma obra, que, se não os honra pelo lado litterario, typographicamente é um padrão de seus talentos e zelo artistico.

De V. S.

AMIGO E CRIADO OBRIGADISSIMO

Cesar de Lacerda.

Recife.--Typ. do Jornal do Recife--1867.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).